



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**KÁSSIA MOTA DE SOUSA**

**POR ONDE ANDOU NOSSA FAMÍLIA: VEREDAS E NARRATIVAS DA HISTÓRIA  
DE FAMÍLIAS AFRODESCENDENTES NO PÓS-ABOLIÇÃO.**

**FORTALEZA, CE**

**2015**

**KÁSSIA MOTA DE SOUSA**

**POR ONDE ANDOU NOSSA FAMÍLIA: VEREDAS E NARRATIVAS DA HISTÓRIA  
DE FAMÍLIAS AFRODESCENDENTES NO PÓS-ABOLIÇÃO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, atividade obrigatória para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Junior.

**FORTALEZA, CEARÁ**

**2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- S697p      Sousa, Kássia Mota de.  
            Por onde andou nossa família : veredas e narrativas da história de famílias afrodescendentes no pós-abolição / Kássia Mota de Sousa. – 2015.  
            173 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.  
            Área de Concentração: Educação brasileira.  
            Orientação: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior.
- 1.Sousa,Família. 1.Famílias negras – Juazeiro do Norte(CE). 2.Cultura afro-brasileira – Estudo e ensino – Juazeiro do Norte(CE). 3.Educação multicultural – Juazeiro do Norte(CE). 4.Juazeiro do Norte(CE) – Relações raciais. 5.Brasil.[Lei Nº10.639, de 9 de Janeiro de 2003]. I. Título.

---

CDD 981.31092396

**KÁSSIA MOTA DE SOUSA**

**POR ONDE ANDOU NOSSA FAMÍLIA: VEREDAS E NARRATIVAS DA HISTÓRIA  
DE FAMÍLIAS AFRODESCENDENTES NO PÓS-ABOLIÇÃO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, atividade obrigatória para obtenção do título de Doutora em Educação.  
Área de Concentração: Educação Brasileira.

Sessão Ocorrida em 12 de Junho de 2015.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Henrique Cunha Junior (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

---

Profa. Dra. Cícera Nunes  
Universidade Regional do Cariri - URCA

---

Prof. Dr. Kabengele Munanga  
Universidade de São Paulo - USP

A população afrodescendente de todo o mundo.

## AGRADECIMENTOS E / OU A HISTÓRIA DE UMA TESE

E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar.

É tão bonito quando a gente pisa firme nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos. É tão bonito quando a gente vai à vida nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração.

E aprendi ...

Caminhos do coração de Gonzaguinha, 1982.

Desafio tão grande quanto escrever esta tese, foi utilizar apenas poucas páginas para agradecer as pessoas e instituições que fizeram parte desta minha trajetória, que é muito mais longa que os 46 meses de doutoramento. Para além da formalidade, desejo que estes agradecimentos expressem meus sentimentos com relação àqueles que são minha família e conformaram uma rede de solidariedade, afeto e carinho, permitindo-me chegar até aqui.

Devo contar que esta não foi uma caminhada breve, mas uma travessia que parecia sem fim, principalmente pelas intercorrências pessoais de toda ordem, que me atropelaram. Houve um momento que acreditei não ser possível, onde já se viu escrever tese em hospital psiquiátrico! Aqui si viu. Entre hospitais psiquiátricos, clínicas de desintoxicação, momentos de esperança, sobreposto por momentos ingratos de muito sofrimento escrevi esta tese.

Quando a submeto ao meu conceito de excelência acadêmica, entendo que escrevi apenas o possível diante dos percalços de uma vida que tem urgência em ser vivida. Muitos capítulos se perderam no caminho entre a saudade de Juazeiro, o bar onde meu pai estava e me telefonava na madrugada para eu ir buscá-lo, as emergências, as reuniões de família, as viagens em família, os trabalhos que pagam as contas...

E tão importante quanto descrever este meu caminho é dizer que a vida acadêmica da população afrodescendente é marcada por este terreno íngreme, por estas veredas, não chegamos até a universidade sozinhos, solitários, nossa chegada aqui, quase sempre representa um projeto familiar. E essa família nos acompanha no percurso da vida acadêmica. Como família que é, às vezes, impulsionando, às vezes sobrecarregando, cada família com sua história e nós, população afrodescendente, carregando esta história e vivendo essa vida acadêmica em família também.

E por isso é certo que preciso agradecer, pois durante estes percalços vocês (minha família e os amigos, que também são família) me impulsionaram, me animaram, compartilharam das angústias e dos sofrimentos, por esta *família* fui ninada. Dessa forma, dando continuidade à história, dedico algumas palavras àqueles que dela fazem parte direta ou indiretamente ou, ainda, pelo fato de simplesmente existirem.

Agradeço aos orixás, a minha mãe Oxum, ao meu Juazeiro, lugar de partida e de chegada, ventre do meu mundo.

Início pelos meus antepassados africanos e afrodescendentes, que me abençoaram com a tarefa de construir nossa história. Em vários momentos duvidei da possibilidade de executá-la só, certamente não teria sido possível fazê-la sozinha, esta tese torna-se realidade quando entendi que para além de mim, havia uma família e um mundo de histórias a contar, assim acredito que esta tese é o “*era uma vez*” e nós ainda temos muito a escrever.

Agradeço a minha tia-avó Noêmia sua existência e generosidade, quando criança acolhia-nos em sua casa, aos domingos com saborosas peixadas, sinto saudades, no fim da tarde nos oferecia bolos ainda quentinhos, feito seus abraços. Durante nossas tardes de conversas, busquei ser acolhimento, a velhice solitária é minha culpa também, relaciona-se com a incompetência de conformar famílias ampliadas, relaciona-se com as perdas nunca recuperadas, mas, não se relaciona com desamor. Tia Noêmia com amor dedico-lhe esta tese.

A minha mãe e meu pai, agradeço não em nome do tempo presente, mas, do tempo passado, onde eles fizeram a opção pelo projeto da escolarização para meus e irmãos e eu. Agradeço pela escola paga, não sem atraso; pela mochila comprada, parcelada e reutilizada no ano seguinte, não sem choro; pelos livros, cadernos... Foram nesses cadernos que vocês iniciaram a escrita de nossa história que agora retomo.

Acácio e Aécio, agradeço aos meus irmãos, que figuram no topo daqueles que realizaram sacrifícios para que este caminho fosse trilhado.

Ao meu amor, Anastácio, quem esteve presente acreditando, colaborando e oferecendo todo o suporte afetivo e técnico necessário. Para ele eu dedico o meu trabalho, tendo a certeza que o olhar, o abraço e as demonstrações de afeto contribuíram para a minha inspiração e criatividade. O amor resistiu aos quatro anos de trabalho intenso, superou as angústias e, como não poderia deixar de ser, tornou menos difícil suportar todos os obstáculos com a serenidade que só o amor oferece.

Agradeço aos meus filhos, Pedro e Bonita, de quem esta tese furtou muitos fins de semana, viagens e momentos festivos. E a dedico aos filhos vindouros, que ao nascerem conhecerão a nossa história e com elas serão ninados.

A minha casa e família de santo que cuidam de mim todos os dias, ao meu querido Babá, Pai Bira e sua inesgotável sabedoria e generosidade em repassá-la, há professores, mestres que a escola ainda não soube reconhecer.

Aos companheiros, dessa aventura singular, que é a pós-graduação para o nosso povo negro, Juliana de Souza, Sílvia Maria, Raíssa Almeida, Rita Felix, e Wellington Pará, com o desejo de que possamos compartilhar de outras aventuras.

Aos amigos que vibram e emanam sincero desejo que tudo dê certo, pela escuta fiel, pelo colo amigo, Raquel Dias, Edelângia Baima, Karol Ferreira, Goreth Albuquerque.

A família de Anastácio, que também é minha família. Linda conexão que veio com o laço conjugal e se mantém pela acolhida, cuidado e amor sincero.

Agradeço especialmente ao meu orientador Henrique Cunha, com quem desejo parcerias para a vida, grande mestre, de uma generosidade inesgotável, sensibilidade à flor da pele e rigor acadêmico só o necessário, para que a vida seja bela. Sua orientação não se esgotou neste texto, se ampliou pela vida, gratidão meu querido orientador.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte desta caminhada, Ângela Linhares, Ivan Lima, Rosa Barros, Kabengele Munanga, Celecina Sales, Cícera Nunes, que contribuíram com suas orientações e foram fundamentais para o resultado alcançado.

Agradeço aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.

O presente trabalho foi realizado com ajuda financeira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



## RESUMO

A tese parte da história da família Sousa, durante meados do século XX e XXI, em Juazeiro do Norte, para reconstruir a história da cidade, demarcando a presença afrodescendente e sua importância no desenvolvimento cultural, urbano de Juazeiro do Norte. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento e a sistematização do campo teórico da Afrodescendencia, um campo de pesquisa que parte da particularidade, do local, em busca de construir uma história da população afrodescendente produzida por ela mesma, e onde os protagonistas sejam esta população e seus ancestrais que construíram e constroem a riqueza deste país. A tese tem como objetivo principal ser mais um instrumento de luta e teórico para a implementação da lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, na medida em que esta tese subsidia a produção de material didático. Metodologicamente traçamos um caminho particular que entrelaça as metodologias advindas da revolução historiográfica da escola dos Annales: autobiografia, histórias de vida, narrativas, oralidade, memórias de velhos, fotografias... ao uso das redes sociais virtuais para construir a história do tempo presente, numa perspectiva fundamentada na importância do desenvolvimento da Afrodescendência como campo de saber. E neste sentido, rever a história da população afrodescendente no Ceará, inscrevendo-a num período em que a produção historiográfica existente a invisibilizou.

**Palavras-chaves:** Afrodescendencia – História de família – Educação – História da população afrodescendente – Juazeiro do Norte.

## ABSTRACT

Starting from the Sousa family history during the twentieth and twenty-first centuries, in Juazeiro do Norte-CE Brazil, the thesis rebuilds the city's history, marking the Afro-descendant presence and its importance in the cultural and urban development of the city of Juazeiro. This work aims to contribute to the development and systematization of the theory of Afrodescendency, a research field that part of the particularity of the place, seeking to construct a history of the Afro-descendant population produced by herself, and where the protagonists are this population and their ancestors who built and build the wealth of this country. The thesis aims mainly to be a theoretical instrument of struggle for the implementation of Law 10.639 / 2003 establishing the obligation of the history and African-Brazilian and African culture teaching in basic education, subsidizing the production of didactic materials. In this respect too, review the history of the Afro-descendant population in Ceará, signing up to a period when the historiographical research made her invisible.

**Keywords:** Afrodescendency- Family History - Education - History of Afro-descendant population – Juazeiro do Norte-CE Brazil.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Convite e fotografia do casamento dos meus pais Ozileide e Leandro.....	44
Figura 3 - Minha primeira fotografia.....	48
Figura 4: Fotografia de reuniões familiares, batizados de Acácio e Kássia.....	48
Figura 5 - Meu pai e eu em visita ao seu trabalho, Instituto Médico Infantil do Município de Juazeiro do Norte - IMIJUNO. ....	49
Figura 6 - Festinha da escolar (Imagem A).....	51
Figura 7 - Festinha da Escola (Imagem B).....	51
Figura 9 - Teatro na escolar, espetáculo Zumbi dos Palmares, protagonizando Zumbi. ....	53
Figura 10 - Reunião de família, minha primeira comunhão. ....	54
Figura 11 - Fotografia, registro da formatura do ensino fundamental do meu irmão Acácio. ....	54
Figura 12 - Fotografia do meu pai, durante viagem de trabalho a Juazeiro do Norte (2000). ....	56
Figura 13 - Mapa de Distribuição dos trabalhos sobre Afrodescendência pelo Brasil. ....	67
Figura 14 - Gráfico Categoria Cultura nas pesquisas Afrodescendentes. ....	68
Figura 15 - Categoria Religiosidade nas pesquisas Afrodescendentes.....	70
Figura 16- Mapa da Região do Cariri. ....	75
Figura 17 - Sobrado dos Bezerra de Menezes, em Juazeiro do Norte, citado por meu pai e tia-avó.....	93
Figura 18 - Sobrado dos Bezerra de Menezes, em Juazeiro do Norte, foto da entrada dos fundos. Citadas nas memórias de meu Pai e Tia-avó.....	93
Figura 19 - Estrutura Espacial do Povoado de Juazeiro no século XIX.....	104
Figura 20 - Mapa da expansão urbana de Juazeiro do Norte entre 1870-1930. ....	106
Figura 21 - Área periférica de Juazeiro do Norte em 1970, hoje região de moradia da família Sousa a partir de 2000. ....	108
Figura 22 - Grupo familiar virtual criado no processo de pesquisa. ....	115
Figura 23 - Árvore genealógica familiar constituída a partir da pesquisa. ....	116
Figura 24 - Fotografia do meu avô, José Izidro de Souza, compartilhada através do grupo “Os Descendentes” na rede social facebook. ....	117
Figura 25 - Monóculos com as fotografias de família da tia-avó Noêmia.....	121
Figura 27 - Fotografia de Família, casamento de Noêmia e Manoel (22/05/1975). ....	122
Figura 28 - Fotografia de minha bisavó no Horto, em Juazeiro do Norte, data - desconhecida. ....	122
Figura 29 - Documentos Cartoriais que atestam a dupla nomeação de minha bisavó, Mariinha de Izidro.....	123
Figura 30 - Ponto A – Palmeira dos Índios AL, Ponto B – Juazeiro do Norte CE. Trajeto Realizado no ano de 1949, pelo meu avô, já adulto, juntamente com sua mãe recém-viúva e seus 10 irmãos e 02 sobrinhos. ....	126
Figura 31 - Vista da Cidade de Juazeiro do Norte CE do alto do bairro do Horto, provavelmente, lugar de origem da minha avó paterna, Maria Leandro de Sousa.....	126

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Produção sob as bases da Afrodescendencia nos últimos anos do século XXI, Universidade Federal do Ceará.....	62
Tabela 2 - Categoria de Análise Educação.....	64
Tabela 3 -Propriedades e Escravos no Cariri (1850-1884). ....	85
Tabela 4 - Genealogia da Família Sousa. ....	128
Tabela 5 - Trajetória de Escolarização da Família Sousa.....	141
Tabela 6 - Trajetória Profissional da Família Sousa.....	146

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
USP	Universidade de São Paulo
UFC	Universidade Federal do Ceará
URCA	Universidade Regional do Cariri
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
TRAD	Tradutor

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>2 POR QUE É DIFÍCIL DE DIZER QUEM SOU: AUTOBIOGRAFIA AFRODESCENDENTE .....</b>	<b>36</b>
2.1 <i>Dona Maria mandou dizer que não estar: As experiências de rejeição e racismo dentro do ambiente familiar. ....</i>	41
2.2 <i>Quase uma ascensão social, quase brancos. ....</i>	53
2.3 <i>A escravatura atual, o alcoolismo. ....</i>	56
2.4 <i>O Cheiro da siriguela, da palha do fogão a lenha: Lembranças da minha avó pretinha. ....</i>	58
2.5 <i>Da dificuldade de falar sobre mim a compreensão de que é urgente escrever sobre nós. ....</i>	60
<b>3 TEORIA AFRODESCENDENTE: CONHECIMENTO DO MUNDO, CONHECIMENTO DE NÓS. ..</b>	<b>63</b>
3.1 DELINEANDO O CAMPO EPISTEMOLÓGICO DA AFRODESCENDÊNCIA .....	64
3.2 CATEGORIA DE ANÁLISE 1 – EDUCAÇÃO. ....	64
3.3 CATEGORIA DE ANÁLISE - BAIRROS DE MAIORIA AFRODESCENDENTE.....	69
3.4 A TEORIA AFRODESCENDENTE E OS ESTUDOS SOBRE JUAZEIRO DO NORTE. ....	72
<b>4 AS ORIGENS ÉTNICAS DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DO CARIRI E OS MARCOS ÉTNICOS. ....</b>	<b>75</b>
4.2 SOBRE A FUNDAÇÃO DE JUAZEIRO DO NORTE E A POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE.....	89
4.3 DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE. ....	102
<b>5 DOS ANNALES À HISTÓRIA AFRODESCENDENTE: APONTAMENTOS SOBRE TEORIA E METODOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA AFRODESCENDENTE.....</b>	<b>110</b>
<b>6 QUEM CONTOU ESSA HISTÓRIA? NARRATIVAS DE TIA NOÊMIA.....</b>	<b>120</b>
6.1 RELATOS SOBRE A FAMÍLIA. ....	125
6.2 RELATOS SOBRE A INFÂNCIA: POR UM CONCEITO DE INFÂNCIA: CRIANÇA PRA ACENDER CACHIMBO? ....	129
6.3 O COTIDIANO DA INFÂNCIA AFRODESCENDENTE NO PÓS-ABOLIÇÃO. ....	137
6.4 RELATOS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO. ....	142
<b>7 CONCLUSÕES .....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>158</b>
<i>Conversa registrada na tarde de 05 de agosto de 2013. ....</i>	158
<i>Conversa registrada na tarde de 14 de agosto de 2013. ....</i>	164

## 1 INTRODUÇÃO

Quando pela garganta  
 desce abrupta mão,  
 nenhum punho fechado pode  
 transmutar nosso canto livre  
 Em grito  
 Há sede é verdade,  
 esse ardor pelo espaço usurpado  
 e nervos  
 sem declinar de qualquer sentimento gentil  
 salvo a palavra bruta.  
 Tudo o que transporta o ar,  
 nós revelamos.  
 Sonhamos coisas que existirão,  
 ainda que você sempre duvide.  
 Nem todo o privado de visão é cego;  
 quem rala a alma pelo lado de fora  
 sim.  
 Ventre armazenado de calor.  
 Negro, a cor de princípios.

Quando pela garganta de Paulo Colina

O presente trabalho (re)constrói a História da População Afrodescendente em Juazeiro do Norte, Ceará. A Lei 10.639/2003<sup>1</sup>, o Parecer CNE/CP 03/2004<sup>2</sup>, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e a Resolução CNE/CP 01/2004<sup>3</sup>, que detalha os direitos e obrigações dos entes federados como a implementação da Lei, compõem um conjunto de dispositivos considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos 2000.

<sup>1</sup> A Lei 10.639/2003 altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

<sup>2</sup> O Parecer CNE/CP n 3 de 10 de março de 2004 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

<sup>3</sup> O Parecer CNE/CP 01/2004 visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/200, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

Essas legislações e seus dispositivos impõem a necessidade de uma mudança estrutural e simbólica, que abrange a adoção de princípios afirmativos pelas instituições educacionais, contrários à apologia do mito da democracia racial, garantindo assim, a efetivação dos direitos sociais educacionais da população afrodescendente.

Neste sentido há uma série de ações a serem colocadas em prática, na perspectiva de enraizamento das legislações afirmativas nos sistemas de ensino. A produção de material didático é uma destas ações urgentes, onde a nossa tese busca contribuir na elaboração destes materiais didáticos através da construção da história da população afrodescendente em Juazeiro do Norte durante o século XIX e XX.

A proposta surge num contexto de invisibilização da história da população negra. O município de Juazeiro do Norte tem sua fundação em 1911 e seus marcos étnicos são desconhecidos, pois a história produzida sobre a cidade se assenta num discurso que afirma a condição social dos primeiros habitantes pobres, retirantes de todo o nordeste, contudo não demarca a cor desta população. Nossa tese busca inscrever a população afrodescendente neste contexto histórico.

A história local se assentou sobre o discurso de democracia racial e, sendo a fundação da cidade posterior à abolição da escravatura no Brasil, os historiadores não se preocuparam em inscrever a história da população negra, nossa história, na historiografia local, seguindo então os passos da historiografia nacional que ainda não tratou devidamente a história do pós-abolição. Daí decorre, a ausência dos marcos étnico na história local, nosso trabalho busca preencher esta lacuna.

Esta lacuna historiográfica se expressa nas salas de aulas e nas escolas de Juazeiro do Norte e do Ceará, outras pesquisas, como Nunes (2008, 2010)<sup>4</sup> e Ferreira (2011)<sup>5</sup> desenvolvidas em nosso programa, dão conta desta ausência negra no sistema educativo juazeirense e cearense.

---

<sup>4</sup> NUNES, Cícera. **O reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/03. 2007.** 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

NUNES, Cícera. **Os congos de milagres e africanidades na educação do Cariri cearense.** 2010. 148f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

<sup>5</sup> FERREIRA, Reginaldo. **Pedagogias de Transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE.** 2011. 273f. Dissertação de mestrado. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.



Nossa invisibilização na escola é um elemento de expressão do racismo institucional<sup>6</sup> e provoca sobre nossa população um sentimento de não pertencimento àquele espaço. Se a escola não é capaz de incorporar nossas experiências históricas, por que devemos frequentá-la? O apagamento da população africana e afrodescendente dos materiais didáticos tem caráter racista. Como também são racistas, as abordagens pejorativas de nossa história.

O estudo da história da população afrobrasileira limitado ao período escravagista e compreendendo como única possibilidade de existência africana e afrodescendente a escravidão e o cativo é um exemplo de uma abordagem superficial da nossa história, que produz uma historiografia racista, que causa profundos danos na construção da identidade brasileira, independente do pertencimento racial.

Partindo da nossa experiência enquanto aluna afrodescendente, recordamos que quando a abordagem histórica nos objetivava e tratava da nossa história a partir, unicamente, do prisma do colonizador era profundamente desconfortável perceber-se nas imagens dos livros didáticos, pois, na maioria se relacionava com situações de violência, de degradação dos corpos e mentes de nossos antepassados.

Denunciando este caráter racista da historiografia brasileira, Ratts (2006), resgata um discurso de Beatriz do Nascimento, intelectual de Beatriz Nascimento mulher, negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta, ativista, pensadora, demarcando o seu ponto de vista como historiadora, que se relaciona com nossas reflexões:

Quando cheguei na universidade a coisa que mais me chocava era o eterno estudo sobre o escravo. Como se nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra pra fazenda e pra mineração. (RATTS, 2006, pág. 41)<sup>7</sup>.

Inscrever a história de nossa população nos livros de História significa dar sentido ao conhecimento que é reproduzido nas salas de aula, que de tão distante de nós, afrodescendentes, torna-se desinteressante.

Ao comparar a escolaridade de brancos e negros, medida pelo número de anos de estudo efetivamente concluídos, é possível perceber que a escolarização continua sendo um desafio para a população afrodescendente. De acordo com os dados do IPEA<sup>8</sup> de 2012, temos que A proporção de pessoas brancas com doze anos ou mais de estudo é de 22,2%, enquanto entre os negros aumentou é de 9,4%. Para nós um dos fatores da nossa difícil vida escolar refere-se ao fato de a

---

<sup>7</sup> RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento. Imprensa Oficial São Paulo, 2006, p.41.

<sup>8</sup> BRASIL. Situação social da população negra por estado / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília: IPEA, 2014.

escola brasileira é eurocêntrica e racista da escola, que agregado com a nossa situação social, se apresenta como um empecilho para nossa escolarização.

A forma como somos representados na escola, o racismo expresso nos currículos, nos conteúdos didáticos precisam ser corrigidos, a fim de tornar a escola um espaço realmente democrático de acesso, permanência.

E é neste sentido que caminha esta tese, ao rever a história da população afrodescendente no Ceará, inscrevendo-a num período em que a produção historiográfica existente a invisibilizou.

O lugar Juazeiro do Norte, a presença afrodescendente nesse território e a relação com a escola são elementos de pesquisa que tenho pontuado ao longo da vida acadêmica. Na pesquisa de mestrado busquei compreender significados e sentimentos que as crianças candomblecistas construíam sobre as suas experiências escolares. Optei por conhecer, ouvir e acompanhar 5 crianças candomblecistas do terreiro Ilê Axé Gitofalogi, em Juazeiro do Norte, para adentrarmos em suas experiências escolares. Além de ouvir as crianças, realizamos também entrevistas com adultos da comunidade, com professores, coordenadores e fizemos observações nas escolas onde as mesmas estudavam.

A escuta, a observação da realidade, as entrevistas com as comunidades religiosa e escolar nos demonstraram que as crianças candomblecistas, por seu pertencimento religioso, são vítimas de discriminações várias. Percebemos que a intolerância religiosa contra o candomblé e as religiões de matriz africana é mais um mecanismo de reprodução da ideologia do racismo. Realizamos uma reflexão sobre a realidade escolar juazeirense, a partir da Lei 10.639/03, discutimos a ministração do Ensino Religioso e a presença dos signos de fé católica dentro dos ambientes escolares.

A análise sobre o ensino vivenciado pelas crianças juazeirenses pesquisadas, no trabalho chamadas de erês, nos possibilitou concluir que crianças candomblecistas são vítimas de racismo em suas escolas, sejam elas públicas ou particulares. Seus agressores podem ser professores, alunos, materiais didáticos e, bem como, as práticas educativas. Concluimos também que, o ensino religioso promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará, aplicado no município de Juazeiro, se não for criticamente analisado pode constituir-se como mais um espaço para a prática de discriminações múltiplas e intolerâncias religiosas, ao promover o catolicismo, em detrimento de inúmeras outras crenças religiosas às quais as crianças estudantes guardam identidade e pertencimento.

E, para além dos ganhos acadêmicos, a partir da pesquisa adentrei neste universo que se mostrou tão próximo a mim, era como um retorno a minha casa. Meu babalorixá, Pai Bira,

e a família do Terreiro Ilê Axé Gitofalogi acolheram a mim e a minha família biológica e, a partir de então, tem sido eles quem me ensinam as tradições, me iniciaram e me acompanham pelos caminhos sagrados, me ligando a minha ancestralidade.

Contudo, quando pensei na minha ascendência biológica, atentei para o fato de que eu, acadêmica/militante da implementação da Lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino da História da África e Afrodescendentes, desconhecia as minhas raízes negras, africanas e afrobrasileiras, meus antepassados e que suas histórias me foram negadas ao longo de toda a minha vida.

Buscando a ancestralidade dos terreiros de Candomblé em Juazeiro do Norte, a princípio meu objeto de pesquisa eram os terreiros de Candomblé e Umbanda de Juazeiro do Norte, percebi que nada sabia sobre os meus antepassados negros. Descobri-me como uma mulher negra e pesquisadora, descobri parte da minha ancestralidade, mas abriu-se uma lacuna em meu interior sobre a minha origem negra. Desde então, esta inquietação e esse desconhecimento tornaram-se nova motivação de pesquisa.

O desconhecimento da minha história afrodescendente tem origem num modelo historiográfico adotado desde a escola primária até o ensino superior marcado pelo racismo, no qual a população negra só tem seus registros enquanto escravizadas, após a abolição há a invisibilização das trajetórias desta população.

A partir desta compreensão vi transformado o meu “objeto” de pesquisa do doutoramento, resolvi buscar as minhas raízes históricas e neste movimento contar a história da população afrodescendente de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, meu lugar de origem.

Vi o objeto de pesquisa transformar-se em sujeito da pesquisa, aquele que a faz e que a vive também, eu e os meus e nossas histórias vivenciadas durante o período pós-abolição aos dias de hoje. Sentia-me arauto.

A ideia de dívida é inseparável da de herança. Somos devedores de parte do que somos aos que nos procederam. O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, mas diremos também submeter a herança a inventário. (RICOEUR, 2012, p.101)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 101.

Assim, o objetivo deste trabalho é resgatar a história da Família Sousa, minha família Negra<sup>10</sup>, que hoje encontra-se dispersa pelo Brasil, residindo nas periferias das cidades de São Paulo-SP, Fortaleza - CE e Juazeiro do Norte no Ceará-CE. Nosso desejo era resgatar a história de nossos antepassados, avós e bisavós, percebendo seus processos de vida no pós-abolição<sup>11</sup> brasileiro e abordar 03 gerações de uma mesma família, partindo de suas trajetórias pessoais entendendo o contexto sócio histórico brasileiro dos negros após a abolição da escravatura.

Assim, este trabalho dialoga com um campo que a historiografia categorizou como micro-história ou história local<sup>12</sup>. Este paradigma surgido na década de 1970 é responsável pela ampliação dos estudos de caso onde há espaço para a Cultura, para a liberdade em relação ao determinismo socioeconômico, e para os indivíduos, que antes só eram percebidos como rostos na multidão (Burker, 2005)<sup>13</sup>.

A Micro-história introduz as experiências individuais, locais, o “microscópico”, permitindo uma aproximação do trabalho do historiador ao trabalho do antropólogo e se opõem as narrativas grandiosas da historiografia, a história triunfalista, do progresso, da ascensão da moderna civilização ocidental, pela Grécia e Roma antigas, a Cristandade, Renascença, Reforma, Revolução Científica, Iluminismo, Revolução Francesa e Industrial.

Ainda que nosso trabalho dialogue com este paradigma histórico, é preciso dizer das dificuldades de se encontrar metodologicamente e teoricamente, mesmo dentro deste paradigma. Esta dificuldade tem relação com nosso “objeto” de pesquisa e seu processo e definição. Por vezes a academia nos faz crer que os trabalhos já nascem prontos, a sensação que temos ao ler as teses e dissertações que nos chegam, é de que estes trabalhos tem uma trajetória linear, contínua e progressiva, que seus autores acertadamente propõem suas teses e as comprovam, e nas construções de seus textos não há lugar para indefinições, descontinuidades, erros, reformulações, se os leitores me permitem a alusão: “estas teses não me representam!”<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Nasci em uma família mestiça, minha mãe e sua ascendência, os Mota são brancos, fazendeiros da região Centro Sul do Ceará. Já a minha família Negra, os Sousa, de onde descende meu pai é negra, com esta família tive ligações restritas e sua história me era desconhecida.

<sup>11</sup> O pós-Abolição aqui é entendido enquanto todo o processo de emancipação, não apenas o evento do 13 de maio de 1888, visto no decorrer do século XIX e nas legislações que foram sendo decretadas.

<sup>12</sup> A década de 1970 testemunhou a definição e ascensão de um novo gênero histórico, a micro-história, os historiadores italianos Carlo Ginzburg Giovanni Levi e Edoardo Grendi tiveram grande importância na constituição deste paradigma historiográfico.

<sup>13</sup> BUKER, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2005.

<sup>14</sup> Durante o mês de Junho de 2013 o Brasil viveu um processo intenso de movimentação social, primeiro sob a bandeira do não aumento de passagens urbanas, que tendo sido violentamente reprimido, levou às ruas milhões de pessoas que possuíam uma diversidade de reivindicações. Uma das bandeiras de luta era contra a indicação do

Não me representam por que o processo de construção deste texto tem me permitido uma outra experiência e, ainda que eu não a consiga trazer em sua inteireza, preciso falar dos encontros teóricos, das idéias que surgem na madrugada, dos dias dedicados à escrita de um único parágrafo, dos textos apagados, reescritos, abandonados e retomados como essenciais. Falo de uma trajetória descontínua, de um vagar, de um perambular à procura do texto final, e neste caminho o encontro derradeiro não é apenas com uma tese, é com a minha identidade.

“Sabemos, por último, que a resposta com êxito, à questão da identidade se traduz sempre numa reinterpretação fundadora que converte o déficit de sentido da pergunta no excesso de sentido da resposta” (SANTOS, 2010, p.136)<sup>15</sup>. Neste movimento da pesquisa, descrito por Boaventura de Sousa Santos, os elementos que a priori encontrei, foram: silêncio, vazio, ausências, esquecimento e abandono. E como fazer pesquisa com estes objetos? A Micro-história me fala de documentos marginalizados, fotografias, memória, história oral e quem me fala da negação, do esquecimento, da ausência de registro, dos desencontros? Estes são meus dados!

Estes caminhos me levaram a pensar a identidade e, para mim, é urgente um novo olhar sobre estas questões, na verdade para nós, já que esta é uma defesa também de Boaventura, autor escolhido para dialogar sobre a questão da identidade. Com ele, compreendemos que as identidades culturais não são rígidas, nem imutáveis, sendo como o autor define: “resultados transitórios e fugazes de processos de identificação” (2010:35).<sup>16</sup>

A recontextualização das identidades exige, nas condições actuais, que o esforço analítico e teórico se concentre na dilucidação das especificidades dos campos de confrontação e de negociação em que as identidades se formam e dissolvem e na localização dessas especificidades nos movimentos de globalização do capital e, portanto, no sistema mundial. Para além disso, toda a teorização global será pouco esclarecedora. (SANTOS, 2010, 148)<sup>17</sup>.

É preciso pensar sobre as necessidades de distinção e particularização, Boaventura adverte ser “crucial” entender quem e porque se pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados. Apesar de conhecer o autor, estas questões só me surgiram quando inquerida pelo meu orientador, já no processo de escrita para

---

Deputado Feliciano ao cargo de Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara de Deputados, neste momento ficou popular, em cartazes, faixas e gritos a seguinte palavra de ordem “Feliciano não me representa!”.

<sup>15</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010, p.136.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p.35.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 148.

a qualificação. Ao me dizer que era preciso fazer um esforço de compreensão acerca dos conceitos de cultura, identidade, localidade e educação, entendendo serem eles problemas contemporâneos que uma corrente pós-moderna tende a negar, “como se o mundo tivesse virado um imenso liquidificador e nada podemos fazer diante das pás da sua hélice”, meu orientador me levou a Boaventura, que me levou de volta a mim.

Então a minha reflexão aqui é sobre a minha identidade, e ainda que algumas categorizações possam ser facilmente atribuídas: mulher, afrodescendente, nordestina, mas mesmo estas guardam particularidades: como entender-se afrodescendente crescida numa família branca? Como entender-se nordestina, quando nascida no chamado oásis do sertão, Região do Cariri, Sul do Ceará, de abundante vegetação e água? Como enquadrar-se socioeconomicamente, quando, mesmo morando em bairros populares, de aluguel, estudei em escola particular durante toda a trajetória escolar, acessei a bens culturais que meus vizinhos e parentes jamais ousaram sonhar e como estabelecer vínculos com esta comunidade, quando sinto-me e sou sentida como diferente, seja pelos projetos de vida ou pela carreira profissional. E ainda, como estabelecer vínculos como a comunidade na qual hoje transito, quando sou a única negra do condomínio, a única professora negra do Departamento, a única cliente negra do salão de beleza, da loja, do restaurante...

Então, o que buscamos aqui é “virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam. Em outras palavras, procurar ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas” (JOSSO, 2004, p.38)<sup>18</sup>.

Neste sentido encontrei um acolhimento junto às discussões sobre História de Vida, quando temos que,

(...) tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir, guiada por um

---

<sup>18</sup> JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 38.

aumento de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a transformação da abordagem Histórias de Vida. (JOSSO, 2004:58/59)<sup>19</sup>.

E quanto mais nos debruçamos sobre nossa história, mais percebemos as singularidades que ela comporta e precisamos nos questionar o quanto a nossa experiência pessoal pode trazer respostas a questões históricas sociológicas, econômicas, até agora, não tocadas. Entender a compreensão de liberdade construída e perpetuada por uma família negra no início do século XX, na qual a mãe traz a experiência da escravidão e do trabalho “servil” em sua história familiar e o pai é quilombola da região de Palmares, como é o caso dos meus avós paternos, é importante dada a tradição historiografia vigente no Ceará, onde a retratação da população negra e afrodescendente se dá sempre a partir da condição de escravizados. E, mesmo quando pensamos o Nordeste, vimos que as pesquisas sempre se voltam para a zona rural e latifundiária, esquecendo-se de questionar que experiências esta população vivenciou em espaços urbanos.

As nossas opções metodológicas tinham, e continuam a ter, necessidade de reivindicar e criar um espaço, de justificar sua fundamentação, dando legitimidade à mobilização da subjetividade como modo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores dos relatos. (JOSSO, 2004, pág. 23)<sup>20</sup>.

E assim, nosso trabalho se antepõe a noção pós-moderna de identidade, que a concebe como globalizada, globalizante, vivendo num momento onde as subjetividades individuais são substituídas por uma noção de cidadão do mundo. Quem somos? Como nos vemos? Como pensamos que os outros nos vêem? Somos continuidade de nossa ascendência ou ruptura? A partir destas questões refletimos sobre identidades e identidades negras (atenção para o plural utilizado).

Se o enfoque, por exemplo, será no fato de ser uma mulher, negra, moradora de um determinado lugar, com uma determinada profissão. Cada uma dessas questões poderá ser um elemento de investigação, pois o que dará significado será a correlação entre o pessoal e o coletivo, as marcas que foram sendo feitas com as negociações entre os diferentes, seja por causa das migrações, seja pelos eventos sócios culturais gerais ou particulares que se desenrolam no decorrer do ciclo da vida. (ANDRE, 2007, p. 93)<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 58-59.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p.23.

<sup>21</sup> ANDRÉ, Maria da Consolação. **O Ser Negro: Um estudo sobre a construção das subjetividades em afro-descendentes**. Brasília: Universidade de Brasília/Instituto de Psicologia (Tese de Doutorado), 2007.p.23.

O processo de construção da cidadania ocorre a partir da tomada de consciência entre as diferenças entre “nós” e os “outros”, contudo, este “nós” não é homogêneo, não tem o mesmo grau de consciência, porque vive em contextos socioculturais diversos. Nosso trabalho pretende apresentar a nossa vivência e nosso processo de tomada de consciência e com isso ampliar a compreensão sobre a história da população afrobrasileira.

Entender os processos históricos pessoais e coletivos que contribuíram na construção da nossa identidade e de como esta se relaciona com estes aspectos é objetivo desta pesquisa, que busca todas estas análises para compreender a si mesmo, conhecer sua história de família e para situar a História da População Negra na História do estado do Ceará.

Neste sentido o desenvolvimento de um campo epistemológico que nos acolha, tem sido uma tarefa prioritária para nosso estudo. A Teoria tem autoria em Cunha Junior (2005) diz que,

A história social, pelas tramas do marxismo clássico, não conseguiu dar satisfatória notoriedade à especificidade dos africanos e dos afro-descendentes. Não conseguiu retirar do eixo das lutas de classe uma formulação que explicasse a particularidade da história e da cultura desenvolvidas pelos povos africanos e por seus descendentes. Entretanto, esta base teórica do marxismo clássico no Brasil é negra, devido aos significados dos aparatos ideológicos e coercitivos implementados trabalho capitalista é sintetizada pela situação de exploração dos descendentes de escravizados. Mesmo assim, a vida social não se explica apenas pela oposição que nos explique as inter-relações entre a cultura e a história social, sobretudo que leve em conta a base cultural africana. (CUNHA JR., 2005, p.251-252).<sup>22</sup>

Buscando a história da população afrodescendente, partimos da nossa família, em específico, na tentativa de construir uma história que não se propõe generalizante, que se reconhece a partir de uma particularidade, mas, busca entender alguns aspectos que marcam da população afrodescendente.

Os leitores encontrarão aqui nesta tese algumas histórias, personagens, gerações de uma mesma família buscando rememorar suas trajetórias enquanto família. A fragmentação das histórias relaciona-se com a forma como elas foram vivenciadas e apesar do esforço inicial do escritor, não foi possível torná-las compactas, retilíneas, com o caminhar da tese, compreendemos que estas características nos davam pistas de sua vivência, suas naturezas não foram transformadas para a nossa maior compreensão, registramos e analisamos esta

---

<sup>22</sup> CUNHA JR., Henrique. **Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira**. In: ROMÃO, Jeruse (org.) História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: MEC, 2005. p.251-252.



fragmentação, as lacunas e todas estas características que pra nós são marcas da história da população afrodescendente no Brasil.

A ausência de registros documentais oficiais ou ainda o pouco interesse da população afrodescendente em disponibilizá-los para estudo e sistematização da nossa história é uma realidade de pesquisa vivenciada e relatada por vários pesquisadores que tratam da população afrodescendente.

São aspectos do racismo, vestígios de uma história vivenciada em torno da negação, ignorados ao longo de tanto tempo, ainda ignoramos a importância de termos registrados nossas trajetórias, que ainda que pessoais, se inscrevem na história geral.

Compreendemos que estas questões só fazem desta escrita mais importante e urgente. E quando inqueridos pela sua viabilidade, pela consistência de suas fontes, sejam escritas ou orais, pela coerência cronológica, historiográfica, respondemos com o desejo de sobreviver, que produziu a força ainda não medida, capaz de driblar todas as adversidades e nos trazer aqui, descendentes de uma história a contar, que contraria a coerência, a lógica, a norma e que só mediante licença poética permite ter sua rima compartilhada nesta tese.

Para tanto a tese estrutura-se em 05 capítulos. O primeiro capítulo *Por que é difícil de dizer quem sou: Autobiografia Afrodescendente* percorre nossa história pessoal para a construção de um capítulo de narrativas, autobiográfico, sua escrita contraria a lógica da estrutura racista presente na sociedade que postula a não importância das vidas, trajetórias e histórias da população afrodescendente. A mesma lógica perversa que incentivou o esquecimento das histórias particulares dos meus familiares negros.

Neste capítulo, carentes de uma metodologia que nos amparasse e ante a dificuldade de registramos a nossa história, construímos um processo particular. A partir do nosso álbum de infância e da literatura negra costumamos nossas histórias de vida, pensando que estas histórias se completam, já que possuem o mesmo contexto e auxiliam na compreensão do racismo como elemento constituidor e recalcante de nossa identidade.

Do nascimento a vida presente, o capítulo rememora nossa histórias, problematizando as lembranças e os esquecimentos como documentos historiográficos importantes para a compreensão da história da população negra no pós-abolição brasileiro.

No capítulo 2 *Teoria Afrodescendente: Conhecimento do Mundo, Conhecimento de Nós*, realizamos um estado da arte da produção afrodescendente. Mapeamos esta produção ao longo dos últimos 20 anos, realizando um esforço de compreensão das temáticas abordadas nas pesquisas. Para tal, fizemos um levantamento das pesquisas realizadas sob a perspectiva epistemológica afrodescendente, são em torno de 30 trabalhos realizados entre dissertações e

teses desenvolvidos sob a orientação do Professor Henrique Cunha Junior<sup>23</sup> na última década do século XXI e depositados no repositório de teses e dissertações da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

São teses sobre política, educação, história, cultura, religião, educação, saúde, em diversas regiões do país, de norte a sul, realizando um esforço importante de compreensão da população afrodescendente fora do eixo do sudeste, ou ainda do estado da Bahia, permitindo assim, nossa compreensão no contexto nacional. Analisando geograficamente, outro papel importante deste campo epistemológico, tem sido a preocupação com os espaços sociais diversos onde houve e há a participação da população africana e afrodescendente, saindo do recorte da senzala, do rural, do quilombo e adentrando em outros espaços onde outrora não havia registro desta população e realizando este mapeamento, como as cidades e os espaços urbanos. Este capítulo tem como objetivo registrar nossa contribuição para a estruturação da Afrodescendência como campo epistemológico de pesquisa no Brasil.

O 3º capítulo, *As origens étnicas da cidade de Juazeiro do Norte*, se desenvolve situando a população afrodescendente e nossa família no tempo e espaço ao longo da história de Juazeiro do Norte. Desde a sua fundação, revisando assim a historiografia da cidade que não pontuou a existência da população afrodescendente até os dias de hoje, quando a segregação urbana e racial nos marginaliza e nos aloca na periferia da cidade onde vivenciamos um processo de exclusão aos bens sociais que desafia a nossa cidadania.

Nossa investida nesta abordagem historiográfica se ancora na terceira geração da Escola de Annales, que possibilita aos historiadores se referir a uma realidade histórica que tenha efetivamente existido da maneira conforme o historiador a apresenta, e no limite se coloca a possibilidade de que a historiografia não seja mais do que ficção literária. Além disto, as meta-narrativas – grandes discursos ou concepções que costumavam ver na história um sentido, uma finalidade, um sistema extremamente coerente ou uma caminhada inevitável regida pelo progresso – começam a perder a credibilidade, introduzindo-se com isto um novo ambiente cultural, que diversos autores denominam “pós-modernidade” e que dá importância à micro-história.

Assim, nos opomos a tradição historiográfica cearense que negou a escravatura no Ceará, sob a legativa de que o processo econômico desenvolvido no Ceará não permitia espaço para essa mão de obra escrava, e assim, afirmou a inexistência de uma população negra, africana ou afrodescendente, nossos historiadores incorreram num erro crasso ao

---

<sup>23</sup> Há outras pesquisas e professores trabalhando sob a perspectiva da Afrodescendência, neste capítulo nos propomos a analisar somente os trabalhos realizados sob a orientação do Professor Henrique Cunha Jr.

compreender africanos e afrodescendentes unicamente sob a perspectiva escravizada. Dizemos que houve, sim, um processo de escravidão distinto no Ceará, que não anulou em nada suas características desumanizadoras, e que só tem fim devido às circunstâncias econômicas impostas pelo capitalismo.

Dizemos também ser possível construir uma história da cidade de Juazeiro do Norte que não tenha como centro a figura do padre Cícero Romão Batista. Rompemos com a tradição historiográfica Juazeirense de centrar sua história em dois eixos de análise: a biografia do padre Cícero e as romarias feitas ao Juazeiro pelos seus devotos, privilegiando sempre a figura de padre Cícero como fio condutor desta história e marginalizando outros atores protagonistas.

No capítulo 4 apresentamos nossas considerações sobre nossas escolhas teóricas e metodológicas *Dos Annales à História Afrodescendente: apontamentos sobre teoria e metodologia na construção da História Afrodescendente*. Ancorados na Nova História Social e na Teoria Afrodescendente, percorremos as narrativas biográficas e autobiográficas, o uso de fotografias, os recursos disponíveis na internet para transformamos as veredas em caminhos seguros de pesquisa. Neste capítulo traçamos paralelos conceituais entre a Nova História Social e a Teoria Afrodescendente, justificando os caminhos percorridos.

No 5º capítulo *Quem Contou esta História? Narrativas de Noêmia*, relatamos nosso processo de pesquisa marcado pela tentativa de reencontrar os parentes, agregar, aproximar uma família que mais que separada, fora esfacelada, é como uma flor que tem suas pétalas jogadas ao vento. Frente a isto, dedicamos este capítulo aos relatos de vida da Tia Noêmia, nossa tia-avô.

## 2 POR QUE É DIFÍCIL DE DIZER QUEM SOU: AUTOBIOGRAFIA AFRODESCENDENTE

Pareço Cabo-verdiana  
 pareço Antilhana  
 pareço Martiniquenha  
 pareço Jamaicana  
 pareço Brasileira  
 pareço Capixaba  
 pareço Baiana  
 pareço Cubana  
 pareço Americana  
 pareço Senegalesa  
 em toda parte  
 pareço  
 com o mundo inteiro  
 de meu povo  
 pareço  
 sempre o fundo de tudo  
 a conga, o tambor  
 é o que nos leva adelante  
 pareço todos  
 porque pareço semelhante  
 Constatação – Elisa Lucinda

É difícil escrever este capítulo autobiográfico, porque a sua escrita contraria a lógica da estrutura racista presente na sociedade e assimilada por mim também, por nós afrodescendentes, esta lógica postula a não importância de nossas vidas, trajetórias e histórias. É a mesma lógica perversa que incentivou o esquecimento das histórias particulares dos meus familiares negros.

Dentro de uma sociedade racista, uma mestiça como eu, é criada ignorando o pertencimento identitário negro, afastada da sua família negra e almejando aceitação e pertencimento na família branca. Este fato demonstra que a mestiçagem, por si só não atua na construção da democracia racial, e sim encrudescendo o racismo existente.

Obviamente que uma criança e/ou um jovem negro que vive em uma sociedade onde o elemento positivo, valorizado e afirmado é o sujeito branco; onde, nos espaços escolares, ouve cotidianamente professores/as relatarem que os mesmos são descendentes de “escravos” – e até mesmo o tema da escravidão nestes locais ainda é apresentado através de descrições estereotipadas da submissão e aceitação dos/as negros/as ao escravismo colonial. Nesse contexto, a história do seu povo é a história dos derrotados,

dos inferiorizados, dos de culturas folclóricas, e, ao abrir os livros didáticos que retratam as lutas e conquistas da população brasileira esses indivíduos não se vêem representados, não se enxergam e, não encontrando referencial, a médio e longo prazo esses sujeitos certamente sofrerão um cruel processo de anulação de sua identidade negra, enfim, de sua negritude. (BISPO, 2012, pág. 08).<sup>24</sup>

Nossos marcadores históricos, sociais, educativos, artísticos, de organização social, de memórias e narrativas foram desconsiderados como experiências válidas na construção da sociedade brasileira. E a nossa história foi construída a partir da perspectiva do “outro”, uma história que parte do princípio de produção de um conhecimento acerca de algo desconhecido, distante e diverso do autor.

Partimos de um ponto contrário, este capítulo, afirma a importância da afrodescendência na sistematização do conhecimento da população afrodescendente partindo do nosso olhar, das nossas memórias e narrativas para a construção da nossa história.

Contudo, compreendemos que conforme Batista (1998:16)<sup>25</sup> “na situação atual, o negro pode ser consciente de sua condição, das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sócio-cultural do racismo deixam inscritas em sua psique”. E afirmamos também, que o racismo anti-negro é perverso, que quanto mais escura a cor da pele, mais violento será o racismo vivenciado, mas, entendemos ser importante compreender os processos vivenciados pelos afrodescendentes em sua diversidade fenotípica, inclusive para entender a lógica do branqueamento e os processos de afirmação identitário afrodescendente.

Este capítulo se inscreve no campo dos estudos que compreende o racismo não apenas como fenômeno social, mas também, afirma suas implicações no campo da psique, “os efeitos perversos do racismo transcendem (vão mais além) os efeitos socialmente perversos em que se manifestam com maior visibilidade.” (BATISTA, 1998, p.18)<sup>26</sup>, como consequência deste fenômeno na psique, vivenciamos os processos narrados ao longo de toda esta tese, e principalmente no capítulo 5 que trata do esquecimento da história de nossa própria família, como elemento de fuga e sobrevivência, ante a desqualificação social que o negro sofre numa sociedade racista.

<sup>24</sup> BISPO, Silvana Santos. **Nós temos que falar sobre nós: Populações Negras e Lugares de fala.** 2012. Disponível em <[http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337109303\\_ARQUIVO\\_HISTORIAORAL-ARTIGO.pdf](http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337109303_ARQUIVO_HISTORIAORAL-ARTIGO.pdf)> acesso em 14 de Abril de 2015.

<sup>25</sup> BATISTA, Isildinha. **Significações do Corpo Negro.** 1995. 143f. Tese, (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. 1995. p. 16.

<sup>26</sup> Ibid., p. 18.

Este processo, para mim, foi naturalizado, e sobre ele é a primeira vez que faço uma reflexão, justamente para a escrita deste capítulo autobiográfico. Portanto, sou esta mulher afrodescendente, buscando nas suas memórias familiares, referências para a construção de uma tese, e para a minha construção, referências esquecidas e invisibilizadas, referências negadas, mesmo assim, referências compreendidas como estruturantes da minha existência.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLACK, 1992, p. 200-212).<sup>27</sup>

Aqui invocamos a memória não apenas como um registro da nossa existência, mas também para compreensão dos fenômenos sociais ocorridos com a população afrodescendente. Ainda que nosso objetivo não seja generalizar a nossa experiência, ao contrário, queremos através das particularidades desta (experiência) afrodescendente no Ceará, vislumbrar as possibilidades diversas de existência afrodescendente, ao iniciarmos este “inventário” findamos produzindo a historiografia da população afrodescendente cearense, porque nossa história é a História do Ceará.

O processo de escrita foi construído metodologicamente diante da dificuldade de elencar os acontecimentos e sua relevância para escrita “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. (POLLACK, 1992, pág.04)<sup>28</sup>. Compreendendo os diferentes elementos da memória, lugares, personagens, acontecimentos e ainda os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual, conforme nos alerta Pollack (1992)<sup>29</sup>, busquei a liberdade da escrita não fixada em uma cronologia progressiva.

Busquei uma liberdade que se aproxima da literatura, numa narrativa que busca fidelidade, apenas com os sentimentos vivenciados ao longo da vida. Um outro elemento importante, foi o medo de trazer a público histórias que não pertenciam só a mim, histórias familiares, a nós tão caras.

Em dissertação desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Monaliza Silva Rios (2011) analisa a escrita autobiográfica literária de Maya Angelou em *The Heart Of a Woman*, investigando questões sobre identidade

<sup>27</sup> POLLACK, Michel. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>28</sup> POLLACK, *op. cit.*, p.04.

<sup>29</sup> POLLACK, 1992, *passim*.

e subjetividade na escrita autobiográfica de mulheres negras. Em nosso auxílio ela desenvolve um capítulo sobre os segredos, silêncios e negociação das memórias, cita Foucault (1992)<sup>30</sup> quando trata da escrita de si,

O ato de tornar público o que é movimento interno recorre à escrita de si assim como o agressor se purga na confissão. Dessa forma, a narrativa constitui-se num alívio e uma dor indizível, mas que se quer relatada/revelada, ora como papel de prova de verdade, ora através de abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações e silêncio. (FOUCAULT, 1992, p.132. In: RIOS, 2011, p.62)<sup>31</sup>.

A autora estuda obras autobiográficas literárias, em nosso caso, há a intenção de análise e criticidade do texto autobiográfico, contudo nos esquivamos da preocupação de construção de uma história total, o que nos preocupa aqui é salientar a nossa posição de escritor, e de “sobrevivente” de nossa história.

E compreendemos que o ato de selecionar o que contar e o que não contar, não se caracteriza exatamente conforme a compreensão de Bourdieu (1996)<sup>32</sup> num “ato de ficção”, e sim, numa estratégia de sobrevivência, lembramos o poema Reinvenção de Cecília Meireles “A vida só é possível reinventada”. Assim este capítulo apresenta uma tentativa de releitura do passado, como modo de atualizar a experiência pessoal na escrita e ressignificação do presente.

Iniciei o processo de escrita do capítulo pela seleção de fotografias de momentos importantes da nossa família, nosso álbum trazia, assim como nossa história, alguns hiatos, pelo menos três mais importantes, são eles:

1. Devido à cultura de registrar só os momentos bons, não havia fotografia das perdas de emprego, dos falecimentos, das brigas, da separação.

2. Devido à separação de nossos pais e as dificuldades financeiras por nossa família enfrentada, há pelo menos 10 anos da nossa história sem fotografias para contar, não que não houvesse conquistas a comemorar, não fotografamos nossas aprovações nos vestibulares, não fotografamos também o término através de supletivo do ensino fundamental e médio pela minha mãe, a conquista da casa própria...

<sup>30</sup> FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

<sup>31</sup> SILVA, Monaliza Rios. **Maya Angelou e suas afroamericanidades: O Ritmo autobiográfico de The Heart of Woman**. 148f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011. p.62.

<sup>32</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In. AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História oral. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp 183-191.

3. Após a separação de nossos pais, vivenciamos mais de 10 anos de distanciamento do nosso pai, nós retornamos a residir em Juazeiro, com nossa mãe, e ele iniciou um processo de peregrinação e moradias de favores, só retornando ao nosso convívio, em meados de 2012. Assim, não há registros de nosso pai entre 2000 e 2012, quando ele esteve distante de nós.

Para dar conta dos hiatos fotográficos, busquei inspiração na literatura autobiográfica, ao longo deste capítulo trago uma série de citações do livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*<sup>33</sup> da autora negra Carolina Maria de Jesus, onde ineditivamente, temos o registro da favela a partir do olhar de quem nela mora, uma mulher, mãe, negra que tem seus “desabafos” publicados pela primeira vez em 1960.

### **2.1 Dona Maria mandou dizer que não estar: As experiências de rejeição e racismo dentro do ambiente familiar.**

Sou filha de mãe branca e pai negro, a primeira filha de um casamento que ocorreu às pressas diante da gravidez da minha mãe aos 19 anos. Meus pais eram vizinhos, morava na mesma rua, na cidade de Juazeiro do Norte, mas tinham trajetórias familiares diferentes.

Minha mãe, branca, nasceu em Tauá, Ceará, filha de um fazendeiro, Horácio Mota e sua segunda esposa Maria Gomes, em meados da década de 1970, meus avós maternos, decidem por influência da minha avó, morar na cidade, no espaço urbano e migram para Juazeiro do Norte. No processo de migração, compram uma casa na rua Dr. Floro Bartolomeu, onde vão morar com seus 10 filhos, dentre eles Ozileide, minha mãe.

Minha avó materna nunca escondeu sua predileção por alguns filhos e dentre eles não figurava a minha mãe, que na estrutura familiar possuía uma função semelhante a dos empregados domésticos, não tendo a oportunidade de estudar como seus irmãos tiveram. Dentre os 10 filhos de Horácio e Maria Gomes, Ozileide foi a única a casar-se com um negro, o único casamento multirracial da família. Na cerimônia da Igreja, apesar dos convites remetidos, não havia um único membro da minha família materna.

Meu pai, Leandro, filho de Maria Leandro e José Izidro, é 08 anos mais velho que a minha mãe. Meu pai e seus três irmãos, foram criados praticamente só pela sua mãe. Minha avó, uma mulher negra, analfabeta, lavadeira de roupas e artesã das palhas, seus chapéus de palha, protegeram muitas cabeças do sol forte de Juazeiro do Norte. Meu avô, José Izidro, foi um andarilho durante quase toda a sua vida, natural de União dos Palmares, chegou a Juazeiro

<sup>33</sup> JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2007.



a pé, com sua mãe viúva e seus irmãos, dentre eles minha tia-avó, Noêmia, personagem importante na construção desta tese. Meu avô não estudou, mas, trabalhou nos mais diversos ramos: jardinagem, agricultura, canaviais, indústria de plásticos... Sempre teve prazer por viajar, foi incompreendido pela minha avó e este foi motivo elencado por meu tio Fausto para a separação deles. Meu avô amava a liberdade, viajou por todo o Nordeste, onde encontrava trabalho, ficava mais um pouco.

Por conta destas andanças, separou-se da minha avó, que sozinha passou a criar seus 04 filhos. Dentre eles, meu pai, seus filhos foram todos escolarizados, frequentaram o ensino fundamental completo. Meu pai cursou o ensino técnico em eletricidade e trabalhava para um hospital particular da cidade, que ficava em frente da casa de minha avó materna. Ainda namorava com minha mãe, quando engravidaram e casou com ela, constituindo nossa família.

O casamento ocorreu contra a vontade da família de minha mãe, na cerimônia religiosa e na recepção, poucos foram os familiares de minha mãe que estiveram presentes.

Durante a minha infância, ouvi muitas vezes uma história sobre o dia do casamento, contavam que como minha avó e avô materno não estiveram presentes, após a cerimônia da Igreja, meus pais, por insistência do meu pai, foram até a casa dos meus avós maternos, Maria e Horácio Mota, solicitar as bênçãos. Meu avô que já era idoso, encontrava-se sentado na calçada de casa, e logo os abençoou, já a minha avó materna, que sempre foi uma mulher muita dura e racista, mandou que a empregada saísse e dissesse que ela não estava, ela só não contava que a empregada sairia e diria literalmente o que a minha avó mandara, assim, a empregada saiu e disse aos meus pais “Dona Maria mandou dizer que não estar”, anos mais tarde, quando já havíamos naturalizados os atos de racismo perpetuados entre a nossa família, este episódio transformou-se em uma piada familiar.

As relações inter-raciais no Brasil são amenas, se considerarmos o comportamento aparente dessas relações entre todas as raças e povos que aqui vivem. Sabemos, no entanto, que com o preto elas tomam um aspecto diferente. Sentimos, nós pretos, que a tolerância conosco camufla um profundo preconceito racial, que aflora nas mínimas manifestações, inclusive naquelas que aparentam ter um cunho afetivo. (RATTS, 2006, pág. 94)<sup>34</sup>.

Afirmar vivências de agressão racista, no seio familiar não é uma afirmação fácil, nem simples, pois para além do racismo sempre houve também, expressões de amor que não foram capazes de transplantar o racismo de nossa sociedade. E neste contexto familiar o revide é mais difícil ainda, seja porque as situações são revestidas de um ar de graça, de piada, seja

<sup>34</sup> RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**: Sobre a Trajetória de Vida de beatriz Nascimento. Imprensa Oficial. São Paulo, 2006. P. 94

porque enquanto crianças ou jovens a noção de respeito para com os mais velhos imperava, nos impedindo de fazer qualquer defesa nossa e principalmente, porque sempre estivemos só, racialmente só, os únicos negros da família.

Todas essas agressões não resolvidas, todo o recalque de uma História ainda não escrita, ainda não abordada realmente, fazem de nós uns recalcados, uns complexados. Não afirmo isto empiricamente, a psicologia prova teoricamente que os complexos existem em todos os homens, enquanto recalques, o não resolvido existir. (RATTS, 2006, pág. 96).<sup>35</sup>

Ao longo da infância e da juventude, acreditávamos que a única forma de superação do racismo, dos complexos e do recalque perpassava pela ascensão social. E como há no sistema capitalista uma sobreposição da questão racial e social, a medida que meu pai conseguia melhores condições econômicas, as relações familiares tornavam-se menos conflituosas. Contudo, sempre que algum conflito familiar surgia a tolerância se esgotava e nosso pertencimento racial transformava-se em elemento pejorativo.

Por isso todos os esforços de meus pais no sentido de nos oferecer a melhor formação educacional possível, anos de investimento em escolas particulares, na ilusão de que o título nos desbotaria a cor.

Neste sentido afirmo a importância desta tese, ela não significa apenas um estudo profundo da sociedade brasileira, o titulamento de uma jovem mulher negra, significa autoconhecimento, aceitação e afirmação dos afrodescendentes e empoderamento “Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando”. (NASCIMENTO, 1974, pág. 97)<sup>36</sup>.

Não aceito mais nenhuma forma de paternalismo, especialmente intelectual. Como o jovem branco, eu adquiri instrumentos para o meu conhecimento através do estudo da História, na qual acredito totalmente. São instrumentos adquiridos na cultura branca ocidental, portanto nada deixo a dever a ele. Entretanto, como me disse a pessoa que mais amo, um negro, meu marido, as coisas que reflito neste momento já existiam no ventre de minha mãe, num quilombo qualquer do Nordeste, na África onde já não quero nem posso mais voltar. Portanto em minha raça, na História do Homem. (NASCIMENTO, 1974, pág. 97)<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 96.

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Beatriz. **Por uma História do Homem Negro**. Revista de Cultura, Vozes, 1974.

<sup>37</sup> Ibid., 1974.

Fruto das complexidades da formação racial e econômica brasileira tanto a minha família negra como a minha família branca terá como primeiro estudo de doutoramento da família, uma pesquisa que trata da nossa história negra e afrodescendente.

Figura 1: Convite e fotografia do casamento dos meus pais Ozileide e Leandro.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Após o casamento foram anos difíceis. Meu pai sempre teve boas relações de trabalho, sendo chefe de manutenção do Hospital Infantil do Município de Juazeiro do Norte, sua rede de contatos eram médicos e empresários do ramo de materiais hospitalares e isto lhe rendia algumas regalias. Uma destas regalias foi a primeira casa onde residiram após o casamento, de propriedade do médico dono do hospital, a casa ficava situada em um bairro de classe média de Juazeiro do Norte. Suas relações de trabalho (algo que hoje chama-se de network) não lhe rendia ganhos enquanto trabalhador, na verdade as amizades, agiam no sentido contrário, diminuindo seu poder de reivindicação. O salário era baixo e minha mãe abandonou a escola, antes de terminar o ensino fundamental, só retomando duas décadas depois, e começou a realizar trabalhos domésticos para complementar a renda familiar.

Sobre o meu nascimento, durante a infância, ouvi uma história que me marcou. Diziam que eu nasci muito “clarinha” o que gerou um grande desconforto na família de meu pai. Depois fui “escurecendo” a cor da pele e a aceitação passou a ser maior.

O bebê negro, está claro, não é menos desejado que o bebê branco, para sua mãe que, inconscientemente, deseja o filho. Mas a criança do projeto e do desejo da mãe certamente não está representada no pequeno corpo negro,

que o olhar materno, inconscientemente, tende a negar. A mãe negra deseja o bebê branco, como deseja, para si, a brancura. (BATISTA, 1998, pág. 91)<sup>38</sup>.

Se para a criança negra a experiência de construção de alteridade já se mostra particular, pelo fato de que a criança negra reluta em aderir a imagem de si que não corresponde à imagem do desejo da mãe. Pensar a experiência das crianças afrodescendentes, filhas de famílias negras e brancas apresenta-se como um desafio. Ainda busco compreender que sentimentos a infância me fez vivenciar ao conviver com uma mãe branca, um ideal de brancura jamais alcançado.

Minha mãe e tios maternos me diziam, ainda, que minha avó paterna, não comemorou meu nascimento também por ser eu, uma mulher. Ela dizia que as filhas faziam de seus pais “cornôs”, uma expressão popular para tratar do homem traído pela esposa. Ela dizia que a filha ao casar-se, ou relacionar-se com outra homem tinha como significado traição ao seu pai. Lembro-me de uma história assustadora que me relataram, de que ela dizia que se tivesse tido alguma filha mulher, após o seu nascimento a lançaria contra a parede, para que ela morresse ainda criança sem a oportunidade de trair seu pai.

Estas histórias me impressionam, mas, me parecem contraditórias, já que na minha infância tive uma convivência muito tranquila com minha avó. Passando férias em sua casa e a recebendo em nossa casa, anualmente, no mês de março, quando comemoramos os aniversários dela, de meu pai e mãe e também de casamento dos meus pais.

Surpreendo-me quando não acho em nossos arquivos familiares nenhuma foto dela. Talvez esta ausência seja explicada pelo fato de que naquela época não tínhamos máquina fotográfica, os registros eram feitos por fotógrafos contratados em circunstâncias muito especiais. Mas, em minhas recordações, a imagem da minha vó é viva, tenaz, uma senhora negra, de cabelos cacheados, macios e brancos, um pouco gordinha. Suas mãos tinham dedos magros e unhas compridas, as mãos eram de uma artesã, cheias de calos, mas, ágeis e habilidosas.

Recordo-me das suas mãos, ásperas pela intensidade do trabalho, seus dedos longos, unhas compridas, às vezes acho que as minhas mãos se parecem com as dela, mas, ninguém nunca me disse isto. Durante a minha infância e adolescência, não me recordo de ouvir comparações entre eu e minha avó, ou mesmo entre eu e meu pai.

Apesar da pele escura, dos cabelos crespos, do formato dos olhos, nariz, boca... Aqueles que conviviam conosco, os nossos médicos, amigos da igreja e do bairro, a turma da

---

<sup>38</sup> BATISTA, Isildinha. **Significações do Corpo Negro**. 1995. 143f. Tese, (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. 1995. p. 91.

escola insistiam em procurar em mim alguma característica física que remontasse a minha mãe, uma mulher branca.

Era dolorido não ter uma referência estética que de fato correspondesse as minhas características físicas, era confuso e incompreensível e hoje compreendo o esforço comum de procurar semelhanças entre a minha família branca e eu e não entre a minha avó negra e eu, por exemplo, já que esta era a única parente, mulher negra no nosso convívio, Batista (1998)<sup>39</sup>, explica,

Esse processo de desumanização pelo qual passou o negro tem como consequência, conforme apontei, bloquear o processo de constituição da individuação, na medida em que bloqueia a possibilidade de identificação com os outros nas relações sociais. A única esfera de identificação possível seria com os outros negros, todos identificados entre si e pela exterioridade social como não-indivíduos sociais, porque “coisas”, “peças”, “mercadorias” possuídas por aqueles que, estes sim, eram indivíduos na sociedade. (BATISTA, 1998, pág. 34).

Ao remontar ao processo escravagista no Brasil a autora lembra o nosso não-lugar na sociedade brasileira ao longo do tempo, “O negro não era persona. Não era um cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravo, não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito. Assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar indivíduo.” (BATISTA, 1998, pág. 34)<sup>40</sup>. Assim, o processo de dissociação entre minha família negra e eu, era um processo de afirmação de humanização minha, ao mesmo tempo que era também, um afirmação aviltante do racismo existente em nossa sociedade.

Para nossos amigos e familiares brancos era mais fácil realizar o meu processo de branqueamento, a realizar o processo de inclusão e afirmação da população a Africana e Afrodescendente ao status de sujeitos, indivíduos igualmente humanos.

E para meus familiares negros e eu, após ter vivenciando as situações de racismo, dentre as consequências estava a aceitação deste processo de branqueamento e afirmação deste, diante do difícil processo de identificar-se com os seu iguais, e o que significava para nós essa identificação,

O negro, no entanto, é aquele que traz a marca do ‘corpo negro’, que expressa, escatologicamente, o repertório do execrável que a cultura afasta, pela negativização. Vítima das representações sociais que investem sua aparência daqueles sentidos que são socialmente recusados, o negro se vê

<sup>39</sup> BATISTA, Isildinha. **Significações do Corpo Negro**. 1995. 143f. Tese, (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. 1995. p. 34.

<sup>40</sup> BATISTA, Isildinha. **Significações do Corpo Negro**. 1995. 143f. Tese, (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. 1995. p. 34.

condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social. Para o indivíduo negro, o processo de se ver em um “nós” em relação às tipificações sociais inscritas no extremo da desejabilidade esbarra nessa marca — o corpo — que lhe interdita tal processo de identificação; ao mesmo tempo, a cultura incita-o a aderir aos signos da desejabilidade, pela injunção, própria das estruturas da cultura, que resulta do fato de que os signos desse sistema são introjetados pelos indivíduos no processo de socialização, como diz Rodrigues. (BATISTA, 1998, pág. 44).<sup>41</sup>

Assim Batista (1998)<sup>42</sup> explica nossa dificuldade de construir uma identidade social negra, ela justifica que esta dificuldade está assentada numa construção histórica que relegou a nós o “não-lugar”, seja no período de escravização, quando desumanizados, fomos compreendidos como peças, objetos de um sistema econômico, seja após a abolição, quando o estatuto jurídico de cidadão não veio acompanhado da necessária recolocação no sistema socioeconômico, nos deixando a margem da sociedade, novamente em um “não-lugar”.

Do ponto de vista de uma mestiça este processo é também complexo, é fato que, quanto mais escura a cor da pele, mais preconceito o negro brasileiro vivencia, de outro lado, aquele afrodescendente de pele mais clara, ver forjada em sua constituição identitária, uma série de signos e representações que o destituem enquanto pessoa. Um processo violento de construção identitária, forjada pela instituições sociais racistas, família, escola, igreja, que nos fazem desconhecer nosso corpo, nossa alma e nosso patrimônio ancestral.

---

<sup>41</sup> *Ibid.*, p.44.

<sup>42</sup> *Ibid.*, *passim*.

Figura 2 - Minha primeira fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 3: Fotografia de reuniões familiares, batizados de Acácio e Kássia.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 4 - Meu pai e eu em visita ao seu trabalho, Instituto Médico Infantil do Município de Juazeiro do Norte - IMIJUNO.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Nossa mudança para a Cidade de Fortaleza, Ceará, acontece no ano de 1985, motivado por uma oferta de trabalho, meu pai resolve migrar para esta cidade com a família, neste momento éramos 04, nossos pais, eu e meu irmão Acácio.

É neste momento que temos o primeiro contato com Noêmia, minha tia-avó, que nos acolheu em um dos seus quartos de aluguel na comunidade do Trilho, no atual bairro Papicu, onde hoje existe um terminal de ônibus. Meu pai recebeu um convite do médico dono do hospital, para que ele viesse trabalhar em uma concessionária sua, aqui em Fortaleza, a DISCAR, ficava situada na Avenida Borges de Melo, próximo a rodoviária de Fortaleza.

Sobre esta época, minha mãe contou-me que quando passeava conosco na Praça Luíza Távora, situada na Aldeota, bairro elitizado da cidade, foi muitas vezes questionada se nós éramos filhos da sua empregada. O cotidiano de racismo a machucava também.

São vários episódios que ela nos relata, dentre eles, um marcante, ocorrido anos depois de nossa chegada a Fortaleza, quando já estávamos mais bem estruturados, morando no bairro José Walter, bairro popular da cidade e estudando em escola particular, a escolarização sempre foi uma prioridade para meus pais, eles sempre acreditaram que a partir da escolarização, poderíamos superar as difíceis condições sociais e driblar o racismo através do poder econômico. Esta compreensão tem cada dia mais se tornado o sonho ilusório. Hoje concluídas nossas graduações e já atuando como profissionais, percebemos o quão difícil é



inverter a lógica do racismo que se combina com a desigualdade social e nos faz duplamente vítimas.

Havia uma festinha programada pela escola com a apresentação de alguns números musicais, dentre eles, um *cover* do *Xou da Xuxa*, programa televisivo infantil, transmitido pela Rede Globo de Televisão durante a década de 1980 e 1990, que fazia muito sucesso entre as crianças. A apresentadora, Xuxa, era uma mulher branca e loira que as crianças idealizavam, ao lado dela, em seu programa, figurava ajudantes de palco e dançarinas, chamadas de *paquitas*, também moças brancas e de cabelo loiro.

As professoras definiram que a minha turma realizaria um número musical da *Xuxa*, as meninas da nossa turma encarnariam os personagens do *Xou da Xuxa*, sendo uma *Xuxa* e algumas *paquitas*. A questão era que as minhas colegas de sala e suas mães, naquele momento cursava ainda a educação infantil, não aceitaram que eu, uma criança negra participasse do número, afinal a *Xuxa* e suas *paquitas* eram louras, assim eu estava sendo excluída da apresentação, com o consentimento de professoras e mães de colegas que defendiam a qualidade do número artístico a partir da exclusão das crianças que não tivessem o fenótipo almejado, branco.

O episódio gerou grande desconforto para mim, que com 06 ou 07 anos de idade ainda não entendia o caráter racista daquela manifestação. Ainda que minha mãe não fosse politizada, entendendo o caráter exclusivista daquela ação, exigiu que eu fosse incorporada ao grupo e que a mim fosse dado um papel semelhante ao das minhas colegas de turma. No processo de disputa e conflito, ela conquistou também o meu direito de participar do desfile para escolha da rainha da escola, onde conquistei o título miss primavera defendendo a beleza infantil negra.

Figura 5 - Festinha da escolar (Imagem A).



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 6 - Festinha da Escola (Imagem B).



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Ao longo da vida escolar foram muitas experiências de racismo vivenciadas, muitas vezes não houve mediações e o único aprendizado foi dor, dor que de alguma forma passou a fazer parte da minha própria constituição, identidade.

Ao longo da vida escolar fui encontrando estratégias de proteção, meus pais me ensinaram que eu precisava ser sempre a melhor aluna, não apenas a melhor aluna negra, e sim, a melhor aluna da turma, eles acreditavam que esta era uma estratégia de proteção e sobrevivência dentro do universo branco, além de melhor aluna me destacava também nas

atividades culturais e políticas, participando da escrita do jornal da escola, da rádio, da representação de sala, do teatro, concursos de poesia e conhecimentos gerais, dos grupos de jovens da comunidade.

Não é incomum o sentimento que nós, negros, experimentamos de nunca sermos suficientemente bons nas relações ou funções sociais por nós assumidas: não basta sermos bons, temos que ser os melhores e exemplares, depositários que somos do desejo de pais que projetaram em nós o sujeito que foram impedidos de ser. Estas aspirações que, a princípio, têm origem no desejo dos pais, na verdade representam, para o negro, a impossível superação do incômodo de sermos portadores de um “*corpo negro*”. (BATISTA, 1998, p.78)<sup>43</sup>.

Ser a melhor aluna não me abria todos os espaços e possibilidades, a cor da pele prevalecia. No teatro da escola os papéis eram sempre os mesmos, pobre, nordestina, doméstica. Apenas um personagem protagonista, definido pela cor da pele, Zumbi dos Palmares.

O “ser negro” corresponde a uma categoria incluída num código social, que se expressa dentro de um campo etno-semântico onde o significante “cor negra” encerra vários significados. O signo “negro” remete não só a posições sociais inferiores, mas também a características biológicas supostamente aquém do valor das propriedades biológicas atribuídas aos brancos. Não se trata, está claro, de significados explicitamente assumidos, mas de sentidos presentes, restos de um processo histórico ideológico que persistem numa zona de associações possíveis e que podem, a qualquer momento, emergir de forma explícita. Se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o negro que se confronta com o olhar do outro que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz enquanto significante? (BATISTA, 1998, pág. 90)<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> BATISTA, Isildinha. **Significações do Corpo Negro**. 1995. 143f. Tese, (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. 1995. p. 78.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p.90.

Figura 7 - Teatro na escolar, espetáculo Zumbi dos Palmares, protagonizando Zumbi.



Fonte: Acervo ad pesquisadora.

## 2.2 Quase uma ascensão social, quase brancos.

*Eu cato papel, mas não gosto... Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando...” (JESUS, Carolina Maria de. 2000, p.30)*

Os tempos nunca foram tão bons, mas teve um momento em que eles pioraram, junto com a falta de dinheiro, vinha também a vergonha, a vergonha pelo erro do meu pai, mas também, principalmente pela sua incapacidade de dar a volta por cima. O relato que se segue é referente a causa da volta da nossa família a Juazeiro.

Era um dia qualquer de julho do ano de 2000, um dia que se fazia importante por ser o dia da minha ida a Juazeiro, estávamos nas férias escolares e eu costumava ir a Juazeiro todas as férias, daquela vez, iria de carona, com tia Horaci (irmã da minha mãe), que estava de passagem por Fortaleza visitando seus filhos que faziam universidade aqui.

Figura 8 - Reunião de família, minha primeira comunhão.



Fonte: Arquivo da pesquisadora..

Figura 9 - Fotografia, registro da formatura do ensino fundamental do meu irmão Acácio.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Naquela sexta-feira, meu pai iria almoçar em casa, um almoço especial, já que a minha tia almoçaria conosco e depois me levaria para seu apartamento, pois viajaríamos na madrugada. Nos dias anteriores haviam ocorrido várias brigas em nossa casa, não devido especificamente a falta de dinheiro, mas principalmente ao uso que meu pai fazia dele. Ultimamente meu pai vivia uma boa situação financeira, estava trabalhando para uma empresa conceituada do ramo bancário, que prestava assistência aos bancos 24h e, além disto,

havia montado uma empresa de prestação de serviços de manutenção e montagem de máquinas e computadores de grande porte, para indústrias e hospitais.

Contudo era o seu vício, o álcool que nos impedia de alcançar a estabilidade desejada. O álcool sempre esteve presente na vida de meu pai, durante a infância lembro-me que meu pai nunca chegava em casa no início da noite como os outros pais, ele sempre parava no bar, antes de chegar em casa, por muitas vezes ia procurar meu pai nos bares do bairro onde residíamos para que ele me pagasse algum lanche. No fim de semana bebia quase que ininterruptamente, trabalhava no sábado pela manhã, as vezes, cumpria alguma tarefa de casa, fazer compras ou concertar algo que estivesse necessitando de reparo e logo depois começava a beber. No domingo pela manhã, começava beber junto com a exibição na tv da Fórmula 1, era o som da tv ou mesmo do Amado Batista que ele tanto gostava que me acordava no domingo, e nesta hora meu pai já estava com um copo na mão. Na tarde de domingo era estádio de futebol ou acompanhar o jogo pelo rádio ou televisão, a companheira certa era a cerveja, os amigos

Morávamos em uma boa casa, ampla e bem situada, num bairro de classe média, estudávamos em uma boa escola de bairro, fazíamos cursos, tínhamos computador em casa e outros equipamentos que na época denotavam boas condições financeiras, mas não havia estabilidade. Meu pai fazia grandes festas em nossa casa, almoços que duravam o fim de semana todo.

Naquela semana a temática das discussões era dinheiro para eu viajar. No fim da manhã, meu pai chegou, a casa já estava cheia com meus tios e primos, foi um almoço alegre e bem servido como era de costume em nossa casa e no final do almoço meu pai se despediu de mim e me entregou o dinheiro destinado a minhas férias. Logo depois do almoço segui para o apartamento da minha tia e no final da tarde percebi um movimento diferente na casa.

Meus tios saíram apressadamente e no jornal televisivo já noticiava a prisão de meu pai, que teria realizado um golpe bancário ao reter um saque em um caixa eletrônico 24h, empresa para a qual ele trabalhava.

Meu pai ficou preso um fim de semana, como réu primário teve direito a defesa em liberdade, perdeu o emprego e a credibilidade, o caso teve um repercussão em nosso bairro, nos ciclos de amizades e de trabalho. Na semana seguinte nossa mãe resolveu voltar a morar em Juazeiro do Norte, num primeiro momento nosso pai nos acompanhou. Seguiram-se meses de grande instabilidade, nossa família dividida entre as casas de parentes, uma mudança drástica de rotina, a separação dos amigos, a mudança de escola e principalmente um pai devastado pelo alcoolismo e pela vergonha que não conseguia reerguer-se.

Fomos residir num bairro pobre de Juazeiro em uma casa construída pela nossa mãe a partir da renda proveniente das faxinas que realizou a vida toda e das ajudas de sua família branca. Meu pai resistiu a ideia de morar na “favela”, era como ele se referia ao bairro em que fomos morar em Juazeiro do Norte e separado da minha mãe, foi residir com a minha avó paterna. Não conseguindo readaptar-se a Juazeiro optou por voltar a Fortaleza e iniciar sua peregrinação pela casa de parentes, amigos, clínicas de desintoxicação... Peregrinação que se perpetua até hoje, agora sob os meus cuidados.

Foi na separação de nossos pais que vivemos o pior momento financeiro de nossas vidas, foi quando fomos pela primeira vez frequentar escolas públicas. E neste momento, morando na periferia da cidade, frequentando escolas públicas e até vendendo bombons em casa para pagar o transporte para a escola, sentíamos-nos, mais uma vez distintos dos nossos vizinhos e colegas de escolas, que agora compartilhavam conosco da questão racial, sendo a maioria negros e afrodescendentes, mas, distinguiam-se pelas suas experiências de vida, já que só experimentaram àquelas duras condições de moradia, transporte, trabalho e existência por toda a vida e que devido a estas condições de existência não conseguiam vislumbrar outra possibilidade de vida. Enquanto nós nos encontrávamos motivados pelo sentimento de superação daquela situação e pela necessidade de voltar a participar dos nossos antigos grupos sociais, que apesar do racismo, compartilhavam conosco de ideais, projetos e vivências, grupos sociais brancos, que apenas nos acolhiam dada a nossa antiga situação financeira.

### **2.3 A escravatura atual, o alcoolismo.**

*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!*

*(JESUS, Carolina Maria de. 2000, p.32)*

Figura 10 - Fotografia do meu pai, durante viagem de trabalho a Juazeiro do Norte (2000).



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Enquanto a luta de Carolina Maria de Jesus era contra a fome, a escravidão de meu pai ao longo desta vida tem sido contra o alcoolismo. É verdade que nem sempre foi tão claro quem era seu oponente, por vezes ele se metamorfoseava, era a pobreza, a falta do pai, a falta de oportunidades, mas junto a cada uma destas condições estava o álcool agindo para a construção de uma realidade ainda mais perversa.

Em agosto de 2013 após mais de 10 anos de distanciamento meu pai retomou ao nosso convívio. Por volta de 10h da manhã recebo um telefonema de sua companheira na época, que dava conta de sua situação, ele estava em um bar, onde havia dormido e provocava sangue.

O bar fica na região periférica de Fortaleza, no bairro Bonsucesso. Dirigi-me para lá, encontrei uma figura que lembrava o pai que eu havia tido... Foram horas de espera até a chegada do atendimento público de saúde e começava a minha jornada por hospitais, clínicas psiquiátricas e de desintoxicação, bares e sarjetas em busca de um homem que já destituído de sua identidade pelo álcool, lembrava um pai que eu amei.

Certo dia em uma de suas passagens por hospitais psiquiátricos me deparei com a cena mais forte já vivida, àqueles dias que a gente não esquece jamais. Meu pai amarrado a uma maca hospitalar, ferido por agulhar e esparadrapos, (era tão forte sua desidratação que a pele não resistia aos esparadrapos e ao retirá-los, puxávamos pele negra e sangue) ele delirava, gritava e chorava, todos os nossos fantasmas o atormentavam, ele chamava pelo pai falecido há mais de 20 anos, pela minha mãe, a quem ele declarava amor e fúria, pedia ferramentas e dizia ao meu irmão Acácio pra cuidar dele, porque eu não sabia cuidar.



Ao longo desta tese foram muitas as pausas, a maior parte delas produzidas diante do choro impiedoso que a situação de meu pai em mim provoca. Ao tempo em que eu escrevo este capítulo, tento mais uma internação de desintoxicação para o meu ele.

E mesmo tendo a certeza de que não tem outra coisa no mundo que mereça mais a minha escrita que as nossas próprias histórias, por horas, por dias, também desejei esquecer, desejei arquivar este projeto, negar esta história, mas acredito numa promessa de liberdade, nossa abolição forjada pela minha escrita, escrita das nossas histórias.

Atualmente cuido do meu pai. O mantenho em um apartamento onde todos os custos são de minha responsabilidade. Meus irmãos gostariam de ajudar financeiramente, mas a verdade é que mesmo para nós que tivemos uma educação de qualidade, cursamos universidades públicas a cor da pele se sobrepõe e o racismo dificulta a nossa trajetória profissional.

Recentemente, meu irmão caçula, 23 anos de idade, advogado formado pela Universidade Regional do Cariri – URCA foi barrado na entrada do Fórum, onde iria participar de uma audiência, o segurança o confundiu com um réu em julgamento e o orientou a procurar a porta de entrada destinada a ele. Numa sociedade racista o advogado tem cor branca e o negro é sempre confundido com o réu, marginal. O racismo impõe dificuldades para nos colocarmos no mercado de trabalho. E a trajetória profissional se impõe acidentada, obstaculizada.

#### **2.4 O Cheiro da siriguela, da palha do fogão a lenha: Lembranças da minha avó pretinha.**

A própria idéia de família, para a criança negra, é vaga; os negros, em função da condição de escravos, não construíram a noção de pertencer a uma linhagem. A única relação que a criança negra estabelece com a idéia de família é sincrônica, isto é, contemporânea. Ela não adquire uma noção de antepassados, não constrói uma dimensão diacrônica com a história familiar, isto é, ela desconhece quem foram seus antepassados. Há uma ruptura na história familiar dos negros, não há uma percepção de continuidade de herança familiar que possa preencher, imaginariamente, o buraco provocado pela ruptura. (BATISTA, 1998, pág. 110).

Vó Pretinha era como eu chamava minha avó paterna. Na infância e adolescência passava as férias escolares em sua casa, fui a única neta que teve esta convivência, ela vivia

só, os filhos moravam em São Paulo e Fortaleza há muito tempo, tanto, que pra mim, era como se ela tivesse vivido só a vida inteira.

Nas minhas lembranças de infância, a casa tinha o piso frio, pouca mobília, grande parte doada pelos Bezerra de Menezes, na primeira sala havia a mesa do Santo, o Sagrado Coração de Jesus, Padre Cícero, talvez Frei Damião... Não me recorro muito bem, mais sei que tinha um castiçal de louça, com suporte para três velas, a tolha de renda era renovada a cada ano, e ela tinha orgulho de dizer que havia comprado para a renovação, não lembro a data da renovação<sup>45</sup>, acho que setembro, não sei ao certo.

O segundo vão da casa era seu quarto, cama, guarda-roupa e um baú com uma máquina de costurar, onde ela havia costurado seu vestido de noiva, o segundo quarto era vazio, depois a sala de jantar, que tinha o piso inclinado, as paredes feitas de pau a pique ganhara ao longo dos anos um reboco de cimento e tinta.

Na cozinha, um velho fogão vermelho, quase nunca usado, gás era caro, com exceção das minhas batatas fritas e do meu cuscuz, ela preferia cozinhar no fogão a carvão que ficava no quintal, tinha também um pote, a água era a mais gostosa que eu já bebi.

E enfim, o quintal, no batente ela se sentava para trançar suas palhas, artesã, fazia chapéus de palha e vassouras, no intervalo uma bruxa<sup>46</sup> de palha pra mim também, do lado direito, dois tanques, um para lavar a roupa e outra para lavar a louça, e ela deixava mergulhada em água as frutas, legumes, já que não tinha geladeira, do lado esquerdo, o fogão a lenha, a cerca do vizinho e as pedras, que um dia serviriam para a ampliação da casa que nunca aconteceu, eu adorava brincar de me equilibrar nas pedras, no centro do quintal a árvore, um pé de siriguela e tem fruta mais doce nesta vida? Eu as comia tanto que dava até dor de barriga, verde ou madura, até as folhas eram saborosas, comia eu e velho cágado que ela criava no quintal, ao fundo ficava o banheiro e o chiqueiro de porco.

Dona Maria Leandro, minha avó paterna é uma figura importante nas minhas lembranças de infância. Não era doce como as outras avós, não sabia presentear feito as outras avós, firulas não era com ela, mas não deixava de presentear a sua chegava da feira, onde

---

<sup>45</sup> A Renovação é um ato religioso relacionado com o catolicismo popular, muito comum na região do Cariri. Primeiro há a entronização, é o nome que se dá, quando o ato é realizado pela primeira vez geralmente por um sacerdote, para que as imagens religiosas da casa sejam abençoadas, e colocadas em lugar honroso". No dia da renovação, a imagem é instalada na sala principal e preparado um pequeno altar abaixo, onde são colocadas as imagens. Ali, a família e os vizinhos renovam o seu compromisso de fé. O evento é uma festa da família. A renovação é, geralmente, celebrada na data de nascimento do primeiro filho ou no aniversário de casamento. Depois do ato religioso, são servidos refrigerantes, chás, cafês e bolos à família e aos vizinhos, em meio ao foguetório. Em alguns casos, é contratada uma banda cabaçal.

<sup>46</sup> Bruxa é a expressão utilizada para designar uma boneca construída de palha.

vendia suas frutas, com a mão cheia de retalhos, para eu fazer roupas de bonecas, trazia uma cajuína e biscoito para eu lanchar.

Minha mãe dizia que minha avó ficara muito decepcionada ao me ver recém-nascida, por dois motivos, são eles: 1. Porque eu havia nascido muito com a pele muito clara, ela chegou a sugerir que eu não seria filha do meu pai. 2. Porque eu ter nascido do sexo feminino, ser uma “rachada”, para minha avó a filha mulher traía o seu pai quando casava-se, desonrava o pai, ela dizia que se a mulher não fizesse do homem corno, a filha o faria. Diziam que ela e meu avô paterno contavam que caso tivesse nascido, dentre seus cinco filhos, alguma mulher esta seria arremessada a parede ainda recém nascida.

## **2.5 Da dificuldade de falar sobre mim a compreensão de que é urgente escrever sobre nós.**

A escrita deste capítulo avança numa perspectiva da teoria afrodescendente que afirma a importância de falarmos sobre nós. A consolidação da História Social no Brasil e no Mundo acontece com a ampliação da compreensão dos sujeitos produtores de história e também como uma transformação metodológica que propõe novas fontes e documentos historiográficos.

A partir daí vemos um movimento de “dar voz” aos indivíduos historicamente excluídos da historiografia. A afrodescendência propõe um segundo movimento no sentido de “dar a voz a nós mesmos” dizendo da urgência em falar sobre nós, rompendo com uma perspectiva historiográfica brasileira errônea que compreende que, sociedades (como algumas etnias africanas) que possuem sua base constituída sob a experiência histórica da utilização do testemunho verbalizado como principal expoente de registro da memória seriam menos significativas, tendo a importância da sua história questionada. “Povos que não têm em sua base sócio-cultural, a exemplo dos diversos grupos étnicos em África, a experiência com a escrita não podem ser pensados como indivíduos secundários e/ou de menor potencialidade sócio histórica.” (BISPO, 2012, pág. 01).<sup>47</sup>

Ora, se a história é a memória dos povos, não podemos continuar optando pela memória do Outro, nesse caso, a história do Eu hegemônico. Concordo com Sueli Carneiro (2005) quando ela lança mão da perspectiva metodológica do “paradigma do Outro” para (re)construir um outro lugar de fala para aqueles que foram subvalorizados na história oficial. Segundo a

<sup>47</sup> BISPO, Silvana Santos. **Nós temos que falar sobre nós: Populações Negras e Lugares de fala.** 2012. Disponível em [http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337109303\\_ARQUIVO\\_HISTORIAORAL-ARTIGO.pdf](http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337109303_ARQUIVO_HISTORIAORAL-ARTIGO.pdf) acesso em 14 de Abril de 2015.

autora, esse paradigma “expressa a vivência pessoal da discriminação racial e ativista negra no combate ao racismo e às estratégias de subjugação racial” (CARNEIRO, 2005, pág.25). Além de conter as experiências compartilhadas da escravização, da memória ancestral, da afirmação ao pertencimento étnicocultural e da resistência à dominação e opressão as quais vivenciam. (BISPO, 2012, pág. 05).<sup>48</sup>

Ao leitor pode ficar a sensação de que nossa história possui muitas lacunas, compreendemos que a vida também é feita de lacunas. Quando falamos de população afrodescendente num período pós-abolição, no Ceará, estamos falando de muitas lacunas que um único trabalho não tem a pretensão de preencher.

É toda uma história que foi esquecida ou calada porque o contexto social e político não interessava que elas emergissem. O Mito da Democracia Racial associado a falta de escolarização e os desenlaces familiares, fizeram com que a memória identitária desta família não fosse valorizada.

Catroga assinalou que a memória do indivíduo é, me última instância a memória familiar. É no ambiente doméstico que “melhor se poderá surpreender os laços que existem entre identificação, distinção, transmissão e sua interiorização como norma” (CATROGA, 2001, p.27)<sup>49</sup>, possibilitando a reprodução do “espírito de família” e do sentimento de pertencimento a ela através de narrativas e outros referenciais simbólicos.

Em uma família de migrantes, de sobreviventes, em uma família apartada há a quebra dos circuitos intergeracionais que garantem a transmissão desta história.

As histórias do passado representavam sofrimento, num processo de resistência e sobrevivência, elas foram caladas para que fosse possível projetar o sonho de uma vida melhor, feliz e sem sofrimentos.

Uma família que migra da zona rural para a zona urbana, no século XX e que não é incluída nos processos de alfabetização, já que a geração de avós e bisavós não foram alfabetizadas, acabam por encontrar elementos restritivos de compreensão do mundo e de sua própria identidade. Os processos de migração também dificultam a reconstrução desta história.

E principalmente o racismo impõem também a deslegitimação destes indivíduos e do grupo afrodescendente, assim sua história individual e coletiva perde importância para a sociedade e faz crer a estes sujeitos que eles não tem importância na história do Ceará, até

---

<sup>48</sup> Ibid., 2012, pág.05.

<sup>49</sup> CATROGA, Fernando. Memória e História. In. Fronteiras do Milênio. PESAVENTO, Sandra Jatahi (org.). Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 2001.

porque esta história os invisibiliza. Eles não existem na história do Ceará, então, como contar sua história? Impossível.

### 3 TEORIA AFRODESCENDENTE: CONHECIMENTO DO MUNDO, CONHECIMENTO DE NÓS.

Coisa de preto todo mundo tem (...)  
 Sangue de preto tem seu pai, tem sua mãe (...)  
 Coisa de preto é um passado de sofrença  
 É um futuro de esperança  
 Que virou um samba enredo.  
 Música “Coisa de Preto” de Khrystal

Historiadores e intelectuais tem narrado a História da cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, tendo como ponto de partida e sentido de desenvolvimento a figura de um Padre, de um “Milagre” e do que acontece a partir daí, na economia, na sociologia, nas artes, na literatura, em várias áreas das ciências este tem sido o ponto comum e a história da cidade passou a ser confundida com a história do Padre.

Esta história de Juazeiro, que contamos aqui, parte de outros personagens, estes não são Padres, nem brancos, nem aristocratas e é a busca de suas próprias identidades que nos possibilita escrever sobre um momento histórico e sujeitos sociais importantes para a História desta cidade, que foram tangidos, negligenciados, omitidos, esquecidos pela História Oficial. Buscando construir a minha própria História de Família, reconstruo a História desta cidade, através de um processo de pesquisa e metodologia denominado afrodescendente, que me permite situar-nos enquanto sujeitos sociais, produtores de História.

Assim a história que escrevemos trata de um tempo histórico entre o início do século passado e meados do século presente, esta História busca avançar e entender os processos que ocorreram a partir da chamada Abolição da Escravatura, na década de 1880, e principalmente entender as histórias vivenciadas por uma família negra dentre estes processos de escravismo, abolição e pós-abolição, “Milagre” e desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte no Cariri Cearense.

A emergência deste viés da História do Brasil está em consonância com o panorama internacional e nacional, onde os movimentos sociais negros ampliam a noção de direitos de nossa população, e entre eles elege a importância da construção de uma História da África e dos Afrodescendentes escrita, inclusive, por nós mesmos.

Passados 10 anos da implementação da lei 10.639/2003,<sup>50</sup> ainda se faz urgente reescrevermos a História do Ceará preenchendo as lacunas que provocaram o silenciamento e a invisibilidade das populações negras.

Dados os contextos históricos e geográficos, tanto na esfera social e econômica mundial como na brasileira, africanos e afro-descendentes constituem uma especificidade histórica que tinha sido, por diversas razões, deixada de lado ou com tratamento insuficiente na educação brasileira. Os movimentos negros insistiram por mais de um século para que se realizasse a devida incorporação das histórias e das culturas de africanos e dos afro-descendentes ao ensino da história geral da humanidade e à História do Brasil, sem, contudo, logarmos sucesso até o ano de 2003. Os movimentos negros persistem na necessidade e no direito de pelo menos as populações afro-descendentes terem estes conhecimentos históricos e culturais expressos na educação nacional. Como da Cultura de Africanos e Afro-brasileiros na educação nacional. (CUNHA, 2005, p.251).<sup>51</sup>

Esta necessidade está colocada, dada a nossa análise de que o lugar a nós concedido dentro da chamada história oficial não é igual aos demais grupos sociais e portanto não é satisfatório. Reivindicamos presença em todos os capítulos dos livros de história e não apenas no capítulo que trata do escravismo, e ainda sob uma perspectiva subordinada, colonialista e, portanto, racista.

É nesta perspectiva que se desenvolve esta tese, estruturando-se como mais um trabalho sobre o pós-abolição no Brasil, porém, fazendo parte de um universo importante de pesquisas desenvolvidas dentro da linha de pesquisa *Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-Raciais*, que a partir do espaço institucional da Universidade Federal do Ceará – UFC tem permitido o desenvolvimento de um grande número de trabalhos voltados para o desenvolvimento do campo epistemológico da Afrodescendência no Brasil.

### 3.1 Delineando o campo epistemológico da Afrodescendência

<sup>50</sup> Aprovada em 9 de janeiro de 2003 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. A referida lei foi alterada pela 11.645/08 que inclui Cultura e História Indígena, porém este trabalho refere-se ao teor da lei 10.639/03 que diz respeito à afrodescendência.

<sup>51</sup> CUNHA JR., Henrique. **Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira**. In: ROMÃO, Jeruse (org.) História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: MEC, 2005. P.251.

Este capítulo tem como objetivo mapear as pesquisas realizadas dentro da perspectiva da afrodescendência, nosso objetivo primeiro é compreender o quanto já caminhamos em torno desta perspectiva teórica e qual o acúmulo de nossa empreitada, permitindo assim, que os novos pesquisadores tenham um estado da arte da nossa produção, compreendendo a vastidão de possibilidades, os limites e perspectivas teóricas deste campo.

Para tal fizemos um levantamento das pesquisas realizadas sob a perspectiva, são em torno de 30 trabalhos, entre dissertações e teses desenvolvidas sob a orientação do Professor Henrique Cunha Junior<sup>52</sup> na última década do século XXI e depositados no repositório de teses e dissertações da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. A escolha por mapear apenas os trabalhos desenvolvidos sobre a orientação do Professor Cunha se deve ao fato de ter sido ele, responsável pela autoria e desenvolvimento de uma vertente importante nos estudos sobre a população negra no Brasil, refletindo sobre a Afrodescendencia ao postular que sobre o espaço urbano sedimentam-se as características do racismo antinegro no Brasil.

Os bairros e as cidades negras, entendidos como territórios de maioria afrodescendente são lugares da história nacional onde constamos a existência de fortíssimas desigualdades sociais, o que nos permite uma reflexão sobre a persistência de processos de dominação que impedem o acesso pleno aos direitos da cidadania e da representação desta população tanto na história e cultura nacional quanto no âmbito das políticas públicas. (CUNHA JR., 2014,p.3).<sup>53</sup>

Esta análise tem a perspectiva de compreender de que universo estes trabalhos tratam e, portanto, entender que população afrodescendente é esta sobre a qual temos falado.

Portanto, a partir deste capítulo, vimos aqui afirmar uma existência afrodescendente polifônica, cada um de nós é um mundo, do ponto de vista político, para afirmação dos nossos direitos historicamente desrespeitados, somos um grupo, não biológico, como outrora se afirmava, mas sociológico, histórico, social, nós os afrodescendentes, temos uma diversidade na unidade, marcada por nossas trajetórias pessoais.

Nossa unidade não perde de vista as diversas possibilidades de existência afrodescendente.

Quanto aos trabalhos mapeados eles estão geograficamente bem distribuídos pelo Brasil, de forma a trazer a tona a diversidade de histórias e vivências pela população

---

<sup>52</sup> Há outras pesquisas e professores trabalhando sob a perspectiva da Afrodescendência, neste capítulo nos propomos a analisar somente os trabalhos realizados sob a orientação do Professor Henrique Cunha Jr.

<sup>53</sup> CUNHA JR., Henrique. Bairros Negros, Cidades Negras e População Negra. p. 01-18.digital. In: o Congresso Luso-Afro-Brasileiro, XII CONLAB, Lisboa, 2015.



afrodescendente: Desde a Comunidade Quilombola do CRIA-Ú em Macapá, através da pesquisa de Videira (2010)<sup>54</sup> até a infância da população de Salvador, a partir dos trabalhos de Damião (2007)<sup>55</sup> e Barreto (2012)<sup>56</sup>, e ainda dão conta do Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco, Ceará, Piauí e Pará.

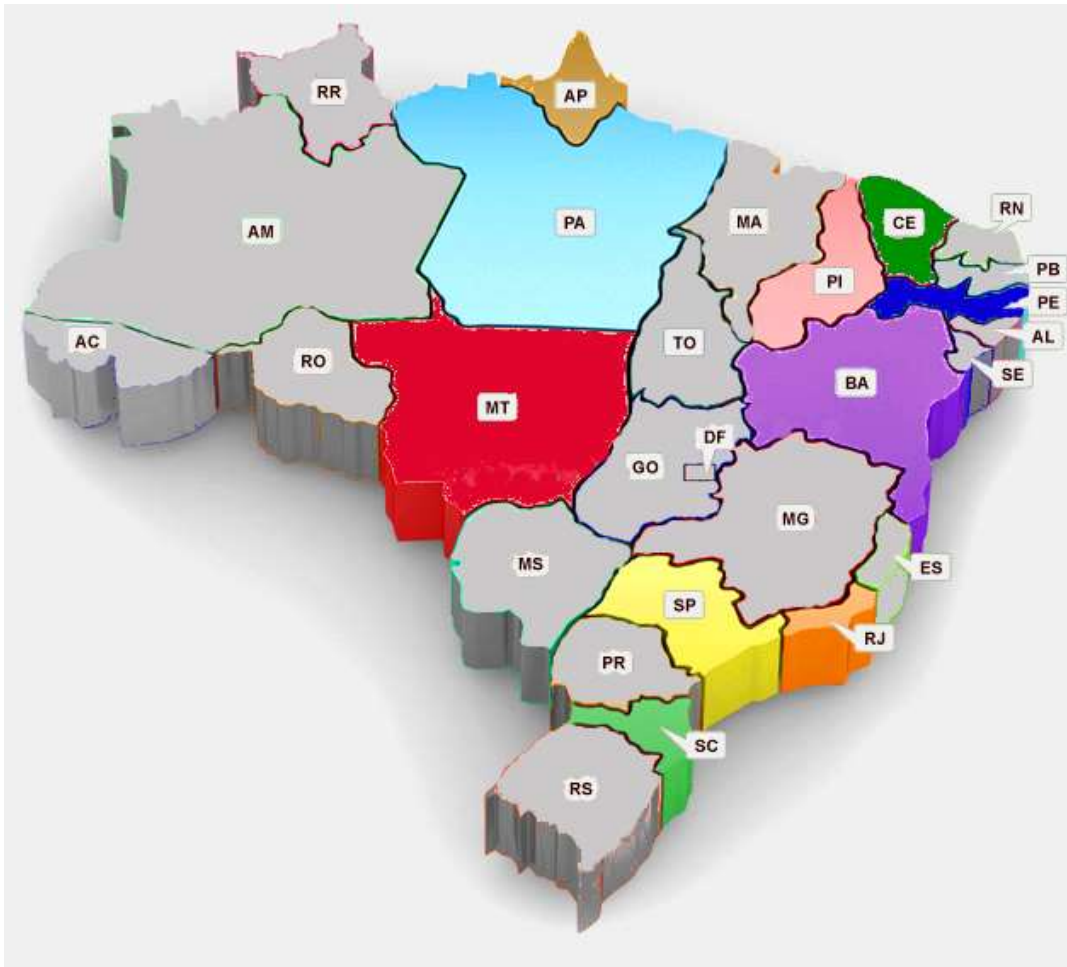
---

<sup>54</sup> VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-Ú em Macapá e sua Educação**. 262f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

<sup>55</sup> DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira Infância, Afrodescendência e Educação no Arraial do Bom Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

<sup>56</sup> BARRETO, Rosivalda dos Santos. **Patrimônio Cultural, Infância e Identidade no Bairro do Bom Juá, Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2012.

Figura 11 - Mapa de Distribuição dos trabalhos sobre Afrodescendência pelo Brasil.



	Videira (2010)		Oliveira (2013)
	Lima (2012)		Damião (2007), Barreto (2012)
	Britto (2010)		Souza (2010), Silva (2011), Calaça (2013)
	Gomes (2007)		Nunes (2007), Dantas (2009), Silva (2009) Nunes (2010), Santos (2010), Domingos (2011) Oliveira (2011), Bezerra (2012), Otaviano (2013)
	Costa (2009)		
	Costa (2009)		

Fonte: Acervo da pesquisadora, ilustração desenvolvida em parceria com o arquiteto formado pela Universidade Federal do Ceará, UFC, BRAGA, Anastácio Nogueira.

Sob a perspectiva epistemológica afrodescendente desenvolvemos pesquisas sobre: Cultura, Política, História, Teatro, Matemática, Saúde, permitindo assim a construção de uma ampla e consolidada base de conhecimentos sobre a qual deve estar balizada a escola da equidade social.

Aqui elencamos os trabalhos desenvolvidos na última década do século XXI e depositados no repositório de teses e dissertações da Faculdade de Educação da Universidade

Federal do Ceará<sup>57</sup>. Esta análise tem a perspectiva de compreender de que universo estes trabalhos tratam e, portanto, entender que população afrodescendente é esta sobre a qual temos falado.

Para esta análise levantamos 24 trabalhos (tabela 1), que adotam a abordagem afrodescendente para desenvolver teses sobre política, educação, história, cultura, religião, educação, saúde, em diversas regiões do país, de norte a sul, realizando um esforço importante de compreensão da população afrodescendente fora do eixo do sudeste, ou ainda do estado da Bahia, permitindo assim, nossa compreensão no contexto nacional. Analisando geograficamente, outro papel importante deste campo epistemológico, tem sido a preocupação com os espaços sociais diversos onde houve e há a participação da população africana e afrodescendente, saindo do recorte da senzala, do rural, do quilombo, adentrando em outros espaços onde outrora não havia registro desta população e realizando este mapeamento, como as cidades e os espaços urbanos.

A partir das palavras chaves, realizamos um mapeamento acerca das temáticas abordadas pelos trabalhos, dada a heterogeneidade dos mesmos, fizemos uma categorização das palavras chaves em 11 categorias, são elas: Educação, Lugares e Tempo, Cultura, Bairros de Maioria Afrodescendente, Infância e Juventude, Gênero, Religiosidade, Festas e Folias Negras, Instituições, Política e Legislação e História dos Movimentos Negros. Cada categoria desta relaciona uma série de palavras chaves citadas nas teses e dissertações.

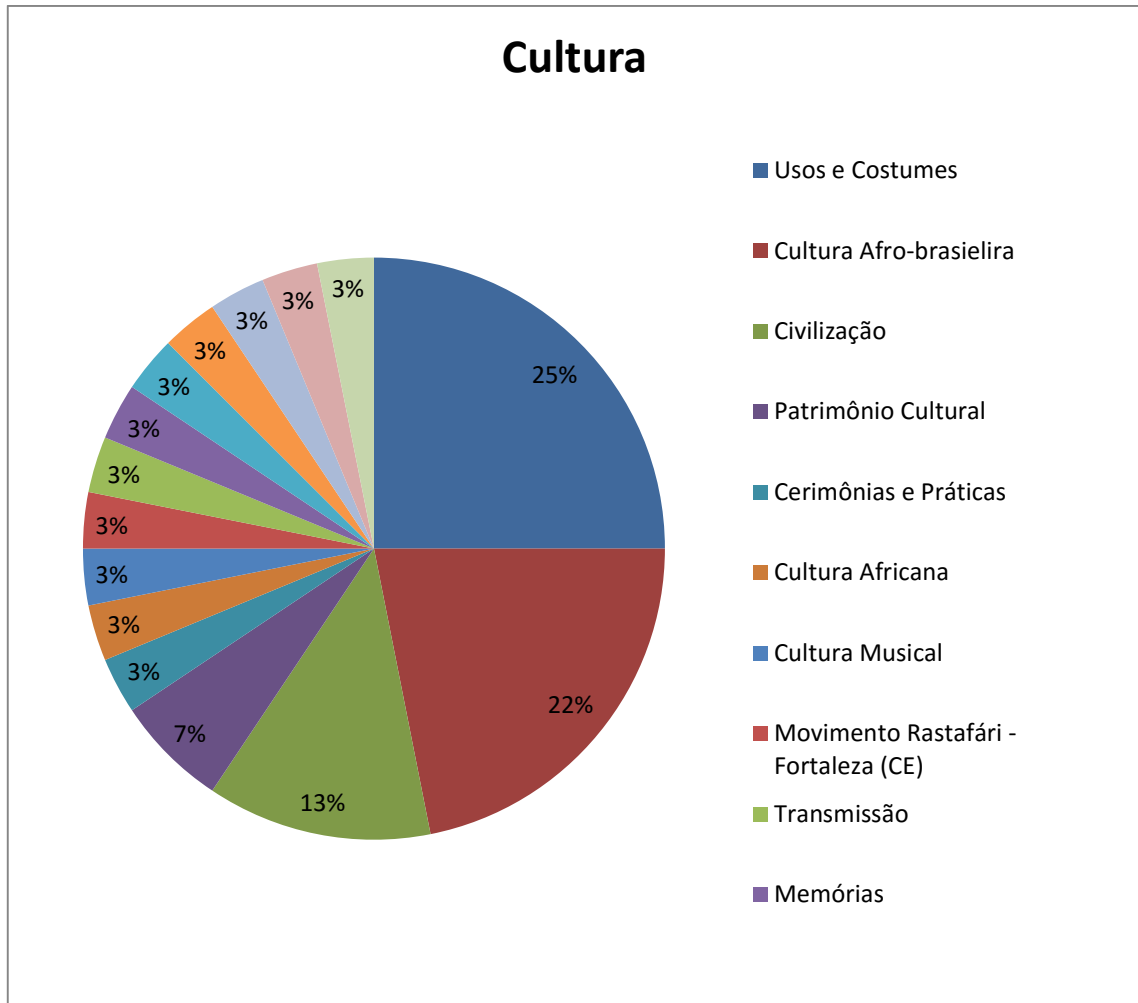
Durante a construção das categorias de pesquisa afrodescendente, percebemos a diversidade da produção expressa na variedade de suas pesquisas. Quando sistematizávamos a categoria Cultura elencamos 10 palavras-chaves relacionadas ao termo presente nos 24 trabalhos mapeados.

Significa dizer que os trabalhos sobre afrodescendência desenvolvidos no âmbito deste programa e sob a orientação de Cunha Jr. se relacionam em percentuais diferentes com usos e costumes, cultura afro-brasileira, civilização, patrimônio cultural, cerimônias e práticas, cultura africana, cultura musical, movimento Rastafári em Fortaleza, transmissão e memórias. Ainda que não seja nosso objetivo aqui analisar, compreender esta categoria de pesquisa afrodescendente Cultura, achamos oportuno registrar a sua presença nos estudos.

Figura 12 - Gráfico Categoria Cultura nas pesquisas Afrodescendentes.

---

<sup>57</sup> Não descartamos a possibilidade de existência de outros trabalhos de significativa importância para a Afrodescendência desenvolvidos neste período e ainda sob a orientação do Professor Henrique Cunha Jr. não citados nesta tese por não estar cadastrados no repositório de teses e dissertações da Universidade Federal do Ceará – UFC que foi nossa base de pesquisa.

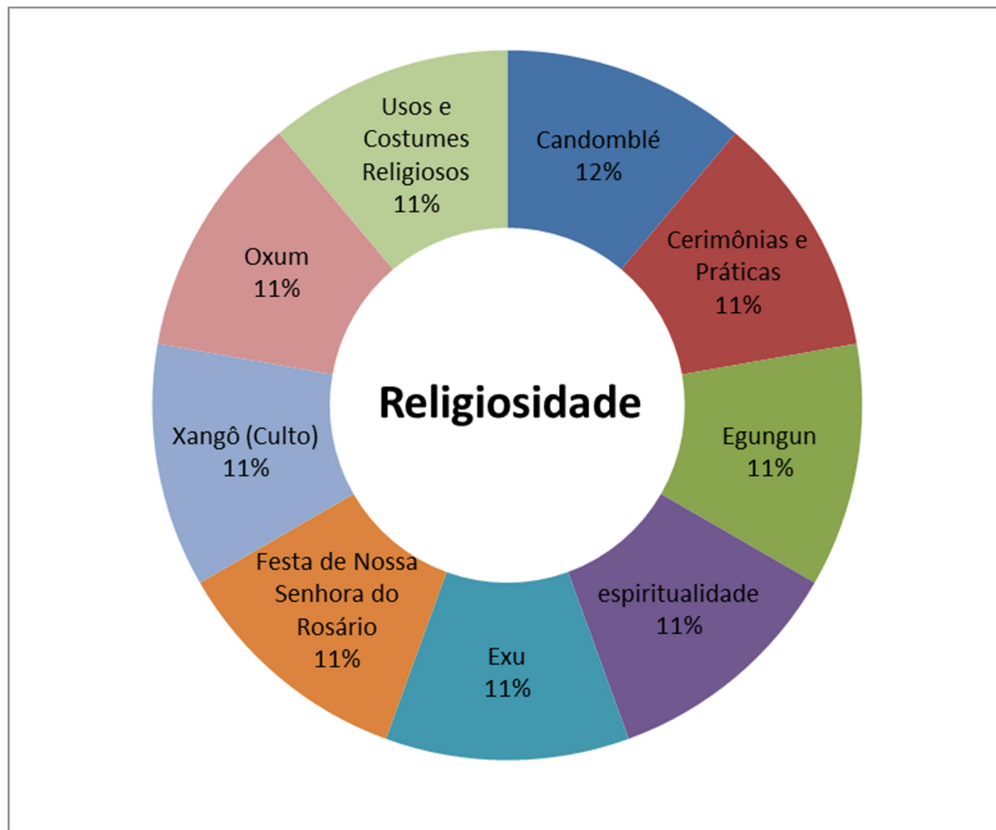


Fonte: Acervo da Pesquisadora<sup>58</sup>.

São trabalhos que resgatam as tradições culturais da população afrodescendente, narrando suas histórias, registrando as manifestações e rituais e refletindo sobre as formas de manutenção destas tradições e a importância delas na afirmação da identidade Afrodescendente.

<sup>58</sup> Gráfico desenvolvido pelo Economista, formado pela Universidade Regional do Cariri- URCA, SOUSA, Acácio Mota de.

Figura 13 - Categoria Religiosidade nas pesquisas Afrodescendentes.



Fonte: Acervo da Pesquisadora<sup>59</sup>.

Na categoria Religiosidade conseguimos reunir todas estas palavras chaves, que se relacionam com diferentes religiosidades e exigirá de nós um grande esforço no sentido de entender os processos religiosos no universo afrodescendente. Dentre os autores que abordam esta temática estão, Domingos (2011)<sup>60</sup>, Otaviano (2013)<sup>61</sup>, Santos (2010)<sup>62</sup>.

<sup>59</sup> Tabela desenvolvida em parceria com economista, formado pela Universidade Regional do Cariri – URCA, SOUSA, Acácio Mota de.

<sup>60</sup> DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Pedagogias da Transmissão da Religiosidade Africana na Casa de Candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE**. 2011 273f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza - CE, 2011.

<sup>61</sup> OTAVIANO, Kelma Luzia Nunes. **ORI INU: Conhecimentos e Práticas Ancestrais Afro-brasileiras na Saúde Mental**. 96f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza (CE), 2013.

<sup>62</sup> SANTOS, Francisco Wellington Pará dos. **Formação Teatral e o encantamento da ancestralidade africana – caminhos e encruzilhadas para uma formação assentada na cultura de matriz afrodescendente: Culto Egungun e Maracatu de Fortaleza**. 2010. 225f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

Aqui iremos discutir apenas as categorias que se relacionam com nossa pesquisa, são elas: Educação, Bairros de Maioria Afrodescendente e os trabalhos sobre Afrodescendência desenvolvidos no Cariri Cearense.

Uma categoria é comum aos trabalhos produzidos, Educação, as Outras categorias demais surpreendem pela abrangência do campo teórico, quando pensamos os lugares estudados encontramos em 24 trabalhos analisados referências a 26 lugares diferentes, entre continentes, países, estados, cidades e nomes de bairros. O que dá conta de uma existência nossa vigorosa, ocupando diversos espaços sociais, contrariando o discurso que nos sujeita a lugares definidos por outros e sem importância. Nossa existência é também elemento que dá provas de um processo rico de afirmação.

Tabela 1 - Produção sob as bases da Afrodescendencia nos últimos anos do século XXI, Universidade Federal do Ceará.

<b>Nº</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(es)</b>
1	2010	Diversidade étnica e fazer docente na educação física em Cuiabá-MT: uma discussão contemporânea na perspectiva do afrodescendente.	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; BRITTO, Walfredo Ferreira de
2	2010	Memórias e histórias da população negra da cidade de Caraícuíba-SP : uma abordagem para a educação escolar	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; SOUZA, Juliana de
3	2011	Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-Ce	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira
4	2012	O movimento rastafári : da Jamaica para identidade e cultura em Fortaleza	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; BEZERRA, Débora Andrade Pamplona
5	2012	Omeros: vozes de identidade e cultura em Derek Walcott	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; VIEIRA, Lílian Cavalcanti Fernandes
6	2010	Batuques, Folias e Ladainhas: A Cultura do Quilombo do CRIA-Ú em Macapá e sua Educação	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; VIDEIRA, Piedade Lino
7	2007	O Reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da História e Cultura Africana e Afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/03.	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; NUNES, Cicera
8	2009	Ações afirmativas para a população negra nos Centros Federais de Educação Tecnológica	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; SILVA, Iraneide Soares da
9	2010	Formação teatral e o encantamento da ancestralidade africana – caminhos e encruzilhadas para uma formação assentada na cultura de matriz afrodescendente: culto Egungun e maracatu de Fortaleza	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; SANTOS, Francisco Wellington Pará dos
10	2013	Feira livre de Bodocó: memória, africanidades e educação	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; OLIVEIRA, Alessandra Flávia Bezerra de
11	2011	Cultura afrocearense: um estudo sobre africanidades, educação e currículo numa escola pública de Fortaleza	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; OLIVEIRA, Leyla Beatriz de Sá
12	2007	A pedagogia do Movimento Negro em Instituições de Ensino em Teresina,	CUNHA JÚNIOR, Henrique

		Piauí: as experiências do IFARADÁ e do Centro Afro-Cultural "Coisa de Nêgo"	Antunes; GOMES, Ana Beatriz Sousa
<b>13</b>	2010	Os congos de Milagres e africanidades na educação do Cariri cearense	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; NUNES, Cícera
<b>14</b>	2009	As Pedagogias Do Movimento Negro No Rio De Janeiro E Santa Catarina (1970-2000): Implicações Teóricas E Políticas Para A Educação Brasileira	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; LIMA, Ivan Costa
<b>15</b>	2012	Patrimônio cultural, infância e identidade no bairro Bom Juá, Salvador-Bahia	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; BARRETO, Rosivalda dos Santos
<b>16</b>	2008	A Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima - Década de 1930	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; SILVA, Fátima Aparecida
<b>17</b>	2011	O jogo africano Mancala e o ensino de Matemática em face da Lei 10.639/03	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; PEREIRA, Rinaldo Pevidor
<b>18</b>	2011	Trajetórias de mulheres negras líderes de movimentos sociais em Araraquara - SP: estratégias sociais na construção do modo de vida	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; SILVA, Maria Aparecida
<b>19</b>	2009	Memórias e Histórias de Quilombo no Ceará	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; DANTAS, Simone Maria Silva
<b>20</b>	2012	Educação e comunidades quilombolas Laranjituba e África - município de Moju/PA: relação da EJA com costumes e tradições de base africana	CUNHA JÚNIOR, Henrique; LIMA, Sandra Helena Ataíde de
<b>21</b>	2013	Movimento Artístico e Educacional de Fundamento Negro da Praça da República: São Paulo 1960 - 1980	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; CALAÇA, Maria Cecília Félix
<b>22</b>	2007	Primeira infância, afrodescendência e e educação no Arraial do Retiro	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; DAMIÃO, Flávia de Jesus
<b>23</b>	2013	ORI INU: conhecimentos e práticas ancestrais afro-brasileiras na saúde mental.	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; OTAVIANO, Kelma Luzia Nunes
<b>24</b>	1995	Negros do Trilho e as Perspectivas Educacionais	CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes; RIBEIRO, Rosa Maria Barros

Fonte: Acervo da pesquisadora.



### 3.2 Categoria de Análise 1 – Educação.

Educação tem sido a grande área de concentração dos estudos em Afrodescendencia. Dos 24 trabalhos até agora analisados, todos traziam palavras chaves relacionadas à educação, totalizando 29 verbetes diferentes, abordando níveis e modalidades da educação, fundamentos, práticas e metodologias, formação de professores, educação formal e não formal, dentre outras temáticas elencadas na tabela abaixo.

Tabela 2 - Categoria de Análise Educação.

<b>Categoria de Análise 1 – EDUCACÃO</b>
Currículos
Discriminação na educação
Educação
Educação
Educação
Educação
Educação
Educação
Educação
Educação
Educação de Adultos
Educação Escolar
Educação Física e Educação
Educação Física e Educação Geral
Educação Multicultural
Educação Multicultural
Ensino da Matemática
Ensino de História e Cultura Afro-brasileira
Ensino Fundamental
Ensino Profissional
Ensino Técnico
Escola
Escola
Estudo e Ensino
Estudo e Ensino
Estudo e Ensino
Estudo e Ensino
Estudo e Ensino
Estudos Interculturais

Estudos Interculturais
Etnoeducação
Folclore e educação
História
História
História Oral
Pedagogias de Terreiro
Prática Pedagógica
Professores de Educação Física
Transmissão
Jogos no Ensino da História
Jogos no Ensino da Matemática
Jogos de Mancala
Jogos de Tabuleiro
Oware-Jogo

Fonte acervo da pesquisadora.

Teses e Dissertações que avançam grandemente ao pensar educação e apresentarem as experiências educativas afrodescendentes como processos que ocorrem em diversos espaços e através de uma pluralidade de sujeitos educadores.

Além da contribuição na construção do conceito de educação, a perspectiva afrodescendente, a partir de seus trabalhos, tem alertado também para o caráter historicamente racista da escola brasileira e apresentado possibilidades de construção de uma educação democrática capaz de realizar o processo inclusão e cidadania dos afrodescendentes.

Nas pesquisas mapeadas entendemos que o conceito de educação Afrodescendente não se restringe a educação escolarizada. A diversidade de trabalhos dá conta de processos educativos que ocorrem em espaços, para além do campo institucional, processos educativos que se desenvolvem nas relações de trabalho, familiares, dentro dos espaços religiosos e de organização política.

Nosso interesse é demonstrar esta pluralidade de recortes e suas conclusões para a compreensão que esta tese se desenvolve amparada por um corpo teórico, afrodescendente, consistente, que nos subsidia metodologicamente e epistemologicamente.

Silva (2008),<sup>63</sup> ao estudar a Frente Negra Pernambucana, na cidade de Recife, portanto trabalhando o contexto urbana, assim como nós, realiza um trabalho desbravador, trazendo a tona o movimento Negro da década de 1930 em Pernambuco, recuperando suas práticas

<sup>63</sup> SILVA, Fátima Aparecida. **A Frente Negra Pernambucana e sua proposta de Educação para a população negra a partir da ótica de um de seus fundadores: José Vicente de Lima – década de 1930**. 2008. 125f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2008.

sociais na luta anti-racista e dentre elas, a transmissão da religião de matriz africana a partir do culto a Xangô e da educação escolarizada.

Se por um lado, segundo a pesquisadora a prática do Xangô desvelava práticas de repressão e vigilância exercidas contra os membros do movimento negro pelas instituições do estado, revelando assim, o caráter racista destas instituições, por outro lado, era a prática nos terreiros que permitia aos militantes desenvolverem estratégias individuais e coletivas para conservar os valores de referência africana, insistindo na manutenção da prática religiosa e se defendendo do sistema opressor que os colocava na exclusão social.

Era a escola, o lugar responsável pela ascensão social, através do título de “doutor” o negro poderia reverter à situação de inferioridade e submissão, ganhando respeitabilidade e reconhecimento, ficando bem credenciado ao trabalho e finalmente equiparando-se o branco. Assim, o estudo da tese de Silva (2008), permite-nos afirmar, que neste contexto, escola e Terreiro, possuía funções afins, retirar os sujeitos da condição de excluídos socialmente.

As religiões de matriz africana e suas pedagogias de transmissão dos ritos, mitos e tradições tem sido elencadas como espaços de pesquisas por diversos estudiosos da teoria afrodescendente. Domingos (2011) relata seus processos de resistência, permanência, empoderamento e de construção de identidades negras a partir destes estudos, temos reunido legados importantes para pensarmos a educação afrodescendente e suas metodologias.

Discutindo as propostas pedagógicas desenvolvidas pelo movimento negro, a tese *As Pedagogias do Movimento Negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000): Implicações Teóricas e Políticas para a Educação Brasileira investiga a Pedagogia Multirracial*<sup>64</sup> se volta para o estudo da Pedagogia Multirracial, desenvolvida no Rio de Janeiro, por Maria José Lopes da Silva e um grupo de educadores, na década de 80, do século XX e a Pedagogia Multirracial e Popular, que irá se desenvolver durante o século XXI no estado de Santa Catarina, pelo Núcleo de Estudos Negros (NEN), entidade do MN da capital.

Seu autor, Ivan Costa Lima desenvolve um importante trabalho ao realizar um esforço exitoso demonstrando os processos teóricos, políticos e sociais que impulsionam o surgimento das pedagogias raciais, configurando os fazeres pedagógicos das organizações negras e neste movimento norteando os modelos pedagógicos para a Educação Brasileira capazes de combater o racismo e construir um projeto educacional igualitário e de qualidade, de acordo com o autor,

---

<sup>64</sup> LIMA, Ivan Costa. **As Pedagogias do Movimento Negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000): Implicações Teóricas e Políticas para a Educação Brasileira**. 2009. 318f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2009.

O conhecimento mais detalhado de propostas educacionais, formuladas pelo Movimento Negro, inserida na história pode contribuir na divulgação e no respeito dos processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas, ampliando o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. LIMA, 2009, pág. 297).<sup>65</sup>

Ainda discutindo os processos educacionais ocorridos dentro dos espaços institucionais do Movimento Negro a tese *A pedagogia do Movimento Negro em Instituições de Ensino em Teresina, Piauí: As experiências do IFARADÁ Centro Afro-cultural “Coisa de Nêgo”*<sup>66</sup> de Ana Beatriz Sousa Gomes analisa as práticas educacionais do Movimento Negro em Teresina Piauí.

Gomes (2007) analisa as intervenções pedagógicas do movimento Negro, a partir da perspectiva Multiculturalista, Pedagogia Interétnica e Pedagogia Multirracial, a partir da intervenção dos movimentos sociais nas escolas a autora conclui que ocorrem transformações das relações interétnicas e também, uma afirmação da identidade cultural afrodescendente com a melhoria da autoestima dos alunos envolvidos. Gomes compreende que a partir da participação do Movimento Negro dentro do espaço escolar, é possível realizar os processos de ensino-aprendizagem interligados com a realidade étnica e sociocultural de educandos e educadores. Estamos falando de um projeto pedagógico comprometido com a realidade da sociedade e que pode dar respostas reais as suas demandas emergentes da realidade da vida real.

Há outro grupo de trabalhos desenvolvidos no âmbito da afrodescendência que tratam de experiências de implantação da Lei 10.639/2003 em espaços escolares, são eles: Brito (2010), Pereira (2011) e Oliveira (2011). *O jogo africano Mancala e o ensino da Matemática em face da Lei 10.639/2003* é uma pesquisa intervenção que estudou a possibilidade de utilização do jogo Mancala em atividades pedagógicas para o ensino da matemática. Mancala é um jogo matemático com base lógica, milenar na África, cuja estrutura de movimentos de captura e defesa das peças está pautada em conceitos matemáticos, práticas culturais e filosóficas africanas.

---

<sup>65</sup> LIMA, Ivan Costa. **As Pedagogias do Movimento Negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000): Implicações Teóricas e Políticas para a Educação Brasileira**. 2009. 318f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2009, pág. 297).

<sup>66</sup> GOMES Ana Beatriz Sousa. **A Pedagogia do Movimento negro em instituições de ensino em Teresina, Piauí: As experiências do IFARADÁ e do Centro Afro-Cultural Coisa de Nêgo**. 2007. 262f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

A intervenção concluiu que a prática do jogo promoveu aulas interativas, contribuiu para a mudança de postura do professor em sala de aula em relação ao reaprender e aprender a ensinar matemática. E principalmente, contribuiu também, para a construção de conhecimentos no campo do ensino de matemática, história e cultura afro-brasileira.

Britto (2010), em sua dissertação, *Diversidade étnica e fazer docente na educação física em Cuiabá-MT* busca construir possibilidades de intervenção nas relações étnico-raciais a partir do fazer docente do educador físico, afirmando a importância de compreensão do corpo afrodescendente. São as memórias ancestrais do corpo que os levam as danças e a outras matrizes afrodescendentes e a própria compreensão deste corpo em outras dimensões da vida social.

Todos os autores são uníssonos ao afirmarem que a ampliação do repertório dos alunos com relação à África e sua produção milenar de conhecimento é importante para a autoestima do aluno em relação ao negro, ao ser negro e a cultura negra.

Neste sentido também, se estrutura a dissertação de Oliveira (2011) *Cultura Afrocearense: Um estudo sobre africanidades, educação e currículo numa escola pública de Fortaleza*, as atividades realizadas na escola pela pesquisa, tinham um caráter antirracista e atuou nas áreas de literatura, história e educação artística introduzindo no cotidiano escolar conteúdos relacionados a África e a cultura afrobrasileira. Como resultado, assim como Pereira (2011), Oliveira (2011) concluiu-que as atividades relacionadas à valorização da cultura negra transformam a compreensão dos alunos, habituados a invisibilização negra e as experiências racistas de exposição através da mídia.

Pensando as políticas afirmativas Silva (2009) parte do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará com o propósito de identificar a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDBN, especificamente dos seus artigos que tratam da história e cultura afro-brasileira e dos povos africanos nos currículos da educação básica (26, 26<sup>a</sup>, 79B). A autora deseja identificar a implementação dos já mencionados artigos da LDB naquele centro de educação, e mais, no caso de haver políticas dessa natureza, verificar qual o impacto das mesmas no referido centro, a autora conclui que, as políticas de ações afirmativas ainda não foram implantadas no referido centro.

Variadas são as abordagens das pesquisas em educação afrodescendente, desde a discussão sobre transmissão/transferências de aprendizagens, currículo e metodologias de ensino, legislação, a pluralidade de pesquisas comungam ao afirmarem que o desenvolvimento de propostas educacionais pautadas no conhecimento africano e afrodescendente apresentam um ganho social não só para a população afrodescendente, mais

também, para toda a população ao proporcionar uma reflexão e uma compreensão acerca da nossa identidade brasileira.

### 3.3 Categoria de Análise - Bairros de Maioria Afrodescendente.

Estes trabalhos se ocupam em compreender como se dar a inserção e a sociabilidade da população afrodescendente na cidade, nos bairros em que vivem, analisando suas realidades, buscando apreender aspectos fundamentais das suas vidas, como: moradia, trabalho, educação.

Essas pessoas saíram de seus lugares de origem de vida às condições de sobrevivência extremamente difíceis. A cidade era vista como uma esperança, um caminho pra modificar esta situação. Não mostram sentimento desesperador mas uma conformação fundada na crença de que é possível melhorar de vida. O trilho significou um meio, uma resposta, uma nova perspectiva para o futuro. (RIBEIRO, 1995, pág. 88).

A preocupação com os bairros de maioria afrodescendente vão surgir para resolver a questão do assento real da pesquisa. Para além da sala de aula, não havia muitos espaços de observação da população afrodescendente, os bairros periféricos se apresentaram aos pesquisadores como um *locus*, um lugar que permite uma visão microscópica do que ocorre na sociedade, inclusive para a compreensão do fenômeno do racismo e do mito da democracia racial, a periferia é parceira do conceito de democracia racial, quando marginaliza, acomoda e limita a participação da população afrodescendente dentro da sociedade geral, deixando-a circunscrita aos limites do bairro, com todas as suas limitações arquitetônicas, sociais e de mobilidade.

Os bairros periféricos, onde ao longo das pesquisas comprovou-se estarem localizadas as populações de maioria afrodescendente são a cristalização da história de exclusão e das desigualdades sociais vivenciadas por nosso povo, somos tangidos a estes territórios, se num primeiro momento há estranhamento, depois há ressignificação, eles são também resistência, identidade e patrimônio da população afrodescendente.

Essas pessoas saíram dos seus lugares de origem devido às condições de sobrevivência extremamente difíceis. A cidade era vista como uma esperança, um caminho para modificar esta situação. Não mostram sentimento desesperador mas uma conformação fundada na crença de que é possível melhorar de vida. O trilho significou um meio, uma resposta, uma nova perspectiva para o futuro. (RIBEIRO, 1995, pág. 88).

Trabalhos referências que abordam esta temática são Barreto (2012)<sup>67</sup>, Damião (2007)<sup>68</sup>, Ribeiro (1995)<sup>69</sup>, Sousa, (2010)<sup>70</sup>.

Negros do trilho e as perspectivas educacionais de Rosa Maria Barros Ribeiro é um trabalho importante para nós, a medida que trata de um território que guarda lembranças nossas. A comunidade onde foi realizada a pesquisa foi o bairro onde tia Noêmia residiu por mais de uma década, e foi lá que nossos pais moraram, em 1985, quando migraram de Juazeiro do Norte para Fortaleza.

Tia Noêmia e o Tio Manuel (seu marido) moraram na comunidade e lá construíram quartos de aluguel, onde abrigavam filhos e sobrinhos. Que viviam como a autora descreve:

Morar no trilho proporciona muitas vantagens como proximidades, facilidade em termos de trabalho, escola, hospital, comércio e outros, no que diz respeito ao deslocamento. Os laços criados trazem o companheirismo e a ajuda mútua. A convivência é boa, apesar dos desentendimentos. Morar no trilho se traduz em segurança para as famílias, pois é um lugar onde as pessoas se conhecem de muito tempo e onde os filhos podem ir e vir com uma relativa liberdade. Só se pensa em sair do trilho se for para um lugar também central, como uma moradia mais confortável. O trilho, com todos os seus problemas, é, na opinião dos entrevistados, um lugar seguro e bom de se viver. (RIBEIRO, 1995, pág. 90)<sup>71</sup>

Durante a leitura da dissertação de Ribeiro (1995), as lembranças daquele espaço vieram em minha mente. Tia Noêmia e Seu Manuel haviam construído os quartos de aluguel no fundo de sua casa, no quintal. Recordei-me das paredes sem acabamento, os tijolos aparentes, haviam coqueiros no quintal e uma vizinhança composta de primos e de uma família estendida com quem partilhamos aniversários e alguns momentos de nossa vida, com quem os laços foram desfazendo-se a medida que saímos da periferia e fomos morar nos bairros de classe média e estudar nas escolas particulares.

Ao sair do bairro, as experiências sociais foram se diferenciando, de acordo com a cor da pele, para nós, uma família mestiça o processo de ascensão social era mais possível,

---

<sup>67</sup> BARRETO, Rosivalda dos Santos. **Patrimônio Cultural, Infância e Identidade no Bairro do Bom Juá, Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2012.

<sup>68</sup> DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira Infância, Afrodescendência e Educação no Arraial do Bom Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

<sup>69</sup> RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **Negros do Trilho e as Perspectivas Educacionais**. 1995. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, CE, 1995.

<sup>70</sup> SOUSA, Juliana de. **Memórias e histórias da população negra da cidade de Carapicuíba-SP: Uma abordagem para a educação escolar**. 2010. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Fortaleza - CE, 2010.

<sup>71</sup> *Ibid.*, 1995, p. 90.

embora também fosse limitado pela cor da pele. No bairro as distinções também se assentavam sob a diferença racial.

Não existem famílias brancas no trilho, mas famílias negras e mestiças. O nível econômico entre os dois grupos é semelhante. Analisando a realidade deste local, poderemos encontrar um leque de variedade maior em termos profissionais entre os mestiços, mas o tipo de moradia e a escola que frequentam são os mesmos, devido ao nível salarial que é equivalente. A diferença fundamentalmente entre a vida de negros e mestiços no Trilho se dá através das barreiras sociais que são muito mais frequentes entre aqueles. Percebemos que muitos mestiços são estigmatizados por serem identificados como negros. A estigmatização dirigida aos considerados negros é bem mais acentuada, gerando em certos casos o isolamento em relação a eles. (RIBEIRO, 1995, pág. 101)<sup>72</sup>.

A dissertação de Ribeiro (1995) mostra o processo de exclusão social em relação às famílias negras, no Trilho, a falta de direitos essenciais como trabalho, saúde, educação e moradia em condições decentes e desejáveis. Condições comuns a população negra cearense, brasileira, semelhantes a situação vivenciada atualmente por nossa família na periferia da cidade de Juazeiro do Norte e por todos os negros nas periferias dos centros urbanos.

A dissertação *Memórias e histórias da população negra da cidade de Carapicuíba-SP: uma abordagem para a educação escolar* de Sousa (2010)<sup>73</sup>, trata das histórias e memórias da população afrodescendente de Carapicuíba em relação ao seu território, tendo o espaço e as práticas compartilhadas nele como um elemento identitário importante deste grupo social.

O bairro, território de “pertencimento étnico, territorial, etário, social e de gênero” é como é compreendido o Arraial do Retiro, em Salvador-BA, para o grupo de crianças da pesquisa de Damião (2007). Assim também, rico espaço de patrimônio imaterial, o bairro é apresentado por Barreto (2012) “acervos que transversalizam homens e mulheres, o nascimento que com o tempo constroem suas identidades nas relações que estabelecem onde vivem”.

<sup>72</sup> RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **Negros do Trilho e as Perspectivas Educacionais**. 1995. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 1995.

<sup>73</sup> SOUSA, Juliana de. **Memórias e histórias da população negra da cidade de Carapicuíba-SP: Uma abordagem para a educação escolar**. 2010. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Fortaleza - CE, 2010.



### 3.4 A Teoria Afrodescendente e os estudos sobre Juazeiro do Norte.

Na Perspectiva da história local é de fundamental importância as teses desenvolvidas por Videira (2010), Souza (2010)<sup>74</sup>, Domingos (2011)<sup>75</sup>, por exemplo, quando buscam rever as bases da produção intelectual e historiográfica local e produzem uma nova historiografia a partir dos aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais, materiais e imateriais constituídos pela população afro-brasileira, tirando-os da invisibilidade que a história oficial havia resguardado para nós.

No Ceará e especificamente em Juazeiro do Norte, o processo de revisão historiográfica no qual estamos inseridos, se inicia, principalmente a partir das pesquisas de mestrado e doutorado, Nunes (2007)<sup>76</sup>, (2010<sup>77</sup>), estudando as manifestações culturais tradicionais da região, os Reisados, ela reconstitui a importante participação da população afrodescendente e reconhece na sociedade atual os valores civilizatórios africanos e o legado histórico cultural negado e/ou omitido ao longo da história da cidade de Juazeiro do Norte.

Outro trabalho que apresenta em parte a problemática da qual tratamos e inaugura uma discussão até então não tratada com a devida importância é o trabalho de Souza (2010), onde a autora vai buscar as memórias e histórias da população negra a partir de um território, que é real, Carapicuíba e também imaginário, já que as memórias remontam ao início do século XX e a uma série de fatos e histórias que até seu trabalho haviam sobrevivido apenas no imaginário daquela população, a partir destas memórias.

Apesar da autora não tratar do território Ceará, ao defender a possibilidade de construção historiográfica a partir de narrativas reais e imaginárias da população afrodescendente, Sousa (2010), afirma ser este patrimônio imaterial um importante elemento para a escrita da história da população afrodescendente, sua invisibilidade deve se ao fato de

---

<sup>74</sup> SOUZA, Juliana de. **Memórias e Histórias da população negra da cidade de Carapicuíba-SP: Uma abordagem para a Educação Escolar.** 2010. 217f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza - CE, 2010.

<sup>75</sup> DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Pedagogias da Transmissão da Religiosidade Africana na Casa de Candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE.** 2011 273f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza - CE, 2011.

<sup>76</sup> NUNES, Cícera. **O Reisado em Juazeiro do Norte e os Conteúdos da História e Cultura Africana e Afrodescendente: Uma Proposta de implementação da Lei 10.639/03.** 2007. 157f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

<sup>77</sup> NUNES, Cícera. **Os Congos de Milagres e Africanidades na Educação do Cariri Cearense.** 2010. 148f. Tese. (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

que a história é mais um elemento de do sistema de dominação racista, que visa a desqualificação da nossa população.

Dentro deste quadro de trabalhos a nossa tese se inscreve, pensando o território e a população afrodescendente no Nordeste Brasileiro, pensando o elemento da migração como um importante elemento recorrente nas trajetórias da população afro-brasileira no pós-abolição e (des)estruturador das relação familiares, que são nosso lugar de partida e pensando como os sujeitos afrodescendentes estruturaram a cidade e o urbano e como são metamorfoseados nesta sociedade, ante a lógica da de miscigenação e da democracia racial, sendo invisibilizados historicamente.

#### 4 AS ORIGENS ÉTNICAS DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE

*Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, depende de sua localização no território.*  
Milton Santos

Em nossa pesquisa enfatizamos o protagonismo africano e afrodescendente num território onde as controvérsias sobre o período escravagista, sobre a presença africana e afrodescendente são desafiadoras. A tradição historiográfica cearense negou a escravatura por essas paisagens, sob a legativa de que no processo econômico desenvolvido no Ceará não permitia espaço para essa mão de obra escrava, desconsiderando aspectos particulares de cada região. E junto com a escravatura negou também a existência de uma população africana ou afrodescendente.

No caso específico do Cariri, para além da civilização do gado e da cotonicultura, os engenhos de cana-de-açúcar marcaram economicamente e culturalmente esta sociedade, compreendemos que estes outros modelos econômicos certamente favoreceram outras formas de sociabilidade africana e afrodescendente.

Consideramos ser necessário entender a história de fundação da região do Cariri e de Juazeiro do Norte, seus contextos político, econômico, social, cultural e religioso, para entendermos o processo de peregrinações e imigrações que marca a história da cidade de Juazeiro, e que trazem para este lugar os sujeitos de nossa pesquisa. Nesta perspectiva reconstruímos o complexo urbano que se constituiu nesta cidade durante o fim do século XIX e meados do século XX, demarcando nele, a presença da população afrodescendente.

Neste sentido este capítulo se desenvolve situando a população afrodescendente e nossa família no tempo e espaço ao longo da história de Juazeiro do Norte. Desde a sua fundação, revisando assim a historiografia da cidade que não pontuou a existência da população afrodescendente até os dias de hoje, quando a segregação urbana e racial nos marginaliza e nos aloca na periferia da cidade onde vivenciamos um processo de exclusão aos bens sociais que desafia a nossa cidadania.

#### 4.1 O Processo de Colonização da Região do Cariri e os marcos étnicos.

Figura 14- Mapa da Região do Cariri.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE).

Juazeiro do Norte fica ao sul do Ceará, dentro de uma região chamada de Cariri. O nome da região faz referência a seus primeiros habitantes, a famosa tribo indígena Kariri ou Kiriri. Essa nação, assim como as demais do Ceará, sofreram um processo de tentativa de extinção e posterior invisibilização de seus descendentes.

No caso dos Kariri, foram repetidamente descritos pela historiografia regional, tradicional como arredios e hostis. Conforme Neves (1997)<sup>78</sup>, por defenderem suas terras de homens brancos posseiros, Hoornaet (1999)<sup>79</sup>, descreve como teria ocorrido o fim desta nação:

Os missionários pensavam no início poder atrair os indígenas, sobretudo as crianças, pelo esplendor das danças e dos cantos dos meninos trazidos de Portugal para ajudar os padres na sua tarefa, nem pelas procissões, nem pelas danças, nem pelos presentes e nem pelas falas dos padres. A evangelização pacífica chegou a um fracasso (...) os missionários que deviam seguir o

<sup>78</sup> NEVES, Napoleão Tavares. **Cadernos do IPERC 1**. Juazeiro do Norte: Edições IPESC-URCA.

<sup>79</sup> HOORNAERT, Eduardo. **Fundamentos da Fixação no espaço Cearense**. Fortaleza, FAFIFOR, 1999.

exemplo de pacificidade de Jesus de Nazaré, optam na realidade pela violência contra os habitantes desta terra. (HOORNAERT, 1999, p.131)<sup>80</sup>.

Este relato de Hoornaert (1999)<sup>81</sup> comunga com a produção intelectual que “dizimou” a população indígena, num processo que nós compreendemos se relacionar com o embranquecimento da população cearense.

Pensamos ser necessário revisar esta história de “desaparecimento” dos Indígenas, também, pois os elementos cotidianos<sup>82</sup> nos dão pistas que parte dessa população conseguiu resistir bravamente às incursões de violência orquestradas contra elas, buscaram formas diversas de preservação da sua unidade apesar da dinâmica da cultura do impacto, desafiando a historiografia local.

A região do Cariri se estende aos estados da Paraíba e Pernambuco. No Ceará compreende 09 municípios, dentre eles, Barbalha e Crato. A segunda foi a freguesia que deu origem à cidade de Juazeiro do Norte.

Essa região é conhecida pela sua rica vegetação, terra fértil e inúmeras fontes de água mineral, a região que compreende a Serra do Araripe, uma floresta e os afluentes dos rios Jaguaribe e Piranhas (HOORNAERT, 2006, p.27, apud NOBRE, 2010)<sup>83</sup> fazendo com que a sua paisagem se distingua do restante do estado e de parte do nordeste, ficando conhecida como “Oásis do Sertão”.

Foi colonizada em fins de século XVI com a chegada de exploradores vindos da Bahia e, quem são estes homens, a história oficial não nos conta. Acreditamos que estes exploradores são homens negros, africanos livres, libertos que vão desenvolver a pecuária e chegam até o Ceará.

Durante muito tempo, a principal fonte econômica era a pecuária, como praticamente em todo o Ceará, onde o gado se adaptou facilmente. Essa atividade favorecia os processos de migração, em virtude da mobilidade do gado. Por seus aspectos físicos distintos o Cariri irá desenvolver também uma importante atividade econômica, a agricultura, da cana de açúcar, da farinha, do algodão foram observadas aqui em meados do século XIX.<sup>84</sup>

---

<sup>80</sup> *Ibid.*, p.131.

<sup>81</sup> *Ibid.*

<sup>82</sup> Toda a região é fortemente marcada pela presença de mitos, lendas, rituais, festas, religiosidade, música, danças, grutas com expressões gráficas rupestres, santuários entre outras formas de riqueza e patrimônio cultural.

<sup>83</sup> NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus: A construção do Espaço Sagrado de Juazeiro do Norte a partir das Narrativas Femininas** (Ceará, 1889-1989). (Mestrado em História) Curso de Pós-graduação em História. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

<sup>84</sup> SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó. **OS HOMENS QUE FAZIAM O TUPINAMBÉ MOER**. Experiência e Trabalho nos Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980). Dissertação. (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

Estes municípios também apresentavam um solo de fertilidade propícia a lavouras de cana de açúcar e alimentos de consumo imediato [...]. Os terrenos de Crato, Barbalha e Missão Velha, por estarem circundados pelo Araripe, eram considerados de grande fertilidade para qualquer gênero de cultura, entretanto era a lavoura de cana de açúcar a mais praticada na região. [...] Em Crato e Missão Velha também eram presenciadas as mesmas condições de plantio, no entanto as fazendas de criar existiam em quantidade considerável. (CORTEZ, 2008, p. 55-56).<sup>85</sup>

Cortez (2008)<sup>86</sup>, em sua pesquisa de mestrado, aborda as famílias de negros escravizados no Cariri, durante o período de 1850 a 1884, para a autora, é a família a principal prática de sociabilidade realizada pelos negros escravizados no Cariri. Cortez relata que os escravizados compuseram diferentes arranjos familiares, que vão além da noção ocidental de família e matrimônio. Segundo a autora essa multiplicidade de composições familiares que ultrapassaram as condições sociais unindo livres, libertos e cativos, e desencadeando, segundo ela, os distintos tons de pele, de tal forma que no século XIX a família escravizada era mestiça.

Nesse cenário econômico, Cortez (2008)<sup>87</sup> ressalta a importância da população escravizada, trabalhadores muito importantes para os senhores de terras da região. Ela explica que, por volta de 1850, a população cativa no Cariri somava 3.141 indivíduos entre homens, mulheres e crianças pertencentes a um extenso número de proprietários. Cortez, explica que o número de escravizados é pequeno quando comparado ao de homens livres, 72.928, contudo, é extremamente relevante, dado a importância que essa mão de obra teve para a região do Cariri e do Ceará.

A gama de serviços realizados pela população escravizada era ampla, eles estavam presentes no “espaço urbano, em trabalhos domésticos e de ganhos, e no meio rural, nas lavouras, fazendas de gados e engenhos de rapadura e aguardente”. (CORTEZ, 2008, p.62)<sup>88</sup>. Assim, a força escravizada era usada largamente, e o elemento cativo, tinha nessa realidade, alto valor monetário, era grande a quantidade de senhores que possuíam poucos cativos, no máximo quinze escravizados e na maior parte deles, os cativos constituíam o bem de maior valor de seus proprietários, “No Cariri, uma localidade relativamente distante do comércio de

<sup>85</sup> Cortez, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos:** a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884). 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008, p. 55-56.

<sup>86</sup> *Ibid.*, 2008, *passim*.

<sup>87</sup> *Ibid.*, 2008, *passim*.

<sup>88</sup> CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos:** a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884). 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.

escravos, o valor e o suprimento da mão de obra cativa influenciaram decisivamente para a progressiva alta dos preços, durante o decorrer do século XIX.” (CORTEZ, 2008, p.71)<sup>89</sup>.

Cortez juntam-se a outros autores, Funes<sup>90</sup> (2002), Ratts (1997)<sup>91</sup> para romper definitivamente com a ideia de que não houve um processo escravagista, ou que ele tenha sido mais brando, em oposição a historiografia tradicional que afirma ter havido no Ceará uma escravidão sem negro, sem senzala, sem revolta ou quilombos e ainda anuncia ter sido este estado o pioneiro da abolição em 1884. (RATTS, 1997, p. 106)<sup>92</sup>. De acordo com Brígido (1919)<sup>93</sup>,

É preciso deixar bem acentuado que muito embora a cruelíssima disciplina da família antiga, que penetrava até as escolas, o escravo do Ceará não era o mesmo martyr da lavoura do sul. Não conhecia o eito e a senzala dos latifúndios, fazia tão somente de doméstico, em contacto com o seu senhor. Os homens ajudavam no campo e as mulheres debaixo do mesmo tecto, faziam o ménage e à conta delas estava a cozinha, cargo de confiança, entendendo com o preparo do pão, do qual depende a vida ou poder vir a morte. (BRÍGIDO, 1919, p. 308)<sup>94</sup>.

Essa história de pioneirismo da abolição da escravatura no Ceará, em 25 de março de 1884 também foi revisitada por Martins (2012)<sup>95</sup>. Ele denuncia que “afora as memórias em que é erigido o edifício da façanha abolicionista, o pós-abolição na terra da luz é formatado pelo silêncio sobre o liberto negro no Ceará ou a depreciação de sua atuação de forma mais ampla (MARTINS, 2012, p.44)<sup>96</sup>”. Informa que houve uma realidade, por ele observada a partir da análise de jornais, revistas e principalmente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará que conflita com a produção que defende esta perspectiva abolicionista do Ceará “Após o dia 25 de março de 1884, consagrado como o da libertação de todos os escravos do Ceará ainda existiam escravos na província. Não foi o Ceará a primeira província a libertar totalmente os seus escravos.” (MARTINS, 2012, p.28).

<sup>89</sup> *Ibid.*, 2008, p.71.

<sup>90</sup> FUNES, Eurípedes Antonio. **Negros no Ceará**. In: SOUZA, Simone de (org.). Uma Nova História do Ceará. UFC: Fortaleza, 2002.

<sup>91</sup> RATTS, Alex. **Os Povos Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará**. Cadernos CERU (FFLCH/USP), São Paulo, v. 9, p. 109-127, 1997.

<sup>92</sup> *Ibid.*, 1997, p. 106.

<sup>93</sup> BRÍGIDO, João. **Ceará: Homens e Factos**. 1919.

<sup>94</sup> *Ibid.*, 1919, p. 319.

<sup>95</sup> MARTINS, Paulo Henrique de Souza. **Escravidão, Abolição e Pós-abolição no Ceará: Sobre Histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

<sup>96</sup> MARTINS, 2012, p. 44 *et seq.*

Sobre a possível data de libertação dos escravizados, em 1966, o historiador estadunidense Billy Chandler publicou um artigo na revista do Instituto que denuncia que o fim da escravidão no Ceará deveria ter sido alterada para 13 de maio de 1888. A argumentação baseia-se na existência de escravos no município de Milagres, até 1886, segundo Martins (2012) na melhor das hipóteses foram alforriados na condição de servir por três anos e assim estendendo a escravidão até 1889.

Essa publicação causou debates acalorados nos bastidores da revista do Instituto do Ceará, dentre os pesquisadores do Instituto não houve muita recepção das pesquisas do historiador estadunidense, exceto do General Dr. Carlos Studart Filho (sobrinho do Barão de Studart). Na verdade, segundo Martins (2012), houve um boicote para com a publicação de Bill Chandler. De forma que em 1967, Djacir Menezes membro do Instituto, publicou o artigo “Debate sobre o abolicionismo cearense” onde apresentou argumentos para defender a pertinência da efeméride cearense não poupando esforços para provar que pelo fato da mão de obra escrava negra ter sido historicamente exígua em relação à densidade da zona canavieira, era natural que o pensamento escravocrata fosse minguada ao passo que também seria natural um “redentorismo” imanente na alma cearense (MARTINS, 2012, p.30).

Esse paradigma explicativo não nos atende, pois a ideia de que a pequena quantidade de escravizados teria impresso um caráter menos escravocrata à sociedade local, é incipiente. Outros argumentos foram construídos no sentido de reforçar essa versão histórica abolicionista do Ceará. Martins (2012), no mesmo artigo, diz ainda que, a abolição do Ceará fora um movimento das elites ilustradas e assim sendo, não poderia ser deslegitimado por quaisquer documentos,

O 25 de março foi um ‘corolário inevitável’ da atuação do que existia de melhor na sociedade cearense. O abolicionismo não era um movimento das ruas, capitaneados por escravos alvoroçados. O escravo assistia atônito às manifestações em torno. Mas era um movimento das elites, ganhara os salões, a imprensa, a Academia, a Assembleia, o Governo. (MARTINS, 2012, p. 30-31)<sup>97</sup>.

Pois, em oposição ao prestígio de estado redentor, a nova produção historiográfica nos informa ter sido o Ceará, verdadeiramente, a província que mais contribuiu com o tráfico interprovincial, ocorrido no Brasil a pós o fim da exportação de negros africanos em 1850

---

<sup>97</sup> MARTINS, Paulo Henrique de Souza. **Escravidão, Abolição e Pós-abolição no Ceará: Sobre Histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.



para serem escravizados. Conforme Martins (2012, p.38)<sup>98</sup>, em 25 de março de 1884, cerca de 65% dos municípios cearenses ainda possuíam escravizados. Ele afirma que,

[...] penso ser seguro afirmar que apesar das circunstâncias excepcionais historicamente construídas na segunda metade do oitocentos, principalmente depois da seca de 1877-1879, o processo de abolição no Ceará comportou muitos conflitos de certo modo semelhantes aos de outras províncias do Império. Não teria sido uma humanidade inata do cearense a força motriz que impulsionou a extinção da escravatura. (MARTINS, 2012, p.43)<sup>99</sup>.

De acordo com Graham (2002 apud MARTINS, 2012, P.31)<sup>100</sup> a província do Ceará, foi uma das mais devastadas pela seca; ela enviou milhares de escravizados para o sul, e durante a década de 1870, enviou mais que qualquer outra província, exceto o Rio Grande do Sul, e neste sentido teve uma grande participação no tráfico interprovincial.

Como fim da importação de escravizados da África, em 1850<sup>101</sup>, o tráfico interprovincial existente ganhou grande impulso. Se por um lado esse influxo de algum modo sustentou a reposição de escravizados nas fazendas de café de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente, por um lado, e aliado a diversos motivos, esvaziou as províncias exportadoras de escravizados, criando um desequilíbrio que conforme Martins (2012)<sup>102</sup> atuará no contexto de deslegitimação do regime de trabalho escravizado no Brasil.

O Ceará foi uma das províncias que mais contribuíram no movimento do tráfico interprovincial, só diminuído devido à legislação<sup>103</sup> que impunha forte tributação sobre o tráfico. Essa legislação tinha como objetivo diminuir o preço dos escravizados nas províncias e assim, pressionar pelo fim da escravatura, “a fim de se libertarem de uma instituição não lucrativa e de abrirem caminho para a mão de obra livre”<sup>104</sup>.

As mudanças provocadas pelas leis tributárias antitráfico interno ficam aparentes na queda de arrecadação de impostos sobre a comercialização de escravizados, e, portanto, é decisiva no processo abolicionista cearense. Outra força influente foi a dos trabalhadores do mar, os jangadeiros e os responsáveis pelo embarque de mercadorias no porto,

<sup>98</sup> *Ibid.*, 2012, p.38.

<sup>99</sup> *Ibid.*, 2012, p.43.

<sup>100</sup> GRAHAM, 2002, *apud* MARTINS, 2012, p. 31.

<sup>101</sup> O fim do Tráfico Intercontinental teve motivos diversos, dentre a pressão inglesa para supressão daquele comércio há muito foi eleita como um fator determinante pela nossa historiografia, para além da adversa conjuntura externa, internamente, as elites imperiais sentiam tanto o medo da africanização da nação.

<sup>102</sup> MARTINS, Paulo Henrique de Souza. **Escravidão, Abolição e Pós-abolição no Ceará: Sobre Histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

<sup>103</sup> Legislação Tráfico Interprovincial.

<sup>104</sup> The Rio News, 24 de janeiro de 1881, *Apud* CONRAD, Robert, *Op. Cit.* P. 211-212.

Face à valorização do escravo cearense se sustentar pelas leis de oferta e procura do mercado consumidor na área cafeeira do sudeste, a decisão de não embarca-los, impedindo a concretização das negociações por mar, foi um duro golpe nos bolsos dos poderosos negociantes da capital e interior, para não dizer nos dos fazendeiros. (MARTINS, 2012, p. 34)<sup>105</sup>.

Diante o exposto o processo de abolição no Ceará comportou muitos conflitos, de certo modo semelhantes aos de outras províncias do Império, contudo nenhum deles significa que teria sido uma humanidade inata do cearense a força motriz que impulsionou a extinção da escravatura.

E apesar do edifício da façanha abolicionista feita em torno da abolição e na perspectiva de construção do Ceará, como Terra da luz, há um notório silêncio sobre o africano ou afrodescendente “liberto”, ou ainda, depreciação de sua atuação em nossa sociedade.

Chegado o meio século da festa do 25 de março de 1884, aparece na Revista do Instituto o artigo de Guilherme Sousa Pinto. Mostrando através de censos e ‘cálculos meticulosos’, como progressivamente a população negra e escrava foi diminuindo ao longo do século XIX, o autor ressaltava o postulado do ‘embranquecimento’. Para Sousa Pinto o processo de progressiva eliminação do negro no Brasil e, por conseguinte no Ceará, se devia ao ‘[...] crescimento natural da família aryana [...]’; e, relativamente ao elemento negro, é, apesar da fecundidade do preto, a sua lata mortalidade, para o qual concorre em elevado grau o nosso clima e o vício da embriaguez; ainda, depois de analisar alguns percentuais populacionais conclui que ‘a purificação da raça nacional se acentua, como se acentua também o desaparecimento do elemento negro. (PINTO, 1934).<sup>106</sup>

A produção historiográfica do Ceará tem durante um longo período, produzido a partir de uma perspectiva que nega a presença e importância da população afrodescendente em seu território, alicerçados em duas ideias principais, que surgem a partir:

1. Da compreensão errônea do termo “escravo”, aqui utilizado como sinônimo de “negro” e a notória dificuldade de compreensão das formas de existência africana e afrodescendente. Conforme Cunha (2014)<sup>107</sup>, é possível categorizarmos pelo menos, quatro possibilidades distintas de sociabilidade e trabalho naquele período:

a) Africano ou Afrodescendente escravizado.

<sup>105</sup> *Ibid.*, 2012, p. 34.

<sup>106</sup> PINTO, Guilherme de Sousa. **A Libertação no Ceará da População Escrava**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza - CE, 1934. Disponível em: <http://www.institutoceara.org.br>. Acesso em: 25 de Novembro de 2014.

<sup>107</sup> CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Elaboração durante atividade de orientação em 03 de Dezembro de 2014.

b) o escravizado de ganho, que, assumia uma posição diferente dos outros escravizados na sociedade. Primeiramente, porque tinha direito a receber parte do fruto do seu trabalho. Os outros motivos que os tornavam peculiares era a livre circulação pela cidade. Mesmo permanecendo na condição de escravizado, ou seja, uma propriedade do seu dono, havia a possibilidade de acumular riquezas e adquirir bens, ainda que a formação de uma riqueza considerável fosse difícil, como também conseguir uma quantia para comprar a própria alforria. Além disso, a liberdade não significava necessariamente uma melhoria significativa da qualidade de vida, já que livres, não tinham mais o apoio da legislação vigente em relação aos escravizados, ou seja, não tinham mais a proteção legal, a liberdade, que em alguns casos isolados foi benéfica, em muitos outros casos, representou a marginalização completa do indivíduo.

c) o livre, os africanos livres viveram as contradições e as tensões daquele momento, em sua experiência cotidiana estreita relação com a escravidão, não apenas porque os lugares de trabalho e a sociabilidade nas cidades muitas vezes eram comuns a escravizados e libertos, mas também porque, frequentemente, eram vistos como desprovidos de direitos.

Os achados de nossa pesquisa, que são as narrativas e documentos apresentados ao longo da tese, nos permitem afirmar que a família do meu avô paterno fazia parte deste grupo, vindos de uma região quilombola de União dos Palmares, não encontramos em nenhum momento da pesquisa vestígios de existência escravizada.

d) o liberto, quanto à família da minha avó paterna acreditamos fazer parte deste grupo devido a sua relação com a Família Bezerras de Menezes, escravocratas da região. Os próprios impasses com relação ao conceito de família, liberdade, território, demonstram que minha avó e meu avô possuíam compreensões diversas sobre o modo de viver, que associamos às condições de existência dos seus antepassados.

Outro exemplo desta forma de existência, é a “Tereza do Padre”, citada na obra de Oliveira (1974)<sup>108</sup>, conforme o relato da autora, Tereza fora alforriada pelo Padre Cícero, mas continuava a lhe servir nos trabalhos domésticos e da roça, assim, mesmo depois de livre Tereza continuava sob a tutela do Padre.

As mudanças políticas e sociais não foram capazes de romper com as relações entre minha avó e os Bezerra, os relatos dão conta que além dos serviços prestados aos Bezerra de Menezes, ela também atuou como “cabo eleitoral” desta família, angariando votos entre seus vizinhos e compadrios, contrariando os desejos de meu avô.

---

<sup>108</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci**: Verdadeira História de Juazeiro do Norte. Fortaleza - CE: Editora Henriqueta Galeno, 1974.

Para cada uma destas formas de existência, há um universo de relações distintas vivenciados com os seus e com o espaço, ainda não conhecidos em sua totalidade, porque continuamente “insistimos” em dizer da não existência de negros no Ceará.

2. Da propalada ideia de que a mão de obra escravizada no Ceará fora utilizada somente para serviços domésticos e nos engenhos de rapadura, o que teria impresso aqui, um processo de escravatura mais brando, onde senhor e escravizado teriam desenvolvido outras relações de base não desigual, ou menos desigual.

De fato, para além das questões altruísticas, os abolicionistas do Ceará também tinham outros interesses em jogo, pois pretendiam também fundar uma sociedade ‘civilizada’ em que eles próprios tivessem entrada mais franca no jogo político e econômico local, arena dominada pelos senhores de terras e de gentes. Tanto é que depois de tornados livres, os abolicionistas não publicam uma vírgula (não que eu conheça) sobre as possibilidades de inserção do liberto no mundo capitalista concorrencial que pretendiam fomentar no Ceará. Pelo contrário o que fizeram foi construir um atormentante silêncio sobre o negro no Ceará, invisibilidade essa que reverbera até hoje no senso comum da população (MARTINS, 2012, p.48)<sup>109</sup>.

Assim o abolicionismo no Ceará, fora ideal de conveniência para a elite em decadência. Sem nenhum ideal humanista, após a abolição os “revolucionários” silenciaram e negaram nossa existência, colocando-nos a margem desta sociedade, invisibilizando-nos.

É objetivo deste capítulo, demarcar as origens étnicas da cidade de Juazeiro do Norte e as influências da população afrodescendente na história local. Ratts denuncia que esta “invisibilidade” trata-se de uma “opção” dos nossos “intelectuais” que data do século XIX,

O senso comum da extinção dos índios e da ausência dos negros no Ceará foi intensamente reiterado como uma tradição regional que parece se perder no tempo. No entanto, a construção dessa invisibilidade pode ser investigada a partir da segunda metade do século XIX em processos políticos e na produção de intelectuais que privilegiaram certas versões da história de índios e negros nessa porção do território nacional que se constituiu como o Estado do Ceará. Não há intenção, todavia de reiterar uma especificidade regional posto que o processo é concomitante e se assemelha àquele da formação de uma identidade nacional, onde a “questão racial” foi balizadora dos debates. (RATTS, 1997, p. 110).<sup>110</sup>

<sup>109</sup> MARTINS, Paulo Henrique de Souza. **Escravidão, Abolição e Pós-abolição no Ceará: Sobre Histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

<sup>110</sup> RATTS, Alecsandro J. P.. **Os Povos Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará**. Cadernos CERU (FFLCH/USP), São Paulo, v.9., 1997.

Importante destacar esta análise de Ratts que denuncia que este grupo de intelectuais, sejam historiadores, geógrafos, folcloristas ou etnógrafos, independente de sua formação inicial, de médicos, engenheiros ou bacharéis em direito, e sua perspectiva historiográfica, geográfica, antropológica, não possuíam especificidade ideológica, ou seja, a construção da história do Ceará e o trato com a população afrodescendente e indígena são correligionários do processo de formação da identidade nacional e o seu trato com as questões raciais.

Além da “quase ausência do negro” e da escravidão sem “o eito e a senzala dos latifúndios” e, portanto, sem revoltas ou quilombos, a historiografia cearense ressalta a “abolição pioneira” da escravidão no Ceará, em 1884. O vínculo entre a pequena utilização de mão-de-obra escrava, a mitigante seca de 1877-79 e a ação do movimento abolicionista como explicação do declínio da escravidão no Ceará é demonstrado pela primeira vez em Girão que, partindo do texto de João Brígido, consolida as ideias citadas acima. (RATTS, 1997, p.114).<sup>111</sup>

Estes intelectuais se esforçaram para a consolidação da ideia de ausência africana e afrodescendente no Ceará, e quando admitiram nossa existência, afirmaram que a escravização cearense teria sido branda, sem trabalho exaustivo ou castigos excessivos.

Nessa organização-sócio econômica, que veio caracterizar, no conceito de Capistrano (de Abreu), a civilização do couro, os ombros afros pouco entraram em cena. Restringiram-se aos misteres da criadagem, quando os “negros velhos” e as babás, que não sofriam, em regra, o peso e os castigos do eito, como nas zonas dos engenhos de açúcar e nas de mineração. No Ceará os canaviais mal alimentam, modestos engenhos banguês de fabricação de rapadura, e as catas auríferas mal saíram dos fracassados ensaios da Itarema, de São José dos Cariris e das Fraldas da Serra Grande. Daí porque a porcentagem do sangue africano é pequena dentro das veias do cearense. E também porque, sem ânimo de interferir na mesclagem da etnia cearense. (GIRÃO, 1971, p.77-78).<sup>112</sup>

As pesquisas mais recentes dão conta de uma revisão na historiografia tradicional do Ceará rebatendo estas teses racistas, além dos indícios da presença negra em nossa população ainda hoje encontrados, Ratts (1997)<sup>113</sup> descreve os achados no próprio texto do Girão, onde há referências fragmentadas de fugas, formação de mocambos, atos de tortura contra escravizados, atitudes de rebeldia, registrados pelo autor como exceções. Já Cortez (2007)<sup>114</sup> em sua pesquisa de mestrado, investigando inventários *post-mortem* no Cariri, durante o período de 1850 a 1884, dá conta de um grande número de negros escravizados, das

<sup>111</sup> *Ibid.*, 1997, 114.

<sup>112</sup> GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. 1969 [1956].

<sup>113</sup> RATTS, Alecsandro J. P.. **Os Povos Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará**. Cadernos CERU (FFLCH/USP), São Paulo, v.9., 1997.

<sup>114</sup> Cortez, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884)**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.

propriedades pesquisadas 67,3% possuíam escravarias, dentre elas há uma variação do número de escravizados que denota a importância econômica desta mão de obra que era bastante valorizada, e portanto, custava caro aos seus proprietários.

Tabela 3 -Propriedades e Escravos no Cariri (1850-1884).

Nº de Escravos	Total de Propriedades	% das Propriedades	Total de Escravos	% de Escravos
Sem Escravos	89	32,7	-	-
1 a 5	135	49,6	330	40,0
6 a 10	30	11,1	224	27,3
11 a 15	11	4,04	156	16,6
16 a 20	6	2,2	105	12,7
21 a 30	1	0,36	28	3,4
<b>Total</b>	<b>272</b>	<b>100%</b>	<b>467</b>	<b>100%</b>

Fonte: Cortez (2007).

A pesquisa denota a presença de população negra escravizada, apesar da organização socioeconômica da região, não está centrada no latifúndio e monocultura. E para além da população escravizada, há também, os negros livres, libertos, organizados em Quilombos que começam a emergir na produção historiográfica atual. Esta população, de acordo com nossos achados, sempre estivera presente na região do Cariri e, portanto, na fundação de Juazeiro do Norte.

Alguns trabalhos tratam desta questão, Além de Cortez (2007), já apresentada neste trabalho, temos Sá<sup>115</sup> (2007), Funes (2002)<sup>116</sup>, pesquisas com bases empíricas diversas, inventários, documentos cartoriais ou oralidade, comungam da tese de que no Cariri, desde a sua fundação, alguns se reportam ainda ao século XVII, houve a coexistência de variadas formas de trabalho, e portanto, de existência, para homens brancos, indígenas e afrodescendentes.

Sá (2007)<sup>117</sup> realizará uma pesquisa acerca dos trabalhadores do Engenho Tupinambá, situado na cidade de Barbalha, Cariri, durante o período (1945-1980), a autora busca conhecer “os homens que faziam o Tupinambá moer” suas experiências na arte de fazer rapadura, de suas práticas de sociabilidade e estratégias nos embates com os patrões. Vivências permeadas por transformações socioeconômicas marcadas pela chegada da energia elétrica, pela

<sup>115</sup> SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó. **OS HOMENS QUE FAZIAM O TUPINAMBÉ MOER**. Experiência e Trabalho nos Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980). Dissertação. (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

<sup>116</sup> FUNES, Eurípedes Antônio. **Negros no Ceará**. In: SOUZA, Simone de (org.). Uma Nova História do Ceará. UFC: Fortaleza, 2002.

<sup>117</sup> *Ibid.*, 2007.

implantação de uma usina de açúcar. Modernizações que afetaram a produção rapadureira e o mundo dos trabalhadores de um engenho, que após 130 anos de moagens, tornou-se fogo morto, confirmando-se como lugar de memórias.

Em sua pesquisa registra que o inventário de Antonio Manoel Sampaio, dono do Tupinambá, que data de 1870, ano de sua morte, relaciona ainda a posse 53 (cinquenta e três) cativos. Contudo, ao longo da existência do engenho, ela destaca a coexistência de várias formas de trabalho.

Na segunda metade do século XIX, concorria para a menor expressividade do trabalho cativo, o alto preço que a mão de obra escrava negra havia tomado após o fim do tráfico atlântico (1850) e o aumento da demanda de braços para o centro-sul do país. [...] Percebe-se também, que a mão de obra indígena ainda se fazia presente entre os trabalhadores cativos, embora, há mais de um século sua escravização estivesse oficialmente interdita. Com os processos de libertação e fugas, muitos escravos juntavam-se a um contingente de trabalhadores livres, pobres, configurando-se “uma extensa população de mestiços, definidos desde logo como bastardos, significativamente presentes nos sertões brasileiros. (SÁ, 2007, p.19).

Ao tratar da análise da historiografia “regional” diz ser entre seus autores, consensual a afirmação de que desde o início da colonização do Cariri, houve por aqui a coexistência da cultura de criação do gado e sítios com culturas alimentícias, haja vista nossas características geográficas, descritas anteriormente. A referida autora, ao analisar a obra de João Brígido, escrita no século XIX, onde este autor faz uma cronologia dos primeiros habitantes do Cariri, ainda no século XVIII, ela destaca que,

Em Ceará (Homens e Fatos), Brígido corteja e discute registros contraditórios, deixando entrever em momentos o Cariri setecentista, onde ‘não havia ainda uma população abundante, eram raros os brancos [...] e já existiam fazendas de gados e muitos colonos estabelecidos...’. Com o avançar do século XVIII, esse autor faz menção à chegada na região de trabalhadores ‘de diversas partes, sobretudo da Paraíba’. Muitos por lá permaneceram, formando uma população diversificada a compor força de trabalho junto a proprietários de terra ‘já entrados em uma nova fase – a criação e agricultura exclusivamente’. (SÁ, 2007, p.19)<sup>118</sup>.

O pesquisador Billy Chandler, é novamente lembrado, agora por Ratts (1997)<sup>119</sup> ao lembrar que o norte-americano em sua pesquisa sobre a região dos Inhamuns, chega a

<sup>118</sup> SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó. **Os homens que faziam o tupinambé moer**. Experiência e Trabalho nos Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980). Dissertação. (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

<sup>119</sup> RATTIS, Alex. **Os Povos Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará**. Cadernos CERU (FFLCH/USP), São Paulo, v. 9, p. 109-127, 1997.

propor uma reavaliação da participação dos negros na formação étnica do Ceará. Ao trabalhar com os principais censos do século XIX e considerando “pretos, mulatos e pardos” como pessoas “portadoras de reconhecível origem negroíde” Chandler abre uma perspectiva que não foi investigada:

Ao considerar a formação étnica do Ceará, acima de tudo, os negros devem ser observados como um elemento geral no deslocamento de pessoas para a área e no seu subsequente desenvolvimento e não, ligados somente com a instituição da escravidão e da campanha abolicionista. Pelos dados censitários tomados fica claro que nos primeiros anos do século XIX as pessoas livres, de inteira ou parcial ancestralidade negroíde, superavam em número os escravizados. Assim, este é o ponto crucial – a história dos negros nesta área não é principalmente a de um insignificante grupo escravizado que existia em estado de letargia sexual, mas antes de tudo um elemento geral que desempenhava um papel ativo na formação da cultura geral. (CHANDLER apud RATTTS, 1997, p.116)<sup>120</sup>.

Esta perspectiva é por nós pensada, ao passo que, ao adentrarmos na história da Cidade de Juazeiro do Norte, que tem sua fundação quando da abolição da escravatura já se anunciava, encontramos verdadeiros territórios negros, resistentes à própria especulação imobiliária, que o município vive hoje, a presença afrodescendente se faz presente ao longo da história, nosso olhar registra os movimentos que esta população realizou durante a história do município (tarefa do tópico seguinte).

Recentemente a historiografia local iniciou um processo de revisão historiográfica da cidade de Juazeiro, denunciando que a história que se construiu no século XX sobre o surgimento, fundação e construção de Juazeiro é uma história que centra-se principalmente na figura do padre Cícero Romão Batista, obliterando e desconsiderando outras atuações sociais (NOBRE, 2010)<sup>121</sup>. A autora denuncia que a história de Juazeiro do Norte teria se centrado especialmente em dois eixos de análise: a biografia do padre Cícero e as romarias feitas ao Juazeiro pelos seus devotos, privilegiando sempre a figura de padre Cícero como fio conduto desta história e marginalizando outros atores protagonistas.

Quando vamos buscar as obras citadas por Nobre (2010)<sup>122</sup>, que focam nas romarias, percebemos que suas análises, passam a margem da discussão étnica, versando sobre aspectos como, imaginário, representações dos romeiros, sobre o padre Cícero, análises das cartas dos

<sup>120</sup> CHANDLER, 1984 *apud* RATTTS, 1997, p. 116.

<sup>121</sup> NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus: A construção do Espaço Sagrado de Juazeiro do Norte a partir das Narrativas Femininas** (Ceará, 1889-1989). (Mestrado em História) Curso de Pós-graduação em História. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

<sup>122</sup> *Ibid.*, 2010.



romeiros e a autora cita os argumentos de Barbosa (2007)<sup>123</sup>, que denunciariam a marginalização dos estudos sobre os romeiros, devotos em detrimento da centralidade da história do padre Cícero.

Tais abordagens apesar de fornecerem dados e documentos valiosos, pouco se preocuparam em problematizar a participação da população afrodescendente, muitas vezes fizeram o contrário, ajudando a ocultar esta presença. Estas ausências são significantes para nós, pois desvelam o caráter racializado da historiografia cearense e juazeirense, que provocou a invisibilização da história da população negra e seus descendentes em Juazeiro do Norte. Nossas inquietações acerca da narrativa histórica, literária e memorialista de Juazeiro, centrada na pessoa do Padre Cícero e nos romeiros como categoria indistinta nos fez retomar estas obras para nelas procurar vestígios de nossa participação.

---

<sup>123</sup> BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joazeiro Celeste: Tempo e Paisagem na Devoção do Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.

## 4.2 Sobre a Fundação de Juazeiro do Norte e a População Afrodescendente

“Juazeiro do Norte é uma cidade do século XX.” (PEREIRA, 2014:51)<sup>124</sup>. Esta afirmação de Pereira foi muito importante no momento de escrita deste capítulo, quando pela formação de historiadora me vi rodeada por dezenas de livros antigos, de memorialistas, historiadores, intelectuais da burguesia cariense, tentando a partir deles encontrar a mim e aos meus ancestrais nos mitos e histórias de fundação do Cariri e Juazeiro do Norte. O exercício foi extremamente importante para a feitura do capítulo, mas entender que esta história é recente e até certo ponto marginal, é importante para entender os limites deste exercício.

Figura 3 – Foto do Povoado de Juazeiro do Norte, 1827.



Fonte: Memorial Padre Cícero.

<sup>124</sup> PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **Centro, Centralidade e Cidade Média: O Papel do Comércio e Serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE.** 328f. (Mestrado) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2014.

Quanto à fundação de Juazeiro, a presença da população negra escravizada se faz presente, em “Origens de Juazeiro do Norte” de Joaryvar Macêdo (1977)<sup>125</sup>, ainda que o autor não cite em todo o seu texto nenhuma nota sobre a presença da população negra livre ou escravizada, ao tratar de “senzala” nos faz entender que a mão de obra escravizada faz parte do contexto de fundação da cidade, no texto original do autor temos que,

No Sítio juazeiro, de sua propriedade, o Padre Ribeiro da Silva Monteiro construiu uma casa-grande, de taipa e telha, engenho, aviamento, senzala e capela. [...] Com efeito, o aglomerado não demorou a despontar, visto como já na primeira metade da década de 1830, em documentos coetâneos, a localidade aparece como de Povoação do Juazeiro.” (MACÊDO, 1977, p.244)<sup>126</sup>.

No decorrer do texto o autor passa a tratar do que ele chama de “legítimos fundadores de Juazeiro do Norte”, neste momento ele passa a construir o perfil biográfico dos membros da família Bezerra de Menezes, família para a qual meus familiares trabalharam ao longo da vida.

Em *Ceará: Homens e Fatos*<sup>127</sup>, Brígido coteja e discute registros contraditórios, deixando entrever em momentos o Cariri setecentista, onde “não havia ainda uma população abundante, eram raros os brancos [...] e já existiam fazendas de gado e muitos colonos estabelecidos...” Com o avançar do século XVIII, este autor faz menção a chegada na região de trabalhadores “de diversas partes, sobretudo da Paraíba”. Muitos por lá permaneceram, formando uma população diversificada a compor a força de trabalho junto a proprietários de terra “já entrados em uma nova fase – a criação e agricultura exclusivamente”.

Ou seja, em vários momentos da produção historiográfica é possível encontrar indícios que nos permitem afirmar uma população afrodescendente existente mais remota nestas terras e para além da condição de escravizados, este é um achado de nossa pesquisa. Populações pobres, negras que migravam pelo sertão nordestino em busca de trabalho e moradia. De acordo com as narrativas da minha tia avó Noêmia, esse também foi o processo que os fizeram migrar de Alagoas para o Pernambuco e finalmente chegar em Juazeiro do Norte.

Analisando a obra *O Padre Cícero que eu conheci* (1987)<sup>128</sup>, da professora/memoralista Amália Xavier de Oliveira.

<sup>125</sup> MACÊDO, Joaryvar. **Origens de Juazeiro do Norte**. 1977.

<sup>126</sup> *Ibid.*, 1977, p.244.

<sup>127</sup> BRÍGIDO, João. **Ceará: Homens e Factos**. 1919.

<sup>128</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

Narra o escritor que um negro, escravo da “Casa da Torre”, residente numa fazenda de criar gado, situada às margens do Rio São Francisco, caiu, ainda criança, numa de suas excursões, em poder dos índios Cariris. Fôra por eles trazido para a tribo no vale onde viviam. Este escravo ensinou aos Portugueses que viviam na Bahia o caminho do Cariri. Notícias deixadas por pessoas que viveram em nosso meio a última metade do século passado, explicaram que o escravo sequestrado pelos índios, fez entrarem no Cariri os primeiros invasores vindos pelo Rio São Francisco, a título de socorrerem os índios Cariris, que tudo faziam para lhes roubar as terras as sua fertilidade. Tais invasores estavam a serviço dos descendentes de Diogo Alvares Correia, o Caramuru, e pretendiam estender, até esta região, o domínio que a “casa da Torre” já tinha então sobre os terrenos que ficavam a à margem esquerda do Rio São Francisco e alinha formada pelo lado setentrional da cordilheira do Araripe. Guiados pelo escravo com que eles vivia, entraram, ostensivamente, penetrando as selvas nomeio das hordas selvagens e pântanos impenetráveis a título de lutarem ao lado dos índios Cariris contra os inimigos do índios Cariris. Como já ficou dito, eram os invasores descendentes de Caramuru, o português, que escapou do naufrágio e teria sido devorado pelos índios se não tivesse uma espingarda para atirar a ave que ali surgira. Explicava-se com esta narração feita pelo autor acima referido, como vieram ter a estas paragens , os primeiros povoadores da cidade de Juazeiro, o brigadeiro Leandro Bezerra de Monteiro e seus descendentes. Os ancestrais do Brigadeiro defendiam em linha direta de Caramuru, com Paraguassu, sendo o mesmo da décima descendência. Tratava-se do casal João Bezerra Monteiro e Catarina Romão Romeira Rodrigues de Sá, ambos naturais do Pernambuco. Foi este casal, os primeiros donos do engenho Moqué, situado nas vizinhanças do Crato. Ali casaram sua filha, Joana Bezerra de Menezes com o capitão Antônio Pinheiro Lobo, filho do sargento-mor José Pinheiro Lobo e sua mulher Perpétua Mendonça, ambos oriundos do Sergipe. O Engenho Moqué foi doado como dote a esta filha logo que a mesma casou, passando a residir ali Joana Bezerra de Menezes e o Capitão Antônio Pinheiro Lobo. Foram estes os pais do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, proprietário da fazenda “Tabuleiro Grande” que deu origem a cidade de Juazeiro. (OLIVEIRA, 1974, p. 32)<sup>129</sup>.

A partir da narrativa acima é possível afirmar que o “desbravador” das terras que hoje constituem o município de Juazeiro do Norte foi um negro, ao qual os registros históricos não garantiram a preservação do próprio nome, ao contrário dos povoadores posteriores a quem a história garantiu a perpetuação de títulos, nomes, sobrenomes e feitos. É que a presença negra escravizada ou livre não foi devidamente registrada pela historiografia juazeirense.

E combinavam: “vamos descansar lá nos Juazeiros”. Veio logo a corrutelo “Vamos lá para o Juazeiro”. Neste local do terreno, bem perto dos três juazeiros, construiu o Brigadeiro sua casa da fazenda. Em torno espalharam-se os mocambos dos escravos, esparsos entre as terras onde na época do

---

<sup>129</sup> *Ibid.*, 1974, p.32.

inverno faziam roçados de milho, arroz, feijão e mandioca (OLIVEIRA, 1974, p. 34)<sup>130</sup>.

Assim os relatos de Oliveira (1974)<sup>131</sup> dão conta de uma importante presença negra na constituição da cidade de Juazeiro do Norte. É importante entendermos o espaço histórico e geográfico do qual estamos falando. O povoado de Juazeiro do Norte vai ser criado oficialmente em 1911. Como falamos de um período pós-abolição que tem início em 1888, o município de Juazeiro do Norte, oficialmente ainda não existia neste momento histórico, estando naquele momento sob a jurisdição civil e religiosa da Província do Crato, contudo, já existia um povoado que possuía um pouco mais de dois mil habitantes, cuja origem é descrita nas citações acima.

Existem pelo menos duas, mais importantes teorias sobre o surgimento da cidade. A primeira dá conta da fundação da cidade pelo Padre Pedro Ribeiro, esta remonta do século XIX, 15 de setembro de 1827, quando a pedra fundamental da capela de Nossa Senhora das Dores, atual Basílica Menor e conhecida como Igreja da Matriz, fora lançado pelo Padre, proprietário de uma grande quantidade de terras, naquele momento divididas em sítios, que mais tarde deram nomes aos bairros de Juazeiro “O Padre Pedro Ribeiro, seguindo as pegadas dos ancestrais, [Luísa Joana Bezerra de Menezes e Sebastião de Carvalho e Andrade], tornou-se grande proprietário rural, senhoreando os Sítios Juazeiro, Boca das Cobras, Mata, Prazeres e Currais Baixo. (MACÊDO, 1977, p.243)<sup>132</sup>.

Ao longo da minha vida ouvi por várias vezes o nome da família Bezerra, além de ainda hoje, serem eles uma família influente política e economicamente, recordo-me, que minha avó Maria Leandro, dizia que os móveis da sua sala, uma mesa quadrada de jantar em madeira, cristaleira e algumas louças teriam sido dadas a sua família por Dona Joaquina, referindo-se a Luísa Joana de Bezerra de Menezes.

Meu pai, Francisco Leandro, também me relatou, que na infância, ia até a casa dos Bezerra de Menezes, onde uma de suas tias trabalhava como doméstica, adentrava pela porta dos fundos, que ficava para a rua São José, entrava pelo quintal da casa, em silêncio permanecia até que sua tia o trazia-lhe o prato de comida. Segundo ele, era preciso pedir a benção a sua tia e também comer em silêncio, para que ninguém desse conta de sua presença

<sup>130</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

<sup>131</sup> *Ibid.*, 1974.

<sup>132</sup> MACÊDO, Joaryvar. **Origens de Juazeiro do Norte**. 1977, p. 243.

ali. E mais tarde, Tia Noêmia também vai trabalhar como doméstico para os Bezerra de Menezes, agora na cidade de Fortaleza onde eles possuíam residência.

Figura 15 - Sobrado dos Bezerra de Menezes, em Juazeiro do Norte, citado por meu pai e tia-avó.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 16 - Sobrado dos Bezerra de Menezes, em Juazeiro do Norte, foto da entrada dos fundos. Citadas nas memórias de meu Pai e Tia-avó.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

As cozinhas dos Bezerra de Menezes foram espaço de trabalho para grande parte de meus familiares, até o momento ainda não tenho elementos que possam precisar em que período histórico inicia-se a relação entre nossa família e eles, detalhar este momento e os tipos de relações que se desenvolveram entre as duas famílias é do nosso interesse.

A presença de uma importante população negra é descrita por Oliveira (1974)<sup>133</sup> em vários momentos, abaixo ela refere-se a uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, que fora trazida de Portugal e dada aos escravos, o que demonstra a importância social deste grupo.

A Capela (Nossa Senhora das Dores) cuja a imagem foi trazida de Portugal. Referida imagem é conservada no salão da sacristia da matriz de Nossa Senhora das Dores. Com esta imagem veio também, a Nossa Senhora do Rosário que foi entregue aos escravos, ficando na capelinha do Cemitério. (OLIVEIRA, 1974, Pág. 35)<sup>134</sup>.

No mesmo livro, a autora cita a população de escravizados, seus hábitos religiosos e os trabalhos desenvolvidos.

O Pe. Pedro era muito zeloso; cuidava dos poucos habitantes daquela aldeia, na maioria escravos de sua família, catequizados, ensinando-lhes a rezar e trabalhar. Na época do inverno entregavam-se as fainas agrícolas; Homens e Mulheres iam para roça empregando-se no cultivo do arroz, milho e feijão, mandioca e algodão. (OLIVEIRA, 1974, Pág. 43)<sup>135</sup>.

O controverso processo abolicionista que oficialmente punha fim a escravidão e como consequência criava um processo onde os ex-escravizados, permaneciam por obrigação ou gosto, junto aos seus escravizadores, agora como servos, pode ser percebido na escrita de Amália.

Morreu o Pe. Pedro em 1856, deixando todos os seus escravos libertos e na sua carta de alforria apenas exigia uma condição: trabalharem sem receber numerário, todas as vezes que a capelinha necessitasse. Os padres que o substituíram na capelinha eram também zelosos e piedosos. Mas, os descendentes de escravos não os temiam. Ao Pe. Pedro obedeciam como escravos ao seu senhor. Não obedeciam aos outros capelões e da desobediência a degenerância não levou muito tempo. Entregaram-se ao vício da embriaguês cada casa era uma “bodega de cachaça”. Cada alpendre, um terreiro para sambas que geralmente terminavam em pancadaria “faca-fora”, morte. Senhores e Escravos se confundiam durante as festas na mais criminosa promiscuidade. (OLIVEIRA, 1974, pág. 44)<sup>136</sup>.

Em outros trechos do livro podemos vislumbrar as relações sociais que desenvolveram-se naquela sociedade.

Era uma pequena aldeia; moravam no povoado poucas famílias de recurso. Os proprietários tinham suas casas ali, porém moravam nos sítios vindo à rua

<sup>133</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

<sup>134</sup> *Ibid.*, 1974, p. 35.

<sup>135</sup> *Ibid.*, 1974., p.43.

<sup>136</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974. P. 44.

aos Domingos e Dias Santos quando havia missa. Os habitantes eram na sua maioria realmente escravos “cabras desordeiros” entregues ao vício da embriaguês e aos sambas. (OLIVEIRA, 1974, pág. 46)<sup>137</sup>.

Essa patologização do corpo negro foi influente nos discursos de legitimação da violência contra a população afrodescendente, ele legitimou as práticas de violência contra a população negra em todo o Brasil.

A atual praça Pe. Cícero era, aquela época, separada da única rua de mesmo nome, que ia somente até a Av. Dr. Floro Bartolomeu, por uma única rua do mesmo nome, que ia somente até a Av. Dr. Floro Bartolomeu, por uma mata de unha de gato, jurema e juazeiro. No local onde está colocada a estátua do padre, havia um cajueiro frondoso, onde era costume reunirem-se, senhores e escravos, brancos e pretos, para os tais sambas que já não podiam fazer parte do povoado. (OLIVEIRA, 1974, pág. 54)<sup>138</sup>.

Através desta literatura fica expressa a percepção que a população branca tinha da população negra e os espaços sociais a eles oferecidos. Sempre a margem, vistos como perigosos, desordeiros e até associados com forças malignas.

O uso do canto “Maria valei-nos” foi precedido de um episódio que era muito comentado aqui. Diziam que estavam todos na Igreja rezando o rosário, quando omeçou a chegar, em borbotões, o pessoal da benção, ouviram-se uns berros muito altos semelhantes a berros de cabritos, partindo de um negro que subia, de costas, uma das colunas da igreja, aultima do lado nascente. O povo gritou assombrado, correndo a procura do latar, e a beata Bichinha com a sua voz forte e bem sonante, entoou o “Maria valeio-nos”, cessando tudo mais de cantar, mesmo após a chegada do primeiro vigário os mesmos costumes foram conservados. (OLIVEIRA, 1974, pág. 54)<sup>139</sup>.

É nosso interesse levantar outras motivações que ocasionam estes processos migratórios, como a situação socioeconômica dos negros após a libertação da escravatura, o latifúndio, fenômenos naturais, como a seca, e a própria organização do povoado que alavancou seu crescimento, motivações que não estão diretamente ligadas à figura do padre Cícero.

Romeiros vindos de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, para aqui se dirigiam atraídos pelas virtudes do Padre Cícero. Vinham alguns com plano de ficar aqui residindo. O Padre, pelas suas negativas recebidas, sentia enfraquecerem suas esperanças de poder recuperar seus direitos sacerdotais, dos quais estavam privados desde 1892, encaminhavam toda a sua atividade em benefício destas populações que espontaneamente estavam canalizadas para esta região, conhecida como uma das mais férteis do Ceará. Procurava espalhar os que aqui chegavam, pelos outros municípios,

<sup>137</sup> *Ibid.*, 1974, p. 46.

<sup>138</sup> *Ibid.*, 1974, p.54.

<sup>139</sup> *Ibid.*, 1974, p.54.



empregando-os, especialmente no cultivo da terra. E assim a Serra do Araripe que foi destinada ao cultivo da mandioca, ficou em situação de abastecer de farinha, grande parte do Nordeste. Aumentaram as plantações de feijão, milho, arroz, cana de açúcar. Esta colocou o Cariri quase em situação de independência econômica. A verdade é que toda região lucrou com a vinda dos romeiros e o Pe. Cícero, foi sem dúvida, o maior fator de progresso econômico do Cariri. (OLIVEIRA, 1974, pág. 74)<sup>140</sup>.

O alto valor dos escravos fez com que no Ceará houvesse um número reduzido deles, que representavam a grande fortuna de seus donos. Cortez (2008)<sup>141</sup> explica a rentabilidade da posse escrava no Cariri ao longo do século XIX.

Conforme o relato de Oliveira (1974)<sup>142</sup>, a escrava de padre Cícero, “Tereza do Padre”, havia sido alforriada pelo pai de padre Cícero, como entender esta alforria se a mesma continua a prestar trabalhos domésticos e na cultura de mandioca na roça de Angélica, irmã do padre Cícero? Seu relato não fala de trabalho assalariado e sim de servidão. O que nos faz empreender que no desenvolvimento das relações raciais daquele território, Juazeiro do Norte, durante o pós-abolição continuaram marcadas pela submissão do povo afrodescendente.

Conforme Cortez (2008)<sup>143</sup> em meados de 1850, a população cativa no Cariri somava 3.141 indivíduos pertencentes a um extenso número de proprietários. Conforme a autora o número total era pequeno se comparado a população da região (72.928), contudo a participação deste trabalhador cativo foi significativa para região do Cariri Cearense. O serviço realizado pelo cativo fora utilizado no espaço urbano, em trabalhos domésticos e de ganho, e no meio rural. E como outras sociedades nordestinas do período, esta sociedade se formou baseada na relação entre proprietários e não proprietários, e, por isso, “essencialmente ancorada em laços de sujeição, obediência e proteção” (CORTEZ, 2008, p.63)<sup>144</sup>.

A fala da escravizada Tereza, descrita abaixo por Oliveira (1974)<sup>145</sup>, pode ser compreendida, quando contextualizada, eram relações rígidas e complexas, marcadas pela relação de dominação, mas também, de paternalismo. Conforme Cortez (2008)<sup>146</sup>, os cativos,

<sup>140</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

<sup>141</sup> Cortez, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: A família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884)**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.

<sup>142</sup> *Ibid.*, 1974.

<sup>143</sup> *Ibid.*, 2008.

<sup>144</sup> Cortez, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884)**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.

<sup>145</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

<sup>146</sup> *Ibid.*, 2008.

mesmo os alforriados, como Tereza, não podiam fugir da situação imposta pela legislação em vigor, que os impunham a obrigação de servir a outra pessoa.

Este contexto presente em toda a região permitirá que a sociedade cariense chegue ao século XIX enraizada por princípios escravistas, de propriedade e disponibilidade do elemento serviu, marcando-a, economicamente e socialmente e demarcando o espaço social dos escravizados e de seus descendentes.

Para compreender esta realidade, vamos refletir sobre as relações raciais vivenciadas neste contexto analisando o relato de Oliveira (1974)<sup>147</sup>. Abaixo a autora trata da mulher escravizada pelo Padre Cícero, num momento histórico, onde a escravidão legalmente já não existia, e dentro de um espaço geográfico onde são raros os relatos sobre escravismo, vejamos:

Focalizaremos aqui a personalidade de “Tereza do Padre” a escrava fiel e dedicada, conhecida pelos mais íntimos pelo suave nome Terezinha, como a chamavam Maria Pastora, a a quem já nos referimos. Quem em Juazeiro, não conheceu esta figura popular? Uma santa, diariamente na Igreja, recebendo a sagrada comunhão parte ativa em todas as funções religiosas. Uma ótima doméstica no serviço diário da casa que tão beneficentemente a acolheu. Uma operária exemplar, de enxada ao ombro, dirigindo e fazendo os tratos culturais na roça da “Sinhazinha Angélica”. Terezinha contava sem complexos “Minha mãe e eu fomos entregues pelo nosso primeiro Ioiô Candeia por conta de uma dívida a Ioiô Romão, (o pai de Padre Cícero) que logo nos deu alforria. E acrescentava ainda com os olhos marejando lágrimas “Todos os dias agradeço a Deus esta grande mercê-ter mudado de senhor junto com a minha mãe, outro que não fosse Ioiô Romão, não teria recebido as duas e então o que teria sido de mim? Apesar de ficarem libertas, não deixaram de viver como boas servas. (OLIVEIRA, 1974, p. 295.)<sup>148</sup>.

A primeira questão que sugere reflexão é este modelo de liberdade, da qual Teresa fala, a ausência de condições sociais, fizeram com que vários escravizados e seus descendentes ficassem presos a seus antigos donos, não apenas, nos latifúndios, mas também, no entorno, nas pequenas propriedades e estabelecendo novas relações sociais sobre as quais precisamos lançar luz.

Outra questão refere-se ao trabalho infantil, a rentabilidade do trabalho escravo que vai justificar o aproveitamento dos filhos de escravos, pelos seus escravizadores, ainda que para serviços mais leves, mostrando que a preocupação de Tereza, escravizada, demonstra o caráter paternal e serviu da relação entre dominado e dominador desenvolvida nesta sociedade.

---

<sup>147</sup> *Ibid.*, 1974.

<sup>148</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974, p. 295.

Em seu estudo Cortez (2008)<sup>149</sup>, analisa os documentos post-mortem, no Cariri Cearense da segunda metade do século XIX e afirma haver uma expressiva presença de crianças arroladas, conforme ela, um total de 38, 35% dos escravos, a autora explica que desde cedo as crias cativas se percebiam invariavelmente dentro da lógica da escravidão de posse e proprietário, ela explica que,

Ao longo de suas vidas, os preços que lhe eram atribuídos sofriam variações, pois, em geral, a cotação das crianças era identificada pelo potencial que ela apresentava para o trabalho, fosse especializado ou não. Dessa maneira, infantes a partir dos dez anos eram bem mais caros, uma vez que já apresentavam uma formação física mais definida e tinham um rendimento mais aproximado dos adultos. (CORTEZ, 2008, p.78)<sup>150</sup>.

Cortez (2008, p. 178)<sup>151</sup> traz em sua pesquisa um quadro que demonstra como a lei do ventre livre foi absorvida no Cariri. Para nós, são estes dados que nos auxiliam a compreender a relação que Tereza tinha com o Padre Cícero e sua família. E nos possibilita pensar outras hipóteses para nossa tese, de que este tipo de relação pode ter sido desenvolvida entre a família da minha avó Maria Leandro e a família Bezerra de Menezes. Em relatos de meu pai Francisco Leandro de Sousa, ele cita que suas tias (maternas) teriam nascido e vivido nas cozinhas da Família Bezerra de Menezes, que durante o período escravagista, possuíam negros escravizados. Ele lembra que a casa dos Bezerra de Menezes, situada na Praça Padre Cícero, possuía uma entrada para visitas, na rua Padre Cícero e uma entrada de serviços na rua São José, quando criança ele contornava o quarteirão da casa, observando se a família estava na casa e batia na porta de serviços, sua tia (ele não recorda-se o nome da tia), o atendia e silenciosamente, sem trocar uma palavra, dava-lhe um prato de comida. Ao me narrar esta história, seus olhos lacrimejam e ele pede para que eu tenha paciência, pois ele não consegue rememorar nada mais.

E das minhas lembranças de infância, recordo-me que minha avó citava muito esta família, possuía fotos e havia herdado móveis e louças dos Bezerra de Menezes. Quando morreu, os vizinhos diziam “Os Bezerra perderam um voto hoje”, pois ao longo de sua vida, Maria Leandro, havia votado neles e em quem eles mandassem.

---

<sup>149</sup> CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884)**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.

<sup>150</sup> *Ibid.*, 2008, p.78.

<sup>151</sup> *Ibid.*, 2008, p. 178.

Voltando para a história de Fundação da cidade, a outra versão, a segunda conta que Juazeiro teria surgido no alto da fazenda Taboleiro do Norte, para Oliveira (1969)<sup>152</sup> é a principal representante desta perspectiva, para ela Juazeiro do Norte teria surgido numa elevação desta fazenda, num terreno próximo ao Rio Salgadinho.

Em 1872, chega ao povoado o Padre Cícero Romão Batista, nesse período, Juazeiro ainda era distrito da cidade do Crato. Della Cava<sup>153</sup> (2014) descreve este período a partir das tensões existente entre estado e igreja, o messianismo exacerbado no sertão nordestino, as secas existentes neste período em todo o nordeste e o predomínio da sociedade coronelista, características importantes para entendermos o processo de desenvolvimento do município de Juazeiro.

Della Cava (2014, p.78)<sup>154</sup> descreve como era o povoado naquele momento de chegada do Padre Cícero,

Quando aí chegou padre Cícero, Joaseiro<sup>155</sup> não passava de um insignificante lugarejo situado na extremidade nordeste de município do Crato. Fora povoado 1827 por um certo padre Pedro Ribeiro da Silva, cuja residência e cujo engenho de açúcar era mais imponentes do que a rústica capela que mandara construir e dedicar a Nossa Senhora das Dores. Em 1875, o arraial ainda conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana-de-açúcar; sua população totalizava em torno de 2 mil habitantes. Cinco famílias – Os Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes – eram as que lá se encontravam como proprietários importantes. O restante da população consistia em trabalhadores ligados às fazendas de açúcar dessas famílias. Muitos deles descendiam dos escravos de padre Pedro ou eram mestiços e brancos sem recursos que tinham vindo trabalhar nos pequenos e despreziosos engenhos de açúcar das redondezas.

Na descrição de Della Cava<sup>156</sup> ele observa como raras vezes o fez em seu livro “Milagre em Joaseiro”, que é uma referência para o estudo de Juazeiro e do Padre Cícero, a presença de descendentes de escravizados desde a sua fundação, estes afrodescendentes seriam ligados as famílias abastardas, entre elas os Bezerra de Menezes, família com a qual meus familiares sempre mantiveram relações de trabalho. Uma das minhas hipóteses quanto a origem da família de minha avó paterna, tem sustentáculo nesta fala de Della Cava, nossos achados nos fazem acreditar que ela descenderia destes africanos aqui escravizados pela

<sup>152</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** (A Verdadeira História de Juazeiro). Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

<sup>153</sup> CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joaseiro**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

<sup>154</sup> *Ibid.*, 2014, p.78.

<sup>155</sup> Joaseiro é a grafia original, primeira a ser utilizada para designar o povoado, Ralph Della Cava, opta em seu texto por se referir a Juazeiro do Norte, usando a grafia Joaseiro.

<sup>156</sup>DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

família Bezerra de Menezes e que mais tarde, após a abolição, mantiveram relações de trabalho, agora, sobre outras bases.

Como na história nacional, a história de Juazeiro também busca embranquecer sua fundação ao invisibilizar a presença negra e afrodescendente, são raros os momentos em que observamos esta presença e quando há registros, estes denotam o racismo presente na região, desde os mais remotos tempos “Eram dados à bebida e ao samba, que, naquela época, se considerava sensual e degenerado, por ser originário dos escravos.” (2014, p.79)<sup>157</sup>.

Este tipo de assertiva nos impõe parênteses, é necessário pensar, ainda que brevemente sobre o mito da democracia racial e sua fundação, que data deste momento descrito por Della Cava, onde o degenerado era considerado originário dos “escravos”. Esta assertiva histórica se contrapõe as visões e crenças populares e oficiais de um país onde não haja segregação racial, de um país onde haja verdadeiramente democracia racial. Esta assertiva inscreve, circunscreve, territorializa e mistifica a população escravizada e seus descendentes num não lugar, dentro desta sociedade, pois ela marginaliza nossas práticas e atribui problemas sociais a nossa genética ancestral, desconsiderando nossa origem humana comum.

É importante lembrar que a ausência de leis segregacionistas ou protecionistas das vítimas do racismo<sup>158</sup>, não fez deste país um lugar de igualdade, mas, conseguiu desenvolver um racismo *sui generis*, se comparado aos Estados Unidos da América ou a África do Sul. Silva (2007)<sup>159</sup> ao analisar São Paulo vai apresentar os argumentos eugenistas e urbanistas que na ocupação da cidade promoveram uma segregação racial, delimitando os espaços sociais da população afrodescendente. Em nossa tese também fazemos esta análise urbana, social da cidade, tentando entender os fluxos da população afrodescendente em Juazeiro a partir dos movimentos de nossa própria família, durante o processo de crescimento desta mesma cidade.

Nosso primeiro movimento a ser analisado é o movimento no sentido para a cidade Juazeiro, já que até onde conseguimos reconstituir, nossa família, pelo menos parte dela, minha bisavó, mãe de meu avô José Izidro, chega a cidade de Juazeiro do Norte, depois de um longo processo migratório, vindo originalmente de Alagoas, da região de União do Palmares.

---

<sup>157</sup> *Ibid.*, 2014 p. 79.

<sup>158</sup> KABENGELE *apud* SILVA, 2007, p. XII. Da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, até a Lei Afonso Arinos, decorreram 63 anos para que se reconhecesse que havia no Brasil práticas de discriminação racial não punidas. trinta e sete anos depois da Lei Afonso Arino, as práticas de discriminação racial comprovadas são reconhecidas na Carta Magna de 1988 como crime inafiançável, sujeito à reclusão.

<sup>159</sup> SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade: Segregação Urbana e Racial em São Paulo**. Brasília-DF, Fundação Palmares, 2006.

Portanto, os achados da pesquisa, os registros de nascimento de meu avô e de Tia Noêmia nos informaram que eles nasceram em União dos palmares e migraram juntamente com sua mãe, já viúva de seu pai e seus outros irmãos para Juazeiro do Norte.

Nas falas da minha tia-avó, não havia qualquer indício acerca de vida escravizada, este fator me fazia supor que talvez se tratasse de mais um lapso da sua memória, um processo de esquecimento como processo de resistência às experiências traumáticas do processo escravagista.

Só a partir do resgate das certidões de nascimento descobrimos que a região de Alagoas onde minha bisavó havia vivido e registrado seus filhos era uma região quilombola, União dos Palmares. Esta descoberta de pesquisa permitiu, em mim, um sentimento de pertencimento familiar ainda não experimentado, pois toda minha trajetória de luta nos movimentos sociais, desde o movimento estudantil secundário, as questões de gênero, a luta no movimento negro, tudo isso ganhara agora uma dimensão ancestral. Passei a compreender que a minha luta por liberdade e igualdade era a continuidade da luta de meus bisavós e avós. Entendi que mais forte que a marca da escravidão, no meu corpo estava inscrita a marca da busca da liberdade.

Está com todo som, na boca nas palavras.  
 Está em outro tom, nas sílabas caladas.  
 A minha linda voz.  
 Está como eu estou nas roupas, nas sandálias.  
 Está aonde eu vou na rua, nas calçadas  
 A minha linda voz  
 Sou negra livre  
 Negra livre  
 Cheguei aqui a pé.  
 Para destoar  
 Para dissolver  
 Para despertar  
 Pra dizer  
 Está na cara, a cor, na sombra das imagens.  
 Em tudo o que supor, nos contos, nas miragens  
 A minha linda voz  
 Está em toda dor, na gota de uma lágrima.  
 Da em qualquer sabor na beira da estrada  
 A minha linda voz.  
 Sou negra livre  
 Negra livre  
 Cheguei aqui a pé.  
 Para desnudar  
 Para derreter  
 Para descolar  
 Pra viver

Para deslizar  
 Para devolver  
 Para desbocar  
 Pra doer  
 Para desamar  
 Para adormecer  
 Para desfilar  
 Pra vencer!  
 ( Música Negra Livre, composição de Nando Reis).

### 4.3 Desenvolvimento e Expansão da Cidade de Juazeiro do Norte.

Dois motivos são os mais importantes elementos de compreensão do desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte. Combinados, esses fatos favoreceram historicamente os processos de migrações para este núcleo urbano e, portanto, fez-nos (nossa família) lá chegar, são eles: As Secas e o denominado “milagre” da Hóstia<sup>160</sup>.

O contexto social da época do “milagre” é marcado pela desigualdade social, herança da abolição da escravatura, pois o novo regime não mudara o monopólio da terra e das forças de produção, a população escravizada e seus descendentes eram analfabetas, rurais e estavam fora do ideal urbano que o capitalismo impunha agora, mesmo nas cidades do interior nordestino.

Houve ainda as grandes secas de 1877, 1888, 1898, 1900 e 1915 que tomam o nordeste e provocam a migração de uma população miserável que afluem para o Cariri, “oásis do sertão” em busca do verdadeiro milagre em suas vidas, que era o fim da fome e da miséria que vivenciavam.

Assim, Juazeiro do Norte irá vivenciar um salto demográfico no início do século XX que transforma profundamente sua configuração inicial de arraial. Em 1875 o arraial era constituído de algumas dúzias de casas cobertas de palha, a capela e duas ruas, cerca de 2 mil habitantes, cuja a composição social e étnica já fora descrita anteriormente em nosso trabalho. Logo depois, as intensas migrações que ocorrem para o povoado, conforme Della Cava (2014,

---

<sup>160</sup> Durante uma missa em 06 de março de 1889, Padre Cícero ministrava a comunhão aos fiéis, quando ministrou o sacramento a uma beata chamada Maria de Araújo e a hóstia se transformaram em sangue. O fato teria se repetido diversas vezes durante cerca de dois anos. A população logo atribuiu ser um milagre, mesmo a revelia da Igreja que chegou a suspender os direitos sacerdotais do Padre. A notícia logo se espalhou por toda a região Nordeste e em uma rapidez extraordinária chegou ao sul do país. E o Padre Cícero foi aclamado Santo por todo o Nordeste, atraindo milhares de fiéis a cidade de Juazeiro do Norte.

p.80),<sup>161</sup> “entre 1890 e 1898, a população de Joaseiro mais que duplicou, ultrapassando 5 mil habitantes; em 1905, subiu para 12 mil; em 1909, chegou a 15 mil”.

A partir da tese que o crescimento da cidade ocorreu do brejo para o árido, durante o início do século XX, dentro de um padrão de expansão de centro-periferia (SOARES, 2014)<sup>162</sup>, destaca que esta ocupação se deu de uma forma complexa, onde tivemos um centro que habitado pela minoria dos adventícios, os mais ricos, ligados ao comércio e à política e com afinidades com Padre Cícero, enquanto a maioria dos adventícios, os romeiros, habitavam os arrabaldes do aglomerado. Os filhos da terra eram, em geral, os proprietários fundiários do lugar, alguns comerciantes, e os que residiam no espaço urbano faziam-no na parte mais central da cidade ou próximo dela.

Assim, como entender a ocupação que nós, população afrodescendente, e em especial a família Sousa realizou neste complexo e dinâmico processo, haja vista, no início do século já ocuparmos a área central.

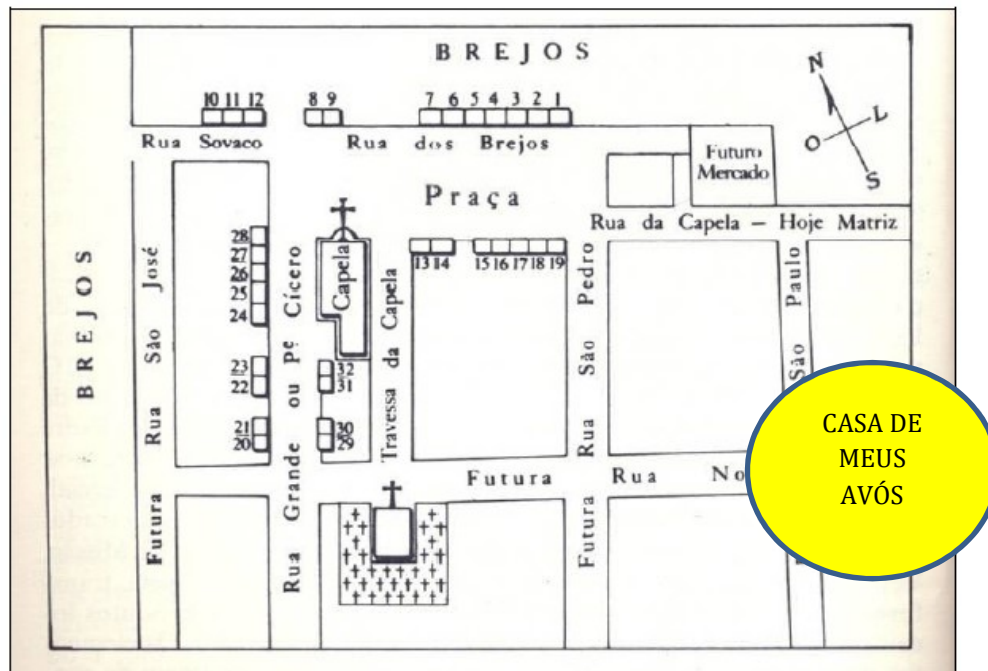
---

<sup>161</sup> CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joaseiro**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. P.80.

<sup>162</sup>



Figura 17 - Estrutura Espacial do Povoado de Juazeiro no século XIX.



Fonte: Della Cava (2014).

A importância, para nós, desta questão geográfica, é para situar nossa família neste espaço e período. Não conseguimos dados concretos sobre o período de chegada da minha família a Juazeiro: no que se trata da chegada da família do meu avô paterno, ancorados pela lembrança de sua irmã, tia Noêmia, não conseguimos precisar uma data de chegada; o mesmo ocorre com a origem da família de minha avó paterna, que me continuou desconhecida, portanto não sei se ela é uma nativa ou imigrante. Contudo em meados de 1940 eles, avô e avó já casados estavam situados no seguinte espaço físico e já residiam na casa que eu conheci, na Rua Dr. Floro, nº 1143, ou seja, em meados do século XX, nós residíamos na área central da cidade (Figura 18).

Embora isso possa parecer simples, essa inversão de perspectiva de análise da expansão da cidade é importante, visto que durante todo o processo de estruturação do espaço urbano, Juazeiro do Norte se expandiu sempre na direção sul, e posteriormente para o oeste. Ou seja, a cidade não surgiu no ‘Taboleiro do Grande’ ou arisco, expandiu-se até próximo ao rio, ou brejo e depois retomou a expansão na direção anterior, não; ela se expande desde sua origem do brejo ao arisco (PEREIRA, 2014, p.51).

Minha família, que em 1940 estava situada na Rua Dr. Floro Bartolomeu, portanto, no Centro de Juazeiro, em 2000 tem seus descendentes: meus irmãos, primos e eu residindo nos

bairros do Pirajá e Antônio Vieira, bairros mais periféricos, isso vem demonstrar um processo de marginalização da população afrodescendente ocorrido nos centros urbanos brasileiros.

No período pós-abolição, o negro foi expulso das regiões centrais da cidade, privado do mercado de trabalho que se expandia com o impulso do desenvolvimento industrial, e foi ainda perseguido, pois era considerado símbolo do não-desenvolvimento e da não-civilização. E é nesse turbilhão de modificações estruturais da cidade que ocorrem as modificações espaciais graças às quais ela vai-se definindo também territorialmente. É aí que as classes sociais vão-se posicionando ou sendo posicionadas pela força do poder hegemônico daqueles que conduziam as transformações urbanas. (SILVA, 2006, p.18).<sup>163</sup>

A autora, analisando o contexto de São Paulo, explica que durante o processo escravagista a população negra residia próximo aos senhores, para servi-los. Com a abolição e a transformação urbana e das relações raciais e sociais, os negros tornam-se indesejados e vão sendo expulsos da região central da cidade. Neste sentido, é possível traçar semelhanças sobre o processo vivenciado em São Paulo e demais centros urbanos do Brasil, dentre eles, o processo vivenciado na cidade de Juazeiro do Norte e por nossa família.

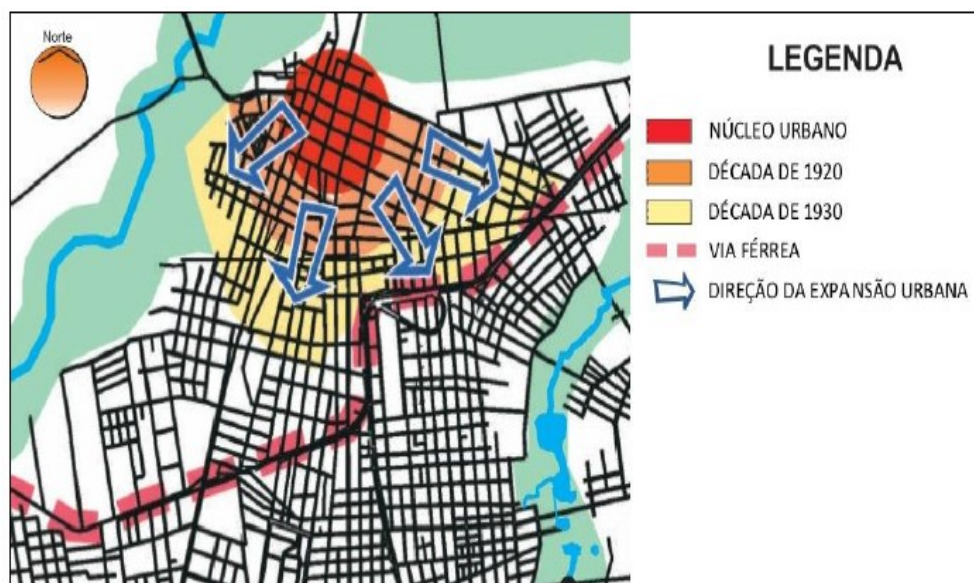
É importante avaliarmos o processo de expansão da cidade e como a população afrodescendente se situou diante dele. Soares<sup>164</sup> (2014) realizou recente estudo de mestrado, onde analisa o processo de redefinição da centralidade urbana da cidade de Juazeiro do Norte, tendo como agentes principais deste desenvolvimento os setores econômicos do comércio e serviços. Seu trabalho tem importância pra nós, quando expressa que a redefinição da centralidade na cidade de Juazeiro do Norte, por outro lado, teve reflexos nas práticas espaciais dos cidadãos. Nosso objetivo é encontrar a população da qual estamos falando neste espaço geográfico, econômico e cultural da cidade.

---

<sup>163</sup> SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade**: Segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

<sup>164</sup> PEREIRA, Cláudio Smalley Pereira. **Centro, centralidade e cidade média** : o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE / Cláudio Smalley Soares Pereira. - Presidente Prudente: [s.n], 2014.

Figura 18 - Mapa da expansão urbana de Juazeiro do Norte entre 1870-1930.



Fonte: Pereira (2013).

As motivações para tipo de crescimento, denominado aqui, centro-periferia e a ocupação de cada um destes territórios por nós, merece atenção, pois, na imensa produção historiográfica sobre a região há um problema que é mal relatado.

A questão do crescimento econômico e populacional, da migração, dos “milagres”, e dos progressos do povoado que se tornou vila e cidade, são sempre exaltados. Esquece-se o outro lado da história, quase inexplorada. Estamos falando das desigualdades sociais – e socioespaciais também – que tomaram corpo no processo de estruturação da cidade que dificilmente são citadas. (PEREIRA, 2014, p. 63).

Segundo Silva (2006, pág. 22) num primeiro momento ainda escravagista e pós-abolicionista, os negros que trabalhavam em atividades artesanais, como nos ofícios de sapateiro, barbeiro, vendedor de ervas, lavadeira, puxador de carros de boi, quituteira etc., residiam próximo ao seu senhor e na área central das atividades fornecendo seus serviços. Posteriormente, foram retirados do centro, e junto com o espaço perderam também, as suas atividades econômicas.

Minha avó Maria Leandro era artesão de palhas, fazia chapéus e vassouras. Os chapéus de palha eram destinados ao comércio do turismo religioso, muitos foram os romeiros que se protegeram do sol abaixo do fruto do trançado de suas mãos. Já as vassouras eram vendidas no comércio local. Ela saía de casa, na madrugada, com o raiar do sol, o destino era a rua São Paulo, no centro da cidade, distante cerca de 10 quarteirões de sua casa,

onde sempre existiu feira de rua. Sob a cabeça levava um feixe de vassouras, às vezes, também as seriguelas nascidas no seu quintal, ou as frutas nascidas no quintal dos vizinhos, de quem ela e revendia. Aí era uma grande bacia de alumínio que carregava sob a cabeça.

Além das atividades artesanais e comerciais, ela também lavava as roupas dos ricos da vizinhança. A coexistência de negros e brancos no espaço central da cidade possibilitava acesso a serviços e também ao trabalho, com o processo de urbanização e as transformações advindas das mudanças nas relações econômicas haverá a expulsão das populações pobres e negras dos bairros centrais. Esta expulsão significa redução das possibilidades de trabalho, já que quando residia no bairro onde coexistiam ricos e pobres era para seus vizinhos ricos que nossa família prestava seus serviços. E também exclusão dos serviços de qualidade oferecidos nas regiões mais nobres como saúde, educação e lazer.

Lembro que na infância, enquanto a minha avó residia no centro da cidade de Juazeiro, ela realizava todas as suas atividades percorrendo a cidade a pé, mais tarde, quando motivada pelas necessidades financeiras ela vende sua casa no centro e passa a residir na área periférica da cidade, vê-se obrigada a reduzir suas atividades, sem opções de locomoção, passa a usar o transporte público para ir ao banco retirar sua aposentadoria, ir à feira, a missa e por infelicidade do destino, é justamente em decorrência de um acidente de ônibus que ela falece em 2003.

A dimensão espacial não deve tornar-se prevalente para a análise da cidade. Uma coisa é explicar que o povoado, e posteriormente a cidade, era formado, do ponto de vista econômico, por migrantes ricos e pobres; outra coisa é observar a espacialidade desses agentes sociais, em que lugar do povoado eles se estabeleciam, como eram as suas habitações, as condições de infraestrutura, além de considerar que a expressão espacial da desigualdade social advém da luta de classes em torno das vantagens do espaço urbano, como propõe Villaça.

E para além desta questão, a partir do estudo de nossa família, notarmos que os migrantes pobres fundadores da cidade de Juazeiro do Norte, tem cor e esta cor é negra. O pertencimento racial é responsável pela definição da dinâmica social deste espaço, alocando-os e realocando-os socialmente e economicamente de acordo com contexto ideológico da sociedade.

Figura 19 - Área periférica de Juazeiro do Norte em 1970, hoje região de moradia da família Sousa a partir de 2000.



Fonte: Pereira (2013).



Fonte: Pereira (2013).

Os filhos da minha avó Maria Leandro assim como seu marido migraram muito cedo. Fausto, Agenor e Cícero vão para a cidade de São Paulo ainda jovens, recém-casados, lá suas famílias se ampliam, há primos que nunca conheci pessoalmente, suas visitas à mãe (Maria Leandro) e à cidade de Juazeiro são raras, nem mesmo no velório da minha avó tivemos reunida nossa família. Meu pai Leandro e meu tio Izidro migram para Fortaleza durante a década de 1990 esta é divisão territorial da minha família, nesta época, meu avô ainda era vivo e residia no Piauí sem comunicação com a nossa família.

Século XXI se descortina e uma nova configuração espacial é construída pela família. Meu avô morre na região periférica de Teresina, onde sofre um enfarto e devido à ausência de socorro médico falece sozinho num casebre. É enterrado na mesma cidade, cemitério público, meu pai e meu tio Izidro chegam a ir até Teresina, visitar o local onde ele vivia, onde cuidava das terras de outros, vivia como uma espécie de caseiro. De herança trazem seus pertences, do meu avô conheci nada mais que uma velha panela de aço.

Em São Paulo a violência da periferia atinge nossa família, meu tio Agenor, que trabalhava como segurança de uma empresa privada é executado em São Paulo, o crime é “abafado”, silenciado, com medo, sua viúva e seus 03 filhos retornam a Juazeiro, vão morar no Bairro do Pirajá, bairro popular de Juazeiro, na zona periférica da cidade. Depois da separação de meus pais, minha mãe também retorna a Juazeiro com seus 03 filhos e passamos a residir no bairro triângulo, também popular e periférico, vizinho ao bairro onde residiam nossos primos, há algum contato, raro e efêmero, alguns almoços promovidos por minha mãe

e minha tia, nossa avô não participa, pois a separação de meus pais acabar por motivar também o distanciamento da minha avó.

Minha avó, motivada pelas dificuldades financeiras dos filhos e pela forte especulação imobiliária, vende seu imóvel na rua Dr. Floro Bartolomeu e compra uma casa também no bairro Pirajá, o restante do dinheiro, divide entre os filhos, onde o pouco dinheiro ganho se perde dada a imensidão das necessidades.

Associado ao processo de perifização da nossa família está também o processo de desqualificação da população afrodescendente, as reformas urbanas que ocorreram em todo o país e levaram à expulsão da população negra dos bairros centrais e sua instalação nas favelas, morros e regiões empobrecidas da cidade relacionam-se com o racismo pois,

Os bairros e as cidades negras, entendidos como territórios de maioria de população afrodescendente são lugares da história nacional onde constatamos a existência de fortíssimas desigualdades sociais, o que nos permite uma reflexão sobre a persistência de processos de dominação que impedem o acesso pleno aos direitos da cidadania e da representação desta população tanto na história e cultura nacionais quanto no âmbito das políticas públicas. (CUNHA Jr., 2015, p. 03).<sup>165</sup>

Bairros negros como territórios de maioria da população negra, projeta a necessidade de outros estudos que possam compreender a dinâmicas sociais empreendidas neste território e como o racismo promove as desigualdades sociais vivenciadas por estas populações.

O Objetivo deste capítulo foi compreender as relações sociais e o processo de sociabilidade dos afrodescendentes na história da cidade de Juazeiro do Norte. A partir dele, reparamos o erro historiográfico da invisibilização de nosso povo, demarcando-o na história e território da cidade e percebemos que a mobilidade social intergeracional da população afrodescendente é marcada pela exclusão e marginalização através do processo de alocação destes nos bairros periféricos.

Este processo expressa o racismo presente em nossa sociedade e impõe grandes desafios ao projeto de cidadania, onde o acesso se mostra bastante limitado nas áreas mais pobres da cidade, onde fomos alocados, nesses lugares, trabalho, educação, saúde, transporte ainda se apresentam como bandeiras de reivindicação. Assim, compreendemos que a luta perpassa pela defesa de uma sociedade onde a democracia se expresse na perspectiva da raça, ou seja, por uma sociedade sem racismo.

---

<sup>165</sup> CUNHA JR., Henrique. **Bairros Negros, Cidades Negras e População Negra**. p. 01-18.digital. In: o Congresso Luso-Afro-Brasileiro, XII CONLAB, Lisboa, Portugal, 2015.

## 5 DOS ANNALES À HISTÓRIA AFRODESCENDENTE: APONTAMENTOS SOBRE TEORIA E METODOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA AFRODESCENDENTE

Durante a construção desta tese temos revisitado várias questões metodológicas, dentre elas a nomenclatura “Objeto da Tese” para se referir a temática abordada, em substituição, temos utilizado o termo sujeitos da tese, lembrando a definição de sujeito na gramática “Sujeito é o termo que representa o ser sobre o qual se diz alguma coisa. (PASCHOALIN, 2008, p. 237)”<sup>166</sup>.

Esta tese diz algo sobre a população afrodescendente, e a escolha desses sujeitos se relaciona com um movimento teórico da historiografia chamada Nova História Social que tem seu surgimento a partir da Escola de Annales, fundada pelos historiadores Bloch e Febvre<sup>167</sup>, em resposta a uma história factualista, centrada nos grandes acontecimentos, contra este modelo a Escola de Annales “propunha uma história problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais Ciências Humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico. (CASTRO, 1997, pág.45).”<sup>168</sup>

Outra característica é a compreensão do cultural como fator que forme a experiência sócia, fazendo com que os temas como comportamento social, vivência cultural, experiência, estratégias sociais sejam privilegiados.

A partir desta compreensão a História da População Afrodescendente no Pós-abolição passa a ser uma temática de interesse da Nova História Social, principalmente dado o recorte e as metodologias escolhidas. Realizando uma aproximação com a antropologia, da qual Edward Thompson<sup>169</sup> é o maior expoente, produzindo dentro da tradição marxista britânica “a história vista de baixo”, onde as noções de experiência e cultura estão no centro das análises sobre a ação cultural.

A Nova História Social a partir da perspectiva da história vista de baixo permite uma análise microscópica que revela complexidade e aspectos inesperados, confrontando assim a História “A micro-história tem demonstrado a fabilidade e a incoerência dos contextos sociais, como convencionalmente definidos”.

---

<sup>166</sup> PASCHOALIN, Maria Aparecida. Gramática: Teoria e Exercícios. São Paulo. FTD, 2008.

<sup>167</sup> Marc Bloch e Lucien Febvre são os fundadores da Escola dos Annales em 1929.

<sup>168</sup> CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Apenas a atenção sobre as discontinuidades, as divergências, permitiria colher o processo dinâmico das transformações sociais a partir do seu ângulo mais concreto. Resgatar as estratégias individuais e de grupos daria chance para compreender de que modo engendravam-se nas situações singulares os processos sociais de grande escala. (ESPADA, 1999,pág.258).<sup>170</sup>

O que estamos realizando nesta tese se relaciona com o que Ginzburg, historiador defensor que a história social precisava vir acompanhada do “nome” dos indivíduos ou dos grupos. Assim, a partir da história vista de baixo de Ginzburg seria possível através da análise da micro-história a reconstituição do vivido ao tempo que por meio das articulações o historiador identifica as estruturas invisíveis com que o vivido se articula.

Em nossa tese insistimos neste desafio de a partir de narrativa de uma família negra, lançar mão sobre as possibilidades de existência das população afrodescendente no pós-abolição cearense, fazendo o intercâmbio como macro e utilizando de várias possibilidades metodológicas para realizar esta tarefa.

Do uso das biografias e autobiografias nesta tese, nossa perspectiva de utilização da biografia e da autobiografia, ancora-se na compreensão de que as individualidades e especificidades são importantes para compreensão da realidade e contribuem para a caracterização de uma atmosfera, contexto que explicaria as próprias especificidades biográficas.

Como Historiadora de formação, sempre me foi desafiador entender o espaço que a História Oficial reservou aos meus (antepassados). A escravidão, nunca me foi um lugar confortável, e tê-la como explicação de origem nunca me bastou. Entender a minha história de família, não passava pelos estudos de escravidão, clássicos da Historiografia brasileira, e ao saber que meu avô paterno fora negro livre, liberdade forjada no ideal de igualdade e liberdade representado pelo Quilombo dos Palmares, e compartilhado por minha família, a mim foi libertador também.

Se esta História me libertava, também me prendia, pois como escrevê-la, diante da falta de registros? A tradição historiográfica valoriza os registros escritos e a eles confere grau de verdade, os documentos têm sido tomados como a principal fonte do trabalho do historiador, são entendidos, como a matéria-prima por intermédio da qual se escreve a História. E os meus antepassados não tinham documentos! Não tinham História!

É necessário rever a noção de documento Histórico, entendendo que estes devem abarcar a variedade de marcas e registros produzidos pelas diversas sociedades ao longo do

---

<sup>170</sup> ESPADA, Henrique. *Microstoria: esclavos, indícios e singularidades*. Campinas: Unicamp, 1999. (Tese de Doutorado).



tempo, a partir desta compreensão a memória e a iconografia entra em campo. E como inserir os esquecimentos, o calar, o negar-se.

Os documentos, fotografias, depoimentos permitem às pesquisas elucidarem questões como a forma de vida dos sujeitos em questão. Esta compreensão comum às pesquisas e pesquisadores, levantou uma impossibilidade de realização desta tese e principalmente, uma impossibilidade de compreensão da minha história familiar.

Num primeiro momento, ou nos primeiros anos de doutorado, esta questão foi imobilizadora, engessando o processo de pesquisa, com o caminhar, o amadurecimento e a compreensão de que esta história familiar é particular, pois todas as histórias familiares são particulares, locais e únicas, entendi que precisava construir o meu caminho de pesquisa, trilhar espaços não explorados, se apropriar de categorias ainda não testadas e construir uma metodologia de pesquisa que acomodasse, acolhendo os sujeitos da pesquisa e compreendendo-os.

Os sujeitos da pesquisa, neste caso eu e minha família, não conseguiam avançar nos relatos sobre sua história. Construir nossa árvore genealógica, lembrar os nomes dos avós, pais e irmãos, recordar-se de datas de eventos importantes, nascimentos, casamentos, mudanças de cidades e residências, reconstruir os trajetos de vida e paralelos de familiares, tarefas aparentemente simples, foi muitas vezes, ao longo da pesquisa, impossível de se realizar.

Os sujeitos da nossa pesquisa, comumente relatavam um processo de esquecimento, compartilhado não apenas por eles, mas também por aqueles que os circundavam, para além da família, vizinhos também foram entrevistados, ainda que sem êxito, já que não possuía história memoráveis sobre os meus familiares, dizendo nada ter de importante a lembrar.

A primeira conclusão era de que, os sujeitos de nossa pesquisa não conseguiam avançar nos depoimentos devido aos processos de esquecimento vivenciados. E a segunda foi de que, este processo, relatado por minha tia-avó, meus tios e seus vizinhos, não se tratava de um processo biológico, ou natural, e muito menos imparcial, compreendemos ser mais uma consequência dos processos de racismo por eles vivenciados.

Para esta conclusão, resgatar a perspectiva de memória de Sócrates, exposta por Ricoeur, foi bastante importante, segundo ele “o problema do esquecimento é colocado, como apagamento dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente a impressão desejada” (37:2007). Uma confusão entre imagem-lembrança ocasionado pela dor que estas imagens provocam, uma ação de autoproteção destes indivíduos que compreendiam que “a

lembrança presente daquilo que ele sentiu seja, para ele, que já não a sente mais, uma impressão semelhante àquela que já sentiu uma vez” (RICOEUR, 38, 2007).

Assim, nosso esquecimento se fazia compreensível. E compreensível também, se fazia uma fala de meu pai, ao dizer que só lembrava-se das coisas felizes, infelizmente, estas lembranças eram raras e espaças.

Esta perspectiva sobre memória, também respondia a outro questionamento nosso referente às nossas próprias memórias de infância, que por vezes se conflitavam com as memórias de outros que conosco compartilharam as experiências e vivências conosco, parecendo ser nossa memória fantasiosa, mentirosa. Para Sócrates, a opinião verdadeira é um encaixe exato e a opinião falsa, é um “defeito” de ajustamento, “reteremos a ideia dominante, segundo a qual a opinião falsa não reside “nem nas sensações relacionadas umas às outras, nem nos pensamentos, mas nas associações de uma sensação a um pensamento”. Assim às nossas lembranças diversas do fato conforme é lembrado pelos demais protagonistas, se deve a um processo de resistência e também de autoproteção, devido às associações que fazemos sobre sentimentos vivenciados ao fato e a sua lembrança.

A inscrição de todos estes processos, esquecimento, lembrança, memória fiel e infiel sob a influência de experiências dolorosas de racismo, permite mais uma importante conclusão que torna possível a existência desta tese, e a própria existência de nossa família, é que ainda que não tenhamos lembranças, memórias do vivido, existimos! E, portanto temos história.

Assim, tanto a memória fiel, como a memória infiel (imaginação), e os esquecimentos, são para nós elementos de construção da nossa história, elementos para a construção da nossa tese, pois são rastros, dão indícios dos processos vivenciados, e a História, segundo Marc Bloch, pretende ser a ciência dos rastros. Estes rastros também elucidam a forma de viver dos afrodescendentes, suas esperanças, dificuldades, a luta pela sobrevivência, as resistências dos negros do ontem.

Na busca pela minha família, utilizei uma rede social, para reencontrar parentes, compartilhar notícias, informar sobre a minha pesquisa. Numa página do facebook<sup>171</sup>, reuni sobre o grupo *Os Descendentes – Maria Leandro e José Izidro* 16 pessoas, entre irmãos e diversas gerações de primos. Os primos, em sua maior parte foram conhecidos a partir desta

---

<sup>171</sup> Facebook é uma rede social. Os usuários criam perfis pessoais e adicionam outros usuários como amigos e podem trocar mensagens. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores. Como instrumento de pesquisa criei o grupo “Os Descendentes – Maria Leandro de Sousa e José Izidro” nele adicionamos usuários que possuíam parentesco conosco, a partir das trocas de mensagens, compartilhamos imagens e alguns documentos familiares.

página, já que meus tios migraram ainda jovens para São Paulo, onde permanecem até hoje, tendo sido poucos os encontros vivenciados ao longo da infância.

A partir da página tentei reunir documentos acerca da nossa família, procurava documentos familiares, correspondências, fotografias, histórias de famílias. Mais uma vez, senti-me solitária nesta tarefa.

O grupo nunca conseguiu a dinâmica que eu desejava, apenas eu escrevia nele e as minhas perguntas quase sempre não foram respondidas, a terceira geração de familiares, meus primos, que participaram do grupo, nunca responderam as minhas perguntas, as postagens nas quais eu falava dos achados da pesquisa, os formulários de pesquisa compartilhados O que me causo estranheza e reforçou a minha compreensão de que em nossa família, existe uma concepção sobre família restrita e diferenciada, além de desconhecimento e desinteresse sobre a nossa trajetória familiar. Este trabalho, a história de nossos ancestrais não é considerada importante para a maioria de nossa família.

Curiosa e inquieta, decidir vasculhar nos álbuns de fotografias de cada um dos participantes. O facebook é uma rede social, onde os participantes compartilham fotografias, no formato de álbuns e textos, no formato de postagens. Todo este material fica público entre os participantes. Procurei nos perfis dos usuários do facebook de nossa família, fotos e textos relacionados a nós, procurava por fotos de meus tios e avós, histórias de famílias, aniversários, indícios de uma vida de convivência familiar, inclusive para a compreensão de quem é filho de quem, de como está a atual composição de nossa família, que agora encontra-se dispersa entre Juazeiro do Norte, Fortaleza, Ceará e São Paulo. Assim, consegui de forma parcial, constitui um álbum de família. E foi assim, que aos 29 anos de idade, fui apresentada ao rosto de meu avô, através da minha prima Luana.

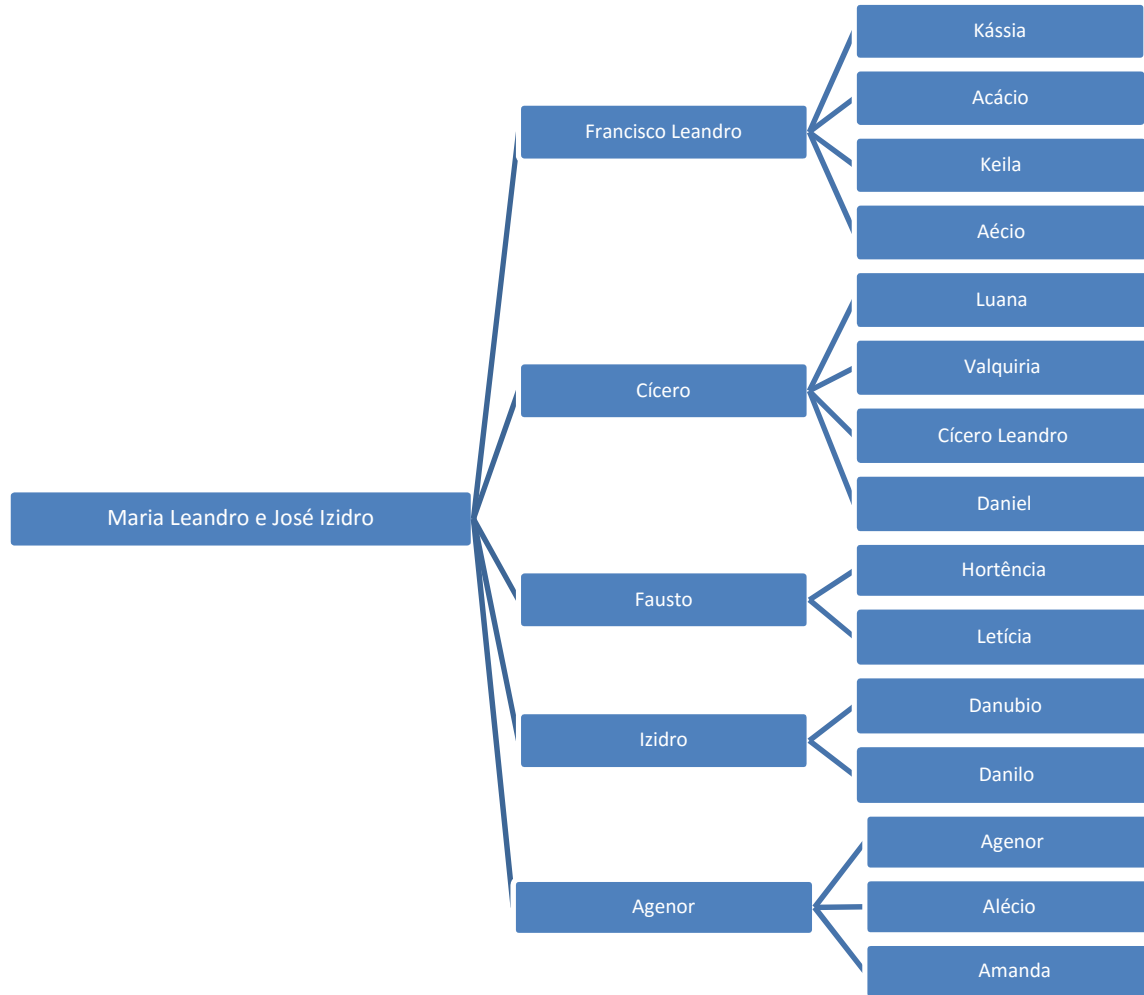
Figura 20 - Grupo familiar virtual criado no processo de pesquisa.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Abaixo no quadro trago um quadro genealógico, uma tentativa de reunir a família, composição só possível assim, no papel. Ligados geneticamente, para mim, desconhecidos, laços frágeis. Dentre estes sujeitos da pesquisa, poucos elementos para compreensão da nossa família, há um desinteresse em comum.

Figura 21 - Árvore genealógica familiar constituída a partir da pesquisa.



Assim, a partir da rede social compartilhamos alguns achados, esta foto de nosso avô; os documentos de casamento de nossos avós e suas certidões de óbito, o grupo nunca conseguiu obter a dinâmica que eu desejava, mas foi a partir dele, que tive acesso a certidão de óbito do meu avô, compartilhada por um primo, e descobri nossa origem livre, União dos Palmares, fora assim que entendi, que ele morreria só, abandonado em algum lugar da cidade de Teresina, ainda aos 61 anos de idade. E ao longo desta jornada de pesquisa, estes são os documentos reconstituídos e uma tentativa de construção de nossa árvore genealógica ainda em processo de elaboração.

Figura 22 - Fotografia do meu avô, José Izidro de Souza, compartilhada através do grupo “Os Descendentes” na rede social facebook.



Fonte: Arquivo pessoal de família.

A utilização da rede social virtual na pesquisa foi responsável pelo contato com o único membro da 2ª geração da minha família que aceitou participar da pesquisa, o Tio Fausto, que atualmente mora em São Paulo, eu o conheci já adulta, quando ele e sua família moraram em Juazeiro do Norte, por cerca de 02 anos, nesta época eu já morava em Fortaleza e nosso contato foi breve, a partir da pesquisa foram muitas madrugadas acordada conversando com ele sobre as memórias de nossa família.

Este foi um processo angustiante, devido a incompatibilidade entre os prazos de entrega da tese, ou seja, o tempo acadêmico/institucional, o tempo próprio da pesquisa e o nosso tempo humano. Apesar de inúmeras tentativas, só encontrei o meu tio Fausto após a 2ª

qualificação, quando eu pensava já ser impossível encontrar outro membro da família, além da tia-avó Noêmia para participar da pesquisa.

E depois que o encontrei, haviam questões a serem respeitadas, não poderia pedir ao meu tio que abrisse um baú de lembranças de 40 anos, repentinamente e através da internet. Foi uma dificuldade a mais estabelecer os procedimentos de pesquisa diante desta tão nova técnica. Há uma imensa produção nacional e internacional sobre teoria e metodologia que trata do uso das fontes orais na pesquisa, mas, o uso da internet e das redes sociais é algo experimental e novo.

Se no mestrado, quando descrevia meu processo de pesquisa, afirmei que o caminho se faz ao ser trilhado, no doutorado percebi-me, várias vezes, perdida, pois não havia mapa nem indicação do lugar para onde devesse caminhar.

Podemos afirmar que, as transformações histórico-sociais, que alteraram a estrutura e o funcionamento da sociedade, dando fim ao escravagismo, não afetaram a ordenação das relações raciais, herdadas pelo antigo regime. Sentimos necessário compreender que configurações sociais foram e são construídas a partir desta afirmação, faz-se necessário conhecer os processos sociais vivenciados pela população negra no pós-abolição.

Concordamos com Florentino (1997) e Holanda (1995) que sendo a escravidão um sistema, modelo de relações econômicas e sociais, o mesmo constituiu-se como base da civilização brasileira, pautada na exclusão pelos mais variados motivos, o que gerou um fato histórico presente na herança deixada para os afro-brasileiros, tendo como principal motivo primeiro o estranhamento dos africanos e, depois a sua marca de cor reforçada pela experiência de escravidão. Este é o passado que construiu representações acerca desses povos, que foram simbolizadas e fazem parte do imaginário social de hoje dando ciência das repercussões que o sistema escravista propiciou a eles. (ANDRÉ, 2007, p.220).

Durante o processo de pesquisa, buscamos reencontrar os parentes, agregar, aproximar, nosso esforço não logrou êxito, nossa família mais que separada, fora esfacelada, é como uma flor que tem suas pétalas jogadas ao vento.

A herança do sistema escravista deixou para as gerações atuais: repercussões da hostilidade e experiências de alienação presentificadas nos sentimentos de vergonha, humilhação, o sentimento de inferioridade de seus valores, crenças, a dificuldade de aceitação de suas diferenças como parte dos processos de subjetivação (ANDRÉ, 2007, p.219).

Avançar no tempo na construção desta árvore genealógica é um desafio, não há sentimento de pertencimento familiar, talvez pelo fato de que, o sentimento de ascendência negra provoca uma série de problemáticas psíquicas decorrentes do racismo existente em nossa sociedade. A busca por minha ascendência é marcada de dor, ouvir as histórias de humilhações vivenciadas por meus avós, tios e pai provocou em mim o vivenciamento destas dores, é a herança que até então nos foi permitida. Talvez, por isso o distanciamento familiar e o desinteresse por nossa história, compreendo que meus familiares buscam no distanciamento da sua história de origem a possibilidade de ascensão social e a negação destas histórias de dores vivenciadas por nossos familiares.

O que ficou para as afrodescendentes foi a herança de um passado, pervasivo no presente, das tensões, frustrações e hostilidades, atravessando o corpo próprio, os determinantes inconscientes no jogo de identificações vivenciadas nas relações sociais pelos ancestrais e transmitidas para as gerações posteriores, tornando-se elementos psicodinâmicos das subjetividades dos indivíduos deste grupo. (ANDRÉ, 2007, p.221).

Refletir sobre nossa ascendência é refletir sobre a nossa identidade, é um caminho oposto ao colocado pela sociedade racista, por isso a dificuldade de realizarmos, conforme Milton Santos (1983), “para o psiquismo em ascensão, que vive o impasse consciente do racismo, o importante não é saber o que pode vir a dar-lhe prazer, mas o que é desejável pelo branco” (p.7). Assim a omissão dos meus familiares em auxiliar neste projeto de construção da nossa história, torna-se compreensível e mais um elemento de exposição do racismo do qual são vítimas.



## 6 QUEM CONTOU ESSA HISTÓRIA? NARRATIVAS DE TIA NOÊMIA

A voz da minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. Ecoou lamentos de uma infância perdida.

A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade.

Vozes de Mulheres de Conceição Evaristo, 1990.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O único membro da família, ouvido com intenção direta de colaborar na pesquisa foi a minha tia-avó, Noêmia, 81 anos de idade. Quando eu a expliquei qual era o projeto, escrever a história de nossa família, ela sorriu, emocionada perguntou “pra quê”, mas nunca se curvou de

nenhuma pergunta, muitas vezes pediu desculpa, dizia “não lembro”. Durante uma fase da pesquisa, nossos encontros foram semanais. Durante esta fase eu achei um sentido novo para pesquisa, reaproximar-se dela, acompanhar sua velhice, foi uma consequência da pesquisa, e me deixou realizada.

Irmã de meu avô, Noêmia fez com ele a viagem de União dos Palmares para o Ceará. E apesar de desejosa em colaborar com nossa pesquisa, tia Noêmia, apresenta lapsos de memórias, que desafiam a pesquisadora ávida por linearidade. Seus relatos de infância remontam a Pernambuco e Alagoas, rememorando a juventude conta que a viuvez de sua mãe, minha bisavó, os trouxeram para o Cariri, primeiro Crato e depois Juazeiro. Neste momento sua memória torna-se mais vívida e ela descreve a desumanização do trabalho doméstico a que fora submetida, e sem romance nos fala do casamento.

Noêmia casou-se aos 40 anos de idade<sup>172</sup>, com o viúvo de sua irmã, que ao morrer deixara meia dúzia de filhos, alguns, ainda crianças. Com a tarefa de criar dos sobrinhos, vendo o marido, a quem ela até hoje chama de Seu Manoel como um “irmão”, ela casa-se numa cerimônia coletiva, este acontecimento nos proporcionou as mais antigas imagens que temos registro de nossa família, são três monóculos, nosso álbum de família.

Figura 23 - Monóculos com as fotografias de família da tia-avó Noêmia.



Fonte: Arquivo de família.

Um álbum de família, um diário, estou a procura de qualquer vestígio. Eis que acho, 3 monóculos coloridos, perdidos entre caixas e sacos repletos de vazios. As fotos de família, de

<sup>172</sup> E permaneceu casada até este ano, em junho de 2013, Seu Manoel faleceu de morte natural, aos 93 anos de idade. Nos últimos 4 anos de vida, Seu Manoel fora acometido por Alzheimer e terminou seus dias em uma cadeira de rodas, sem falar ou andar. Neste período Tia Noêmia, passou a chamá-lo de meu bebê e a tratá-lo como tal, trocando fraldas, fazendo mingaus e acreditando que este era um desejo de como ela mesmo diz, “Nosso Senhor Jesus Cristo” que a trouxera ao mundo para servir, primeiro como doméstica, em casas de famílias, depois nas criação de seus enteados, no casamento e por último cuidando do seu marido, como quem cuidava de uma criança.

meus avós e bisavó, fotos de casamento, estavam entre desimportantes receitas médicas, remédios com validade vencida, embrulhos de presentes. É triste e surpreendente perceber o quanto a história da minha família foi destituída de importância por todos. O que atravessa as gerações são os vazios, e eles são vários, nomes, datas, lugares... De quantos vazios se faz a vida de uma família negra? Como analisar esta realidade? A História e a Sociologia, a Economia e a Psicologia como me explicam esta dura realidade?

Após o envio dos binóculos para laboratório, obtive as únicas fotografias da família Sousa, em sua 1ª e 2ª geração. A Primeira fotografia foi do casamento de Tia Noêmia e Seu Manoel.

Figura 24 - Fotografia de Família, casamento de Noêmia e Manoel (22/05/1975).



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Já a segunda fotografia é um retrato feito no Horto de Juazeiro do Norte, e nos apresenta o rosto da minha bisavó paterna, Dona Maria Luiza de Jesus ou Maria Francisca da Conceição. Além, de só termos conhecido o rosto de nossa bisavó durante a pesquisa, foi neste processo também, que descobrimos que nossa bisavó possui registro duplo, parte dos documentos se referem a ela como Maria Francisca da Conceição e parte como Maria Luiza de Jesus, seus filhos e netos, se surpreenderam com o achado, pois para nossa família, ela sempre foi, apenas Mariinha de Izidro.

Figura 25 - Fotografia de minha bisavó no Horto, em Juzeiro do Norte, data - desconhecida.



Fonte: Acervo da pesquisador

Figura 26 - Documentos Cartoriais que atestam a dupla nomeação de minha bisavó, Mariinha de Izidro.

**CARTÓRIO PARIZ**  
**REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS**  
**CERTIDÃO DE CASAMENTO**  
**MANOEL CANDIDO DE ALMADA**  
**MARIA NOEMIA DE SOUZA**  
**MATRICULA: 0198850155 1975 2 00039 172 001663179**

— Nomes completos de sobrenome, datas e locais de nascimento, nacionalidades e filiação dos cônjuges  
**MANOEL CANDIDO DE ALMADA**, nascido em **CRANJAQUE** a **03** de **agosto** de **1922**, **BRASILEIRO**, **ANDRÓFAGO**, filho de **JOÃO CARLOS DE ALMADA** e **FRANCISCA MARIA DE JESUS**; **MARIA NOEMIA DE SOUZA**, nascida em **CRILÃO DOS PALANQUES-AL** a **11** de **novembro** de **1922**, **BRASILEIRA**, **DOMÉSTICA**, filha de **IZIDRO JOSÉ DE SOUZA** e **IRMA LUIZIZA DE JESUS**

DATA DO REGISTRO DO CASAMENTO POR EXTERIO: \_\_\_\_\_ DIA \_\_\_\_\_ MÊS \_\_\_\_\_ ANO \_\_\_\_\_  
 VISTA E GUIS de mão de **eu** **suproscrito** e **seco** a **clínico** \_\_\_\_\_ DIA \_\_\_\_\_ MÊS \_\_\_\_\_ ANO \_\_\_\_\_

REGIME DE BENS DO CASAMENTO  
**SEPARAÇÃO DE BENS**

NOME QUE CADA UM DOS CONJUGES PASSOU A UTILIZAR QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO  
**MARIA NOEMIA DE SOUZA ALMADA**

OBSERVAÇÃO / AVERBAÇÕES  
**2ª VIZ.**

**CARTÓRIO PARIZ**  
 Manoel Paris Xavier, Registrador.  
 Juazeiro do Norte - Ceará  
 Rua São Inês, 161 Centro  
 Tel. 8835114318

**CARTÓRIO PARIZ**  
 Juazeiro do Norte, 19 de dezembro de 2013.

**CARTÓRIO PARIZ**  
 Manoel Paris Xavier, Registrador.  
 Juazeiro do Norte - Ceará  
 Rua São Inês, 161 Centro  
 Tel. 8835114318

SELO DE AUTENTICIDADE

**REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**  
**REGISTRO CIVIL**  
**EXPEBITO PEREIRA, Oficial do Registro Civil do Distrito sede do Município de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará, etc.**

**CERTIDÃO**

Certifico que as fls. **61** do livro **19** de registro civil de casamentos, consta, sob o nº de ordem **1267** o assento de casamento de **Manoel Candido de Almada** e **Maria Noemia de Souza**. O contrato é filho de **João Carlos de Almada** e **Francisca Maria de Jesus** nascido em **Cranjaque** Estado de **Ceará** do ano de **1922** no dia **03** do mês de **agosto** e **Maria Noemia de Souza** nascida em **Crilão dos Palanques-AL** do ano de **1922** no dia **11** do mês de **novembro** e **profª** domiciliado e residente **em** **Crilão dos Palanques-AL** do ano de **1922**. profissão **doméstica**

A contrato é filha de **Manoel Candido de Souza** nascido em **Crilão dos Palanques-AL** do ano de **1922** no dia **11** do mês de **novembro** e **profª** domiciliado e residente **em** **Crilão dos Palanques-AL** do ano de **1922**. profissão **doméstica**

O casamento foi celebrado dia **19** do mês de **dezembro** do ano de **1943** perante o dr. **Manoel Paris Xavier** e as testemunhas **João Luiz de Direito dos Casamentos de Juazeiro do Norte** e **Manoel Paris Xavier**

O casamento foi celebrado sob o regime de **separação de bens**

OBSERVAÇÕES:

O referido é verdade. Lei 56.  
 Juazeiro do Norte **19** de **dezembro** de **1943**

Cód. — C.S. \_\_\_\_\_  
 Bases — " — \_\_\_\_\_  
 Cert. — " — \_\_\_\_\_  
 Rasse — " — \_\_\_\_\_  
 Tr. Ptes — " — \_\_\_\_\_  
 O.G.M.A. — " — \_\_\_\_\_

O Oficial do Registro Civil:  
**Manoel Paris Xavier**

Fonte: Arquivo pessoal de família.

Os registros acima são de casamento da minha tia-avó Noêmia e de casamento dos meus avós, MARIA Leandro e José Izidro. A primeira certidão (da esquerda para a direita) é

uma 2ª via retirada por mim em cartório, minha tia-avó havia perdido a primeira via, não lembrava-se onde (em qual cartório) e em que data havia casado-se. No processo de pesquisa busquei os dois cartórios mais antigos da cidade, apesar dos incêndios e infiltrações responsáveis pelas perdas de muitos documentos, o dela foi achado, a partir daí demos entrada em seu processo de pensão, após a morte do tio Manoel.

Estes documentos trouxeram uma problemática para a pesquisa, o registro oficial de uma dupla nomeação da minha bisavó. A segunda imagem (da esquerda para a direita) é a certidão de casamento da minha avó, original, documento compartilhado no grupo da família da rede social, neste documento o cartório registra a filiação do meu avô e afirma ser o nome da minha avó Maria Francisca da Conceição, em oposição ao documento anterior que a nomeia Maria Luiza de Jesus.

Não é sem motivos que pesquisadores têm observado ser menos trabalhoso mapear trajetórias familiares de escravos do que de livres pobres, que não tinham um sobrenome de destaque a zelar, já que os registros de escravos sempre vinham acompanhados do nome dos proprietários, o que facilitava localizá-los nos corpos documentais. A essa questão se soma a não anotação sistemática da cor, que aparece num pequeno número de registros civis e não é mencionada em nenhum assento batismal ou em outro documento eclesiástico do período. (RODRIGUES, 2014, p. 175).<sup>173</sup>

Estudar este processo que se efetivou no pós-abolição não é um trabalho fácil. A ausência de escolarização da 1ª geração da minha família, aliada a situação de pobreza e migração constante são elementos que agregados constroem essa realidade de confusão documental. Já a 2ª geração, não considerando importante a sua recente história de escravidão e liberdade, e dada a situação de retalhação de sua família, não conseguiram construir narrativas memoriais que possam nos auxiliar na interpretação documental.

Quando perguntei aos meus familiares qual o nome de minha bisavó, entre várias respostas que davam conta de um esquecimento, ou denunciavam a desimportância desta informação “pra quê você quer saber”, surgiu também o nome pela qual a chamarei, nome que esta tese afirma, “Mariinha de Izidro”, era assim que minha tia-avó conhecia sua mãe, é assim que eu e os descendentes a conheceremos, a despeito da oficialidade dos documentos ser tão passível a erros. Assim, ao invés de afirmar mais uma lacuna da nossa história, esta tese preenche a nossa história, não como ciência que explica, mas como ciência afrodescendente, que ao produzir a história de nós mesmos, tem liberdade de produção.

---

<sup>173</sup> RODRIGUES, João Lucas. **Serra dos Pretos**: Trajetórias de famílias egressas do cativeiro no pós-abolição (Sul de Minas, 1855-1950). Revista Afro-Ásia, nº 50, Salvador, Jul-Dec de 2014, p. 175.

A foto do terceiro binóculo estava muito estragada e não pode ser reproduzida no laboratório. O que significa que não saberemos quais imagens e histórias ela nos revelaria, mais uma lacuna.

### 6.1 Relatos sobre a Família.

O fio condutor desta História que escrevemos é a minha própria ascendência afrodescendente, paterna, meus avós Maria Leandro de Souza e José Izidro de Souza e suas ascendências e descendências. Hebe Mattos (2004)<sup>174</sup> explica que o campo aberto para os estudos pós-abolição inclui variáveis e preocupações múltiplas, inclusive a diversidade de trajetórias e expectativas de africanos e afrodescendentes, ex-escravizados ou nascidos libertos que possuíam origens diferentes.

Como no caso da minha família, onde Maria Leandro (minha avó) tinha origem urbana, sua família era natural do núcleo urbano de Juazeiro do Norte, moradora da Serra do Horto, enquanto meu avô José Izidro, migrou com seus 10 irmãos juntamente com minha bisavó, recém-viúva, da zona rural da cidade Palmeira dos Índios, Alagoas para a cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, por eles conhecida em ocasião das romarias.

Onde este trajeto, Palmeira dos Índios/Alagoas – Juazeiro do Norte/Ceará, era feito por meus bisavós a pé, em uma longa caminhada de que incluía diversas paradas e dormidas ao longo da estrada.

O motivo que fez minha bisavó paterna migrar é semelhante ao de grande parte da população pobre nordestina do período, Juazeiro do Norte era a terra prometida e por isso, foi destino de milhares de homens e mulheres pobres do sertão nordestino, ao longo dos séculos XIX e XX.

O culto ao Padre Cícero se difundiu pelo interior do Nordeste, atraindo devotos que vinham visitá-lo a pé, percorrendo longas distâncias. Trata-se do sertão no século XIX, quando o principal meio de transporte era o cavalo, símbolo de status e poder. Os devotos do Padre Cícero em sua grande maioria proveniente do meio rural e detentores de baixo poder aquisitivo andavam a pé. (ARAÚJO, 2005, pág. 43).

Além da figura mítica, religiosa que o Padre Cícero representava, o que trazia estes romeiros era principalmente a esperança de uma vida próspera, diante do flagelo da seca que assolava o nordeste Brasileiro, a região do Cariri se apresentava como um verdadeiro oásis.

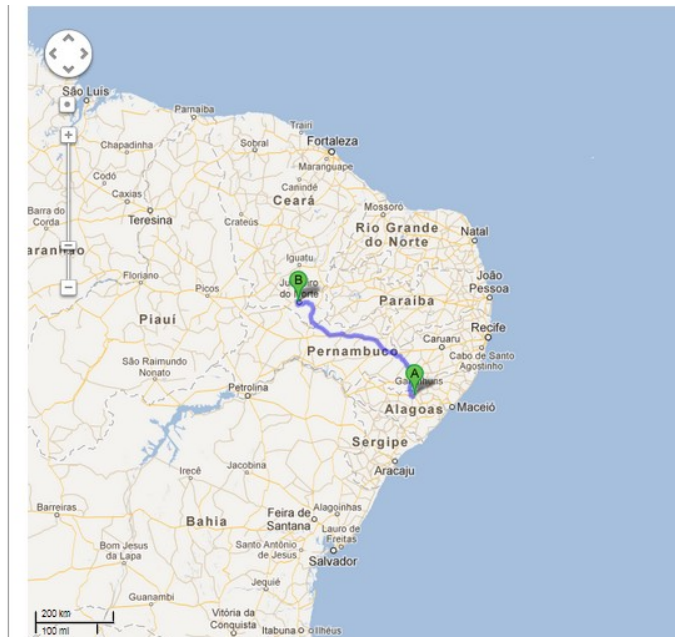
---

<sup>174</sup> MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. **O Pós-abolição como problema Histórico: Balanços e Perspectivas.** In: Revista TOPOI, v5, n.8, jan-jun, 2004.

A conjuntura política dos fatos de Joazeiro coincide simultaneamente com o período de intenso problema social e econômico: a seca; e com a transição da República Velha para a República Nova, a qual redefine as relações entre igreja e estado<sup>16</sup>. Foi um período de indefinição no espaço local e nacional, conjuntamente, vindo a promover pressões no imaginário coletivo em busca de respostas e definições. No presente espaço, os devotos do Padre Cícero passam a lhe atribuir milagres, devido à sua ação ao mesmo tempo religiosa, social, política e econômica. (ARAÚJO, 2005 pág. 41)<sup>175</sup>

Padre Cícero empreendeu atividades agrícolas em grande escala, promovendo a fixação do homem no solo, para o cultivo e a colheita de produtos resistentes ao clima quente, a exemplo da mandioca, raiz da qual se produz a farinha. A magnitude da produção de mandioca gerou excedente para exportar para estados vizinhos, vindo o Cariri se tornar um centro produtor de farinha, revertendo o problema da fome no Juazeiro. Havia então uma expectativa de melhoramento da vida que acompanhava a cidade.

Figura 27 - Ponto A – Palmeira dos Índios AL, Ponto B – Juazeiro do Norte CE. Trajeto Realizado no ano de 1949, pelo meu avô, já adulto, juntamente com sua mãe recém-viúva e seus 10 irmãos e 02 sobrinhos.



Fonte: Google.

Figura 28 - Vista da Cidade de Juazeiro do Norte CE do alto do bairro do Horto, provavelmente, lugar de origem da minha avó paterna, Maria Leandro de Sousa.

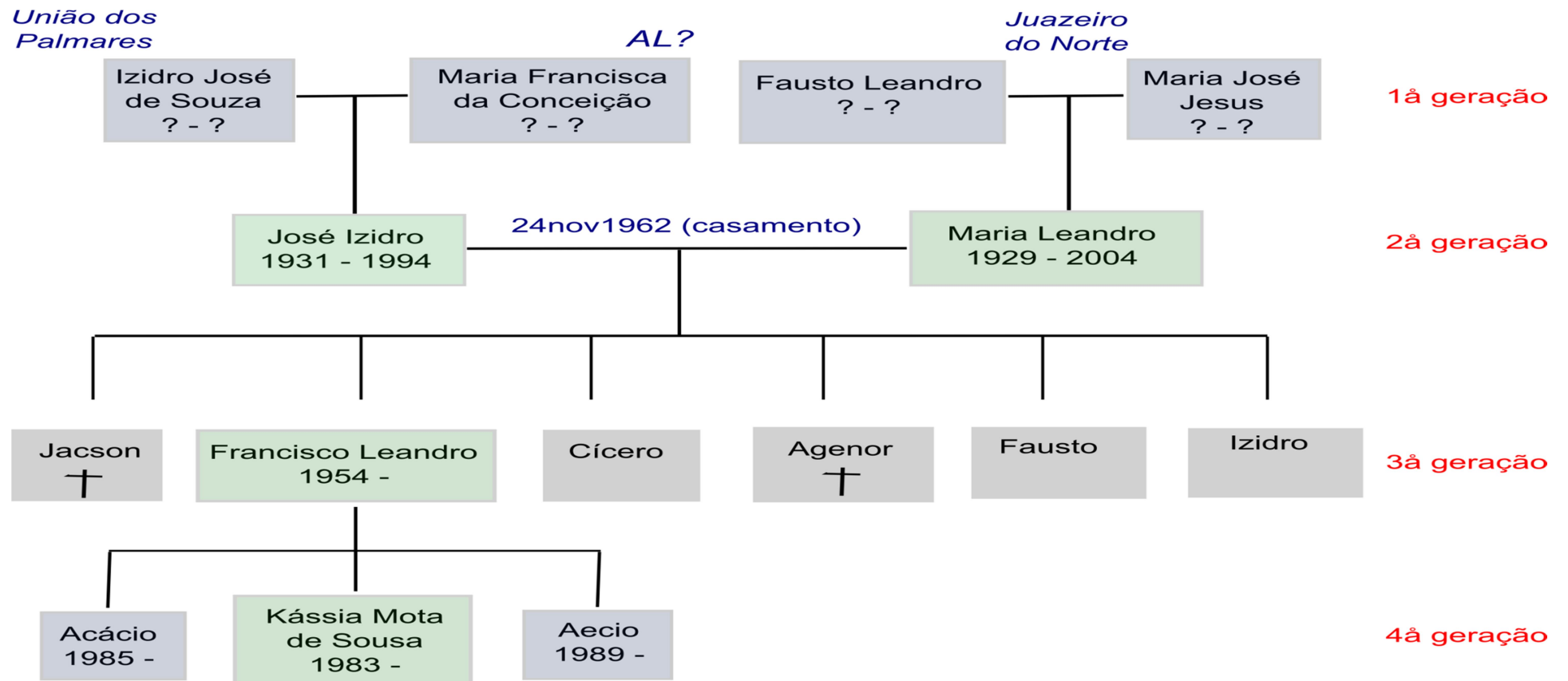
<sup>175</sup> ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A Cidade do Padre Cícero: trabalho e fé**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 250 p. Tese (Doutorado)- Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Fonte: Fotografia de Anastácio Braga.



Tabela 4 - Genealogia da Família Sousa.



Fonte: Acervo da Pesquisadora.<sup>176</sup>

<sup>176</sup> Ilustração desenvolvida em parceria com o arquiteto formado pela Universidade Federal do Ceará, UFC, BRAGA, Anastácio Nogueira.

## 6.2 Relatos sobre a Infância: Por um Conceito de Infância: Criança pra acender cachimbo?

Este capítulo busca construir referenciais para a compreensão da infância afrodescendente no interior do Ceará, no Nordeste Brasileiro tendo como referência o período posterior a abolição da escravatura. A partir da investigação sobre as infâncias vivenciadas, por duas gerações de uma família afrodescendente, situada neste espaço geográfico e a partir deste período, buscamos uma compreensão sobre Infância e Família e Afrodescendente no Cariri Cearense pós-abolição.

Ele parte de um sentimento comum aos estudiosos de família e infância, relatado por Del Priore (2012, p. 233)<sup>177</sup> “Para começar, a história sobre a criança feita no Brasil, assim como no resto do mundo vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais ou autoridades, e aquele no qual a criança encontra-se quotidianamente imersa”. Este sentimento invadiu nossa reflexão, principalmente quando nos deparamos com a produção sobre criança elaborada na Europa.

Ao levantarmos o estado da arte, concluímos haver, uma meia dúzia de autores que discutiram esta temática no Brasil. Dentre eles Mary Del Priore<sup>178</sup> em sua coletânea sobre a *Criança Negra no Brasil* nos apresenta um contexto, que apesar de muito diverso do encontrado pela pesquisa, merece nosso conhecimento. A partir de uma coletânea de artigos ela tenta responder questões referentes a o que ela chama de uma quase onipresença infantil. Tentando situar estas crianças na sociedade brasileira ao longo do tempo, refletindo sobre como terão, estas crianças, passado do anonimato para a condição de cidadã, com direitos e deveres aparentemente reconhecidos? Reflete sobre como numa sociedade desigual e vincada por transformações culturais, teremos, ao longo dos tempos, recepcionado nossas crianças da mesma forma? Sempre choramos, do mesmo jeito, a sua perda? Que marcas trazem as crianças de hoje, daquelas que as antecederam no passado? Mas há, também, questões mais contundentes tais como, por que somos insensíveis às crianças negras que mendigam nos sinais? Por que as altas taxas de mortalidade infantil, agora, começando a decrescer, pouco nos interessam?

---

<sup>177</sup> DEL PRIORI, M. **A criança negra no Brasil**. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

<sup>178</sup> *Ibid.*, 2012.

Convicta de que a História é capaz de resolver a todas estas questões, a autora propõe o exercício de “olhar para traz” na tentativa de “ajudar a iluminar os caminhos que agora percorremos, entendendo melhor o porquê de certas escolhas feitas por nossa sociedade”.

Quando retornamos ao período de colonização do Brasil, percebemos que até houve escolas para os indígenas, mas não para os negros, ainda que haja registros daqueles que aprendiam a ler e escrever, “nos documentos, nem uma palavra sobre a educação de crianças negras ou de filhos de escravos, salvo a religiosa” (PRIORE, 2012, p.236)<sup>179</sup>. Assim no século XIX, mesmo após a proclamação da República, a velha ordem oligárquica, aristocrática, baseada no modelo casa-grande senzala, perpetua-se e a única saída para os afrodescendentes escravizados ou não era sua transformação em elemento útil ao sistema, via a exploração de sua capacidade de trabalho, o processo de escolarização e de cidadania via educação lhes fora amputado.

Reclamada, desde 1824 e criada em 1856, para atender as necessidades de uma população livre e vacinada, a escola pública proibia seus assentos às crianças escravas. Às pobres, provavelmente mulatas e negras, reservava espaço quando se tratavam daqueles que demonstravam acentuada distinção e capacidade. (PRIORE, 2012, p.236-237).<sup>180</sup>

Conforme Santos<sup>181</sup>, há uma infância afrodescendente na Bahia que salvaguarda e reelabora a sua cultura de matriz africana, principalmente ancorada nos terreiros de Candomblé. Um dos elementos que nos leva a pensar sobre a nossa família negra é justamente esta ausência de salvaguarda.

O fato é que no Cariri Cearense, o que observamos é um desmonte histórico desta tradição, alicerçada em várias estruturas da sociedade. Seja nas relações estabelecidas em nosso território pelo catolicismo, tendo como figura central o Padre Cícero, seja pelas estruturas econômicas que fizeram vigorar relações de compadrio entre escravistas e escravizados no pós-abolição e provocaram os desenlace familiares, com a dispersão dos membros pelo país em busca de sobrevivência, o fato é que em nossa família o conceito ocidental de respeito, cuidado e atenção às crianças é ainda um processo a ser alcançado.

---

<sup>179</sup> DEL PRIORI, M. **A criança negra no Brasil**. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. IAvailable from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

<sup>180</sup> *Ibid.*, 2012.,p.236-237.

<sup>181</sup> SANTOS, Ana Katia Alves. **Infância Afrodescendente**: Epistemologia Crítica do Ensino Fundamental. Salvador: EDUFBA, 2006.

Ainda hoje é atual as denúncias sobre os embates e conflitos do cotidiano de crianças afrodescendentes em oposição ao que reza o Estatuto da Criança e Adolescente - ECA<sup>182</sup>, o que percebemos é que nossa infância sempre esteve a margem e luta para alcançar a emancipação, os direitos humanos, civis, políticos, econômicos e culturais que já pautam o cotidiano do homem adulto, branco, civilizado do ocidente.

Quando da abolição da escravidão, as crianças e adolescentes moradores de antigas senzalas, continuaram a trabalhar nas fazendas de cana de Pernambuco. Tinham a mesma idade de seus avós, quando esses começaram: entre 7 e 14 anos e até hoje, ainda cortando cana, continuam despossuídas das condições básicas de alimentação, moradia, saúde, educação e garantias trabalhistas. Como no passado, o trabalho doméstico entre as meninas, também é constante, constituindo-se num “outro” turno, suplementar ao que se realiza no campo. Como se não bastasse a ação de fatores econômicos a interferir na situação da criança, a ausência de uma política do Estado voltada para a formação escolar da criança pobre e desvalida só acentuou seu miserabilismo. Ora, ao longo de todo esse período, a República seguiu empurrando a criança para fora da escola, na direção do trabalho na lavoura, alegando que ela era “o melhor imigrante”. (SANTOS, 2006, pág. 16)<sup>183</sup>.

Partimos para esta análise, afirmando que o conceito de infância ocidental pós-idade média desconsiderou e desconhece as experiências da infância da população afrodescendente expressas na fala dos meus familiares.

Ao analisar a fala da Tia Noêmia, percebemos o quão presente ainda era a concepção de infância forjada pelo sistema escravista latifundiário que se perpetuou e ecoou dentro da família afrodescendente, fundamentando os processos de violência, abandono e conflito vivenciados e relatados pela Tia Noêmia e pelo meu pai, Francisco Leandro, duas gerações marcadas pela “invisibilidade e anonimidade” da infância negra, que conforme Santos (2008)<sup>184</sup>, perpassa gerações. Nos relatos de meu pai, ele descreve os trabalhos domésticos que realizava e também os trabalhos remunerados que era obrigado a realizar, auxiliando sua

---

<sup>182</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA foi promulgado em 1990 e consiste na legislação específica que regulamenta o paradigma da proteção integral preconizado na Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU) e no artigo 227 da Constituição Federal de 1988. Ele substitui o Código de Menores, legislação voltada para os “abandonados”, “expostos”, “carentes” ou autores de atos infracionais e, por isso, passíveis de tutela pela lei. Nessa medida, o ECA inaugura uma nova concepção de criança e adolescente, superando a ideia de que eles são incapazes e, conseqüentemente, passíveis de tutela. A partir do ECA, as crianças e adolescentes passam a ser considerados cidadãos em fase peculiar de desenvolvimento e, portanto, portadores de direitos.

<sup>183</sup> SANTOS, Ana Katia Alves. **Infância Afrodescendente: Epistemologia Crítica do Ensino Fundamental**. Salvador: EDUFBA, 2006

<sup>184</sup> *Ibid.*, 2006, p. 16.

mãe a prover a casa, já que seu pai separou-se da sua mãe, desde muito cedo. Estas histórias semelhantes ocorridas entre o fim do século XIX e início do século XX, confirmam nossa tese de que a infância afrodescendente fora marcada pela exploração do sujeito pelo sistema latifundiário ou pela negação de sua humanidade quando inútil a este sistema, mesmo após o processo abolicionista e dentro das famílias afrodescendentes, este conceito de infância foi perpetuado.

Período colonial brasileiro, faz-se presente também outra ideia de infância, agora para os filhos de escravos. Além de destituída de humanidade, incivilizada, era também um problema, já que teria que ser alimentada e formada em um ofício, gerando prejuízos para o sistema escravista-latifundiário. Os brancos-europeus interessavam-se pelos escravos adultos, por gerarem lucro imediato, a partir da mão-de-obra já pronta para a exploração do trabalho (SANTOS, 2006, p.36)<sup>185</sup>.

Outras pesquisas tratam da vida privada das crianças negras durante o período escravagista. Contudo durante o período histórico posterior, não encontramos relatos sobre como viviam os pequenos negros livres do Brasil. Neste panorama nossa pesquisa traz duas questões que se propõem inovadoras: 1. Apresentar a infância afrodescendente no período pós-abolição; 2. A nossa fonte é a memória da infância daqueles que foram crianças durante o início do século XX.

Quanto ao seu processo de escolarização, Áries<sup>186</sup> diz que, a partir do fim do século XVII uma mudança considerável, é quando a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. Apesar das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então, um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. Os achados de pesquisa em nossa família, nos levam a propor que a escolarização das crianças negras só acontecerá a partir da geração nascida em meados do século XX, meu pai, seus irmãos e primos são os primeiros negros de nossa família a frequentarem a escola.

E ainda segundo Áries<sup>187</sup>, o processo de escolarização das crianças é resultado de uma outra mudança, quando a família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os

<sup>185</sup> SANTOS, Ana Katia Alves. **Infância Afrodescendente: Epistemologia Crítica do Ensino Fundamental**. Salvador: EDUFBA, 2006, p.36.

<sup>186</sup> ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: 1971.

<sup>187</sup> ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: 1971.

cônjuges e entre pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se expressou sobretudo, através da importância que se passou a atribuir a educação. O que Àries relata ocorrer no século XIX e XX, “Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX...” só vimos ocorrer em nossa geração.

Analisando a tese de Áries<sup>188</sup> e comparando-a aos achados sobre infância das famílias afrodescendentes, concluímos que estes dois processos citados por Àries, afeição familiar e escolarização, só ocorrerão tardiamente nas famílias afrodescendentes. Nas duas gerações familiares aqui analisadas, a afeição tem pouco espaço no núcleo familiar, nas espaços e confusas lembranças de meu pai há silêncios e silenciamento, em nossa família diz-se que ele só começa a falar aos 07 anos de idade, quando vai a escola pela primeira vez. E não se encontra registros mnemônicos de demonstrações de afeto familiar ou preocupação por sua escolarização.

Em oposição a esta experiência, Àries<sup>189</sup> diz que a família começa então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perde-la ou substituí-la sem uma enorme dor que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. O que não percebemos na família afrodescendente Caririense, o relato de Tia Noêmia, nos informa que o núcleo familiar não tinha toda esta importância.

minha filha, quando eu tinha 4 a 5 anos 6 ano eu *sufria*, eu *sufria* que nessa idade aí eu não tava com minha mãe, eu tava com minha tia madrinha, porque minha tia-madrinha nunca teve, (irmã da minha mãe) nunca teve filho, aí foi na casa de minha mãe e me pediu, pra minha mãe dá eu pra ela, pra pra eu pegar pressão no fogo pra acender o cachimbo que era só o que eu podia fazer né. (SOUZA, 2013).<sup>190</sup>

Neste momento, entre 4 e 5 anos de idade, a ainda menina Noêmia é dada para criação a uma tia, para auxiliar nos trabalhos domésticos, ela relata seu cotidiano de trabalhos domésticos e castigos e abusos de violência:

aí minha filha qualquer erro que eu fizesse, um dia vou dizer um dos erros que tô lembrado aqui, eu, ela foi pra roça mais meu padim, marido dela, e disse:

---

<sup>188</sup> ARIÉS, passim.

<sup>189</sup> ARIÉS, passim.

<sup>190</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

- Noêmia ocê bota fogo, bota lenha no fogo, bota lenha no fogo pra quando eu chegar é pro feijão tá cozinhado. (SOUZA, 2013)<sup>191</sup>

Ela conta que era tão pequena, que precisava subir em um banco para alimentar o fogão a lenha, e neste dia, colocou tanta lenha no fogão, que subiu grandes labaredas de fogo, a panela, ficou preta de tantas chamas e fumaças. Quando sua tia chegou, foi tomada pela raiva, ela relembra a fala da tia-madrinha, “*ocê botou lenha de mais nessa panela o feijão tá quase queimado, você vai levar umas lapada pra ocê aprender fazer as coisa.*” Durante nossas conversas ela relatou vários momentos de fuga, com medo das agressões físicas que vivenciava, ela sempre que advertida fugia para as matas,

Minha fia eu apanhava tanto, que quando ela dizia ocê vai levar umas lapada, eu já pegava o caminho e sai correndo pra dentro das matas. SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.<sup>192</sup>

Na casa de sua tia-madrinha ela fazia os trabalhos domésticos como lavar a louça, cozinhar, varrer, alimentar os animais de criação, apesar de sua pouca idade, 5 anos, na sua rotina não havia espaços para brincadeiras e escola, sua rotina era de trabalhos doméstico e agressões físicas, em seus relatos não se percebe afeto, felicidade e o conceito de família e infância é totalmente diferente do que temos hoje.

Seus relatos denotam uma infância de curta duração, assemelham-se as descrições da infância na sociedade tradicional, onde segundo Áries, a infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desenvoltura física, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (pág. 03).

Outra vez eu tinha que lavar os prato no rio, ia lavar no rio. Ai lavando os prato né, mas sem eu querer caiu uma colher dentro d’agua. O rio levou, a água suja, eu num tava nem vendo a colher se eu podia pegar, nada, eu via que a água tava baldeada suja, eu cheguei em casa e falei pra ela, madrinha caiu uma colher dentro do rio. Ocê jogou a colher e a água levou a colher, sem vergonha! Pêra que ocê vai apanhar que é pra aprender fazer as coisa, e tome cipó de fogo e tome cipó de fogo, tome cipó de fogo. Outra vez, dava tanto que eu ficava queimada, ficava toda queimada, aqueles vinco preto, eu

<sup>191</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

<sup>192</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

já sou preto e os vinco ficava mais preto ainda, a pele voando e o couro preto da pancada do cipó de fogo. (SOUZA, 2013)<sup>193</sup>

E outra vez, a cabra, a cabra eu ia amarrar as cabra, já tinha de 5 pra 6 ano já ai, eu ia amarrar as cabra tinha que amarrar três cabra, longe, longe, longe, nera pertinho não. Mas, uma eu amarrei num lugar que não tinha um pezinho de pau pra eu amarra num sabe, então peguei um moi de capim e amarrei, amarrei ai vim embora pra casa. Ai quando foi assim pelas 4 horas, 4 horas e meia, esse horário assim o sol já tava espalhado lá onde a gente morova, chegou um homi, dona a sua cabra tá comendo a minha roça, comendo as mandioca. O quê? Ai foi já lá, meu padim tava em casa foi também, e eu também fui atrás. Aí chegou lá meu padim puxou a cabra de dentro da roça dele, tava comendo só as folha da mandioca, mas mesmo assim, tivesse comendo as batata, mas tava comendo as folha, mas mesmo assim foi preciso eu apanhar, né? Ai quando ela pegou a cabra e puxou pra fora da roça do homi, no meio do caminho assim na beira do caminho que ia lá pra casa né, ai eu corri, ele puxou a cabra pra dentro da roça, eu tava meio perto pra ver a cabra, ai eu corri, quando eu corri, ele correu atrás de mim e me pegou, ele correu e me pegou e me derrubou no chão, derrubou no chão e saiu puxando, assim puxando por uma perna por cima dos caco que tinha, tinha derrubado um engenho veio que tinha assim, tinha derrubado um engenho e tinha um bucado de caco de tijolo, caco de telha pedaço de pau tudo no chão, e quando me puxava tinha que passar por cima (...) e chegou em casa, tome lapada, tome cipó de fogo, tome cipó de fogo, tome cipó de fogo e eu aiaiaiaiaiaia mas mesmo assim, tinha tinha que engoli. (SOUZA, 2013).<sup>194</sup>

Tia Noêmia descreveu um episódio em que dormiu uma noite na mata, enquanto fugia de sua tia-madrinha, em seus relatos há uma confusão sobre em qual estado isto ocorrera, talvez pela quantidade de migrações que vivera, talvez pela pouca idade na época, ora ela se reportava ao episódio como tendo ocorrido em Alagoas, ora em Pernambuco. Mais o fato é que aos 5 anos de idade, a garota dormira só, em mata fechada. Ela descreve que,

Num tinha medo de nada, Deus é um tão bom, pai que nunca botou, num botou uma cobra pra passar na frente de mim, pra eu chegar perto de mim, nosso poderoso pai, viu! Só ele pra nos fazer tudo de bom mesmo né? Ai quando chegou lá adiante, num lá que horas da noite tudo escuro, ai eu vou ficar aqui em cima dessas folha, se deitei em cima das folha e fique e as muriçoca te come, te come, te come e eu tangendo, tangendo, tangendo e assim passei a noite. Ai quando chegou, era assim, pro dia amanhecer, o dia ta clareando, ta clareando fora da mata, já tava bem mais claro, mas dentro da mata ainda tava um pouco escuro não dava pra eu ver bem as coisas não. Mas daqui a pouco, lá vem umas pisada por dentro das folhas seca sabe, assim por trás de mim, lá vem uma pisada como se fosse uma pessoa andando por cima das folhas seca, tcha tcha tcha, eu, eita é a madinha, eu só tinha medo dela, podia ser o bicho que fosse não me fazia medo. Eu só tinha

<sup>193</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

<sup>194</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.



medo, eita é madinha, mas aí não me mexi do canto não, fiquei, fiquei ali no canto né. Ai minha filha o bicho arroudeou por trás de mim e vinha assim por as minhas costas, eu deitada aqui e o bicho veio assim pelas minhas costas, eu com as costas pro lado dele, ele veio arroudeou assim pela minha cabeça, aí ficou assim, cara com cara comigo, cara com cara, aquele bicho da carona uma carona, nera bichinho cara pequena não, fucinho pequeno não, fucinzão aquele fucinzão, sabe o que ele fez? Ele encostou a venta dele com a minha, acho pra ver se eu tava viva. Se eu tivesse morta, ele um bucado pronto pra ele, mas quando ele encostou a venta na minha e senti que eu tava respirando, ai Nosso Senhor, Nosso Poderoso Pai somente ele pra fazer tudo de bom né? Ai quando ele senti que eu tava respirando, ele virou assim pra trás e ilhé ilhé e saiu correndo. Um lobo, um lobo, um bichão um lobo, nesse tempo tinha lobo né! (SOUZA, 2013).<sup>195</sup>

Sobre a prática de abandono ou doação dos filhos, Priori, diz ser tão antiga quanto a história da colonização brasileira. Ao tratar das rodas dos expostos<sup>196</sup>, ela informa que a maioria dos bebês que iam sendo largados por todo lado acabavam por receber a compaixão de famílias que os encontravam. Estas, segundo a autora, criavam os expostos por espírito de caridade, mas também, em muitos casos, utilizavam-nas como mão de obra familiar, fiel, reconhecida e gratuita, desta forma, melhor do que a escrava. Tia Noêmia, aos 03 anos de idade fora morar com sua madrinha e segundo seu relato temos que o objetivo era de servir aos padrinhos nas tarefas domésticas, ela relata que,

três quatro anos era o que eu podia fazer, num sabia fazer nada. ai minha mãe tinha dez filho né, ai disse vai Noêmia arruma suas coisinhas e vai com ma com sua madrinha pra casa dela, a gente morava longe nera pertinho não, agente morava nera em Pernambuco mais muito distante muito distante, ai mandaram Noêmia ir com você ela é sua afilhada e ocê pode dizer que vai ter ela como ser sua filha. Mas menina o que eu sofri nesse tempo de criança até os seis ano, até seis ano. Dos quatro ano, dos três ano até os seis ano na mão dela, o que eu sufri é de você nem acreditar. (SOUZA, 2013).<sup>197</sup>

Na ausência de produção sobre o período histórico estudado, pós-abolição, nos reportamos aos estudos que descrevem a família “escrava<sup>198</sup>” no Cariri Cearense, para compreender esta organização social na qual estava inserida a minha família paterna, é

<sup>195</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

<sup>196</sup> DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232-253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

<sup>197</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

<sup>198</sup> Cortez, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos**: a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884). 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.

importante entender que esta é uma família de migrantes, vindo de Alagoas, conforme a certidão de casamento do meu avô, ele nasceu em União dos Palmares, com eles, certamente, migraram também compreensões acerca das organizações sociais que podem ser de ajuste ou oposição ao que já estava estabelecido na região do Cariri Cearense.

Cortez, explica-nos que as famílias “escravas” são responsáveis por grande parte da organização social dos cativos, é a família “escrava” que possibilitará, segundo ela, a integração na sociedade para além da senzala. E que houvera uma incompreensão desta organização, já que a durante as primeiras décadas do século XX, os estudos em torno da família “escrava” tinham como base duas instâncias principais, a não existência ou a compreensão dessas relações como promíscuas e mais ainda: responsáveis pela ilegitimidade de muitos “mulatinhos”.

### 6.3 O Cotidiano da Infância Afrodescendente no Pós-Abolição.

A fala da Tia Noêmia sobre a sua infância, nos fez refletir sobre a produção acadêmica sobre infância afrodescendente no pós-abolição, O que nós sabemos sobre as crianças afrodescendentes no pós-abolição? Afinal, o que sabemos sobre as crianças afrodescendentes? Mary Del Priore (2012)<sup>199</sup>, em artigo sobre a infância negra no Brasil anuncia as questões para as quais devemos voltar nosso olhar de historiadores para entendermos as atuais relações sociais, ela diz que a “quase” onipresença infantil nos obriga, pois, a algumas questões. Dentre elas entender,

Terá sido sempre assim? O lugar da criança negra na sociedade brasileira terá sido sempre o mesmo? Como terá ela passado do anonimato para a condição de cidadã, com direitos e deveres aparentemente reconhecidos? Numa sociedade desigual e vincada por transformações culturais, teremos, ao longo dos tempos, recepcionado nossas crianças da mesma forma? Sempre choramos, do mesmo jeito, a sua perda? Que marcas trazem as crianças de hoje, daquelas que as antecederam no passado? Mas há, também, questões mais contundentes tais como, por que somos insensíveis às crianças negras que mendigam nos sinais? Por que as altas taxas de mortalidade infantil, agora, começando a decrescer, pouco nos interessam? Essas respostas, entre tantas outras, só a história pode dar. Não será a primeira vez que o saudável exercício de “olhar para traz” irá ajudar a

<sup>199</sup> DEL PRIORI, M. **A criança negra no Brasil**. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232-253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

iluminar os caminhos que agora percorremos, entendendo melhor o porquê de certas escolhas feitas por nossa sociedade. (DEL PRIORE, 2012, p.248).<sup>200</sup>.

Fazendo o estado da arte desta produção, percebemos que o estudo das representações ou das práticas infantis é considerado tão importante, que a historiografia internacional já acumulou consideráveis informações sobre a criança e seu passado. Na Europa, por exemplo, há trinta anos a demografia histórica ajudava a detectar a expectativa de vida, o papel da criança nas estruturas familiares, os números do abandono infantil ou da contracepção. Os trabalhos de Áries dão início a este resgate histórico na Europa.

Em seu trabalho *História das populações francesas e de suas atitudes face à vida desde o século XVIII (1948)* trazia, então, um capítulo sobre a criança e a família. Logo depois, o clássico *A criança e a família no Antigo Regime (1960)*, apresentava duas teses que revolucionariam o tema: a escolarização, iniciada, na Europa, no século XVI, levada a cabo por educadores e padres, católicos e protestantes, provocou uma metamorfose na formação moral e espiritual da criança, em oposição a educação medieval feita apenas pelo aprendizado de técnicas e saberes tradicionais, no mais das vezes, ensinado pelos adultos da comunidade. A Idade Moderna passa a preparar, nas escolas, o futuro adulto. Ou seja, a criança, esse potencial motor da História, é vista como o adulto em gestação. Paralelamente a essa mudança, a família sofria, também, uma profunda transformação com a emergência da vida privada e uma grande valorização do foro íntimo. A chegada destas duas novidades teria acelerado, no entender de Áries, a supervalorização da criança. Apesar de todas as críticas que essas teses receberam, sobretudo quanto à percepção de um certo “evolucionismo” na condição histórica da criança —essa, na Idade Média não significaria muito para seus pais, passando a condição de “reizinho do lar” com a evolução da sociedade burguesa—, as teses de Áries instigam o historiador brasileiro a procurar suas próprias respostas. E por quê?

As teses de Áries nos instigam a procurar novas respostas, respostas à brasileira, porque entre nós, a emergência da escolarização e da vida privada, os dois motivos elencados por ele, como responsáveis pela introdução do pensamento moderno sobre infância, se dão tardiamente. E no caso da população afrodescendente a defesa da educação pública, gratuita e de qualidade é recente e ainda atual, pois o processo de escolarização das crianças brasileiras ocorrido desde a colonização não tinha como foco a criança afrodescendente.

Desde o início da colonização, as escolas jesuítas eram poucas e, sobretudo, para poucos. Se as crianças indígenas tiveram acesso a elas, o mesmo não podemos dizer das crianças negras, embora saibamos que alguns escravos aprendiam a ler e escrever com os padres<sup>2</sup>. O ensino público só foi instalado,

<sup>200</sup> DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

e ainda assim, mesmo de forma precária, durante o governo do marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII. (DEL PRIORE, 2012, p.236).<sup>201</sup>

Já no século XIX, a opção para os filhos dos pobres não era a educação, mas a sua transformação em cidadãos úteis e produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares. O que encontramos após a abolição da escravidão, são as crianças e adolescentes moradores de antigas senzalas, que continuaram a trabalhar nas fazendas. Desta forma, tinham a mesma idade de seus avós, escravizados, quando esses começaram: entre 7 e 14 anos.

Em seus relatos a escolarização durante a infância aparece de forma muito rarefeita e conjunta a situação de trabalho, demonstrando um processo de profissionalização precoce. Quando abordada sobre escola, ela diz que:

ai eu ia estudar. A dona, minha patroa, vai querer não! Vai pra escola? Não! Eu vou, eu vou. Aí, eu ia. Até que aprendi mais ou menos, mas teve delas (irmãs), que num sabe nem o que é um”0”.(SOUZA, 2013).<sup>202</sup>

E a partir deste relato podemos traçar uma linha histórica que nos leva a empreender que até hoje, de uma forma geral, continuam, as crianças afrodescendentes, despossuídas das condições básicas de alimentação, moradia, saúde, educação e garantias trabalhistas. A partir da fala da Tia Noêmia, veremos que o trabalho doméstico entre as meninas, também é uma constante. Como se não bastasse a ação de fatores econômicos a interferir na situação da criança, a ausência de uma política do Estado voltada para a formação escolar da criança afrodescendente e pobre só acentuou seu miserabilismo e invisibilismo.

Ela relata que na chegada a Juazeiro de Norte, sua mãe (minha bisavó) orientou todos os seus filhos a buscar trabalhos domésticos, homens e mulheres, na verdade adolescentes iniciam sua vida profissional, através do trabalho doméstico, alguns deles, ela própria, Noêmia somente conheceu o trabalho doméstico, como forma de obtenção de renda.

O José, João (irmãos de Noêmia). Tudo procuraram emprego, tudo procuraram emprego. Faxineiro nas casa, empregado de jardim pra ficar aguando jardim, limpando, plantando, virando, mexendo, né?(SOUZA, 2013).<sup>203</sup>

<sup>201</sup> DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.p.236.

<sup>202</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

<sup>203</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

Aqueles que não se ocuparam de tarefas domésticas, foram vivenciar trabalhos pesados e menos valorizados.

Os outros era, o Manoel era pra? Num se o que motor, comotor fazer num cê o que, nem me lembro mais o que era. Motor, trabalhando no negócio lá que tinha que movimentar com o motor, num to mais lembrado o que era não. E o João tinha que trabalhar com o jumento, traficando com carga, de jumento, montava no jumento (...) é, colocava na carroça e levava o que fosse preciso, levava num sei pra onde, num sei pra onde, pro Crato, num sei pra onde que fosse...(SOUZA, 2013)<sup>204</sup>

Desde o início da colonização, as escolas jesuítas eram poucas e, sobretudo, para poucos. Se as crianças indígenas tiveram acesso a elas, o mesmo não podemos dizer das crianças negras, embora saibamos que alguns escravos aprendiam a ler e escrever com os padres<sup>2</sup>. O ensino público só foi instalado, e ainda assim, mesmo de forma precária, durante o governo do marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII.

Como se vê, a pobreza e a falta de escolarização da criança brasileira, ao longo de sua história, tornam as teses europeias absolutamente inadequadas para nossas terras. A divisão da sociedade, velha divisão dos tempos da escravidão, entre os que possuem e os que nada têm só fizeram agravar a situação dos nossos pequenos negros.

Apenas para ilustrar construímos a tabela abaixo (nº 5) que denota nosso processo educacional ao longo de três gerações. A escolarização foi projeto tardio para os afro-brasileiros.

Em nossa experiência familiar, somos apenas, a segunda geração a desafiar o estigma do analfabetismo e mesmo que nosso pai e tios tenham frequentado a escola, ela não possibilitou a transformação social de suas vidas. Possuindo em médio o ensino fundamental, nossos pais não conseguiram um projeto de vida diferente do vivenciado pelos seus e avós.

Tia Noêmia narra que ao chegar no Cariri, residiram na zona rural e só depois migraram para Juazeiro, zona urbana, onde estavam concentradas as escolas da época, de qualquer forma, o projeto familiar não contemplava a escolarização.

---

<sup>204</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

Tabela 5 - Trajetória de Escolarização da Família Sousa.

1ª Geração			
NOME	PARENTESCO	INSTRUÇÃO	ESCOLA
Maria Leandro de Sousa	Avó Paterna	Analfabeta	-
José Izidro de Souza	Avô Paterno	Desconhecido	-
Noêmia	Tia-avó	Analfabeta	-
2ª Geração			
NOME	PARENTESCO	INSTRUÇÃO	ESCOLA
Francisco Leandro de Sousa	Pai/Pesquisadora	Ensino Médio – Técnico	Pública
3ª Geração			
NOME	PARENTESCO	INSTRUÇÃO	ESCOLA
Kássia Mota de Sousa	Pesquisadora	Superior Completo	Privada/Pública
Acácio Mota de Sousa	Irmão/Pesquisadora	Superior Incompleto	Privada/Pública
Aécio Mota de Sousa	Irmão/Pesquisadora	Superior Completo	Privada/Pública
Danúbio	Primo (Filho de Izidro)		

Fonte: Acervo da Pesquisadora.

#### 6.4 Relatos sobre o Mundo do Trabalho.

No Brasil de finais do século XIX, a “tendência ao ócio e à vadiagem dos trabalhadores nacionais” se explicaria cada vez mais em termos “raciais”. Esta foi uma construção política que acabou por esvaziar os ganhos reais dos últimos libertos ao buscarem se assimilar à antiga população livre. As construções discursivas oficiais tenderiam cada vez mais a trabalhar politicamente os estereótipos de “vadiagem” e “preguiça” para os “trabalhadores nacionais” e de “morigeração” e “trabalho” para o imigrante europeu. (COOPER, 2005,P.33).<sup>205</sup>

Tia Noêmia relata que chegando em Juazeiro, cada irmão foi trabalhar numa casa diferente e todos como empregados domésticos, homens e mulheres realizando as funções de cozinheira, faxineira, jardineiro. As difíceis condições de trabalho vivenciadas na juventude deixaram marcas profundas de subalternidade em sua subjetividade.

Hoje, idosa e viúva, tia Noêmia se refere a si, como ser utilitário e diz não entender como “Nosso Senhor Jesus” ainda não a “levou” se ela já não pode servir a mais ninguém.

Quando adentramos sua história de vida, compreendemos que mesmo que não haja memória dos antepassados cativos, e, no caso da tia Noêmia, nascida em União dos Palmares, ainda que nunca tenha experienciado à escravidão, ela experimentou ao longo de sua vida um processo de desumanização e de coisificação. Foi vítima, juntamente com nossa família, de um arcabouço ideológico onde a função social perpetrada para o negro era o “servir” indistintamente aos brancos.

E quando situamos nossa narradora em pleno século XX, suas experiências e narrativas de vida, desafiam a história política e social escrita sobre o Brasil do século XX. Os relatos e das experiências de trabalho da família Sousa desafiam-nos, pois é anacrônica se comparada aos relatos desenvolvimentistas do Brasil no final do século XX. Suas condições de trabalho, predominantemente domésticos, são similares às condições de trabalho do cativo, do qual não temos memória.

eu era que fazia tudo dentro da casa dela, tudo tudo tudo, lavava roupa, fazia comida, engomava, limpava a casa, tudo, tudo eu. Pra tudo, tudo eu, fazia tudo. Quando era na hora de eu ir comer, eu tinha que deixar o prato lá e pegar a menina e ir deixar no colégio. Ai quando chegava do colégio, num era tão perto o colégio, eu chegava do colégio havia tanta coisa pra mim fazer que eu num ia deixar pra botar comida.(SOUZA, 2013).<sup>206</sup>

<sup>205</sup> Cooper, Frederick. **Além da Escravidão: Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades nos pós-emancipação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. P. 33.

<sup>206</sup> SOUZA, Maria Noêmia. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

Só a partir da segunda geração, meus pais e tios, irão vivenciar, ainda que parcialmente um mercado de trabalho após a consolidação dos direitos trabalhistas no Brasil. Parcialmente porque, parte deles, Izidro e Leandro, meu pai e tio, devido as situações de vida geradas pelo alcoolismo, são retirados do mercado de trabalho ainda cedo, por volta dos 40 anos e a partir de então vão atuar no mercado informal, sem nenhuma garantia social.

Dos quatro filhos de meus avós que chegam a vida adulta, quase todos vão viver margeando o processo de urbanização ocorrido no Brasil desde a década de 1920.

Cícero e Agenor são vítimas da violência da periferia urbana, conformando mais números sobre o genocídio da população negra no Brasil, como trabalhadores da polícia militar e da segurança privada em São Paulo, são os alvos principais das milícias. São mortos em trabalho, em contextos nunca investigados.

Izidro e Leandro vítimas do alcoolismo, ainda em idade produtiva, entre os 30 e 40 anos, passam a viver tutelados por esposas e filhos. Apenas Fausto, hoje residindo em São Paulo, ainda participa do mercado de trabalho produtivo, atuando numa esteira de uma indústria de gêneros farmacêuticos.

A situação de fragilidade social de meu pai, Francisco Leandro, e de meu tio, José Izidro, é causada principalmente pela doença psicossocial do alcoolismo. E eu acreditava não haver relação direta com a questão racial. Só com a convivência com a doença, descobri, sem pesquisa, que são os homens negros a maioria dos afetados pelas drogas. A amostragem foram os consultórios do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde – SUS, que frequentamos quase que diariamente, para tratamento de meu pai e da família afetada psicologicamente pelas consequências do alcoolismo.

No caso do meu pai, a situação se fragiliza ainda mais pelo fato dele não possuir vínculos familiares fortes, por residir sozinho na estrutura residencial que eu sustento. Recentemente ele margeou a situação de rua. Em fevereiro de 2015 me procurou arrastando uma mala, bêbado, ferido, com uma queimadura nos pés e sem ter onde morar ou trabalhar.

No ano de 2014 após sair da clínica de desintoxicação antes do término do tratamento, ficou sem residência, já que a sua última companheira o havia colocado para fora de casa semanas antes da internação. Passou a residir nas obras em que trabalhava. Sem móveis,

---



eletrodomésticos ou segurança. Apenas: algumas painéis velas; uma rede, presente meu, e uma mala, também presente meu.

Em fevereiro de 2015, após bater na porta de minha casa, aluguei um apartamento para ele, mobiliamos com a infraestrutura básica e mantemos com água, energia elétrica, supermercado, transporte, remédios.

As dificuldades de reabilitação são imensas. Desde o processo de solidão vivenciado por ele. Segundo ele, hoje o uso do álcool é ampliado devido a uma depressão que o acomete sempre.

E dada a dificuldade de reabilitação social, de reinserção nos ciclos familiares e de amigos. O alcoolismo fortalece o processo de descrédito, já vivenciado devido o racismo. Assim se sobrepõem a experiência de “não lugar” social que o circunscreve marginalmente.

As próprias dificuldades da doença, a falta de compreensão dele, como portador de uma doença e uma crença de que comanda os desejos e as vontades, podendo deixar o álcool a qualquer momento, desafiando assim, os limites físicos e psicológicos impostos pela dependência.

Assim, mesmo tendo tido alguma formação escolar, ensino fundamental, diferindo-se da geração de seus pais, que morrem analfabetos. Não é garantida nenhuma ascendência social.

Meus avôs vivenciaram uma pluralidade de afazeres, ocupações que permitiam a eles várias possibilidades de ganhar pão. Meu avô trabalhou em atividades doméstica, na agricultura, na indústria de calçados. Já minha avó, foi lavadeira, artesã e feirante.

Com o atual modelo de sociedade e de especialização do trabalho, o mesmo não ocorre com a geração de meu pai. Ele é um especialista em eletricidade, teve boas experiências de trabalho, contudo o alcoolismo o deixou por quinze anos fora do mercado de trabalho e isso põe fim a sua carreira profissional.

Com as novas exigências de escolarização e de uma formação para o trabalho, seu perfil, de trabalhador formado na experiência, não possui espaço no mercado de trabalho, aprofundando ainda mais a situação de marginalização diante desta sociedade.

Assim, as condições sociais advindas do pertencimento étnico e da compreensão racista da sociedade para com nós negros, nos estilhaçam mais uma vez, limitando nossa incorporação no novo modelo de sociedade capitalista, que prioriza a formação nos bancos escolares e a especialização para o trabalho.

Há ainda uma expectativa de ascensão social a partir desta terceira geração. Com muitos mais anos de escolarização que nossos pais. Nós, meus irmãos, primos e eu, vislumbramos uma entrada no mercado de trabalho com equidade racial.

Tabela 6 - Trajetória Profissional da Família Sousa.

<b>Geração</b>			
<b>NOME</b>	<b>PARENTESCO</b>	<b>INSTRUÇÃO</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
Maria Leandro de Sousa (Data de nascimento)	Avó Paterna	Analfabeta	Lavadeira/ Feirante/ Artesã em palha
José Izidro de Souza	Avô Paterno	Desconhecido	Agricultor/ Trabalhou em empresas de borracha
Noêmia	Tia-avó	Analfabeta	Doméstica
<b>2ª Geração</b>			
<b>NOME</b>	<b>PARENTESCO</b>	<b>INSTRUÇÃO</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
Francisco Leandro de Sousa	Pai/Pesquisadora	Ensino Fundamental– Técnico	Eletricista
Izidro		Ensino Fundamental	Auxiliar de Manutenção de uma loja de tecidos
Fausto		Ensino Fundamental	Indústria farmacêutica
Cícero		Ensino Fundamental	Segurança Particular
Agenor		Ensino Fundamental	Segurança Particular
<b>3ª Geração</b>			
<b>NOME</b>	<b>PARENTESCO</b>	<b>INSTRUÇÃO</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
Kássia Mota de Sousa	Pesquisadora	Superior Completo	Professora
Acácio Mota de Sousa	Irmão/Pesquisadora	Superior Incompleto	Agente de crédito e Representante comercial
Aécio Mota de Sousa	Irmão/Pesquisadora	Superior Completo	Advogado
Danúbio	Primo (Filho de Izidro)		

Fonte: Acervo da Pesquisadora.

## 7 CONCLUSÕES

Início minhas reflexões finais afirmando a importância de resgatarmos e escrevermos as nossas histórias pessoais, na perspectiva de construção da História da População Afrobrasileira. Estas escritas são responsáveis por um processo de empoderamento negro consistente, ao auxiliar na construção da nossa compreensão identitária, não há mais ninguém que possa fazer isto por nós, que não, nós mesmos.

Essas escritas não serão lineares, pois a vida não é linear. A vida da população afrodescendente é terreno acidentado, é vereda das mais estreitas. Após passar 04 anos em volta da minha família que esteve perdida, esquecida, não conhecida, concluo hoje esta tese com um sentimento de ninho vazio, dentre os objetivos ocultos que o pesquisador sempre projeta sobre o seu trabalho, estava o meu desejo imenso que ele pudesse me devolver o que o racismo estrutural da sociedade me roubou: as lembranças de uma infância em família, colo de avós, tios e primos, a convivência com eles.

Imaginei que o meu trabalho de pesquisadora era como o de quem prepara a casa para receber a família. Quando terminasse a escrita da tese, abriria as portas de casa e teria todos em volta da mesa, para compartilhar da escrita, rir das lembranças, questionar os achados e relembrar outros fatos da vida que não couberam aqui... Não foi assim, a escrita afrodescendente termina com a convicção de que o que temos de concreto é a luta para transformação da sociedade, para desconstrução do racismo. Concluo esta tese com casa vazia e pés na rua, braços erguidos pra levantar a bandeira da igualdade.

Durante a tese busquei inspiração em Carolina de Jesus, primeira mulher negra, pobre, mãe solteira e semianalfabeta a publicar uma autobiografia ainda na década de 1960. Quando *Quarto de Despejo* foi publicado, muitos duvidaram que uma mulher com tão pouca instrução fosse capaz de escrever uma obra relevante, ela escreveu, eu escrevi.

Agora é necessário que esta escrita chegue às escolas públicas juazeirenses, cearenses, onde está a população afrodescendente. É necessário que esta tese se transforme em pelo menos duas ações pedagógicas:

1. Ensinar a população afrodescendente que a sua história, a história da nossa raça, não está circunscrita a história da escravidão brasileira. Dissociar afrodescendência e escravidão é tarefa urgente, acreditamos que esta tese pode auxiliar neste exercício. Esta dissociação auxiliará no processo de

requalificação social da população afrodescendente. É tarefa dos educadores, das escolas e de toda a sociedade brasileira romper com o processo *esquizofrênico* de incompreensão identitária dos afrodescendentes e, portanto, de toda a sociedade brasileira.

2. Ao tempo em que vamos apresentar esta história, precisamos também incidir em ações valorativas que levem nossos educandos a buscarem suas histórias, nossas histórias. Esta ação rompe com a ideia da *educação bancária* tão criticada por Paulo Freire. E se relaciona metodologicamente com a perspectiva pedagógica afrodescendente de afirmação da relação entre o teórico e o vivido.

Precisamos hoje, transformar a realidade da educação brasileira, esta transformação, perpassa pela urgente produção de material pedagógico ancorado na produção afrodescendente. É preciso se apropriar da escola, ela é um importante espaço para desconstrução da ideologia racista. É preciso *socorrer* nossas crianças, o espaço escolar tem significado sofrimento, adoecimento de nosso corpo e mente, recalque da nossa identidade.

Esta tese afirma a alteridade da produção historiográfica afrodescendente. A partir dela, estaremos construindo a História do Brasil, não escrita em seus 500 anos de nação. E essa História, ainda não escrita faz-nos falta dentro de um sistema educacional racista.

Dentre nossas conclusões acerca do pós-abolição no Ceará está a certeza de que há uma pluralidade enorme de formas de existência da população negra. Nossa história não deve ser generalizada, sua apresentação aqui, tem outro sentido, onde desejamos contar o que vivemos, uma história que nos é particular e que revela a possibilidade de outras histórias particulares, que ao serem reveladas, em conjunto, comporão a história da população afrobrasileira no Ceará.

É necessário denunciar que a liberdade, como ficou explícito, não significou uma ruptura com a desqualificação do passado em cativo. A equiparação civil que, em tese, deveria dar base ao tratamento igual aos indivíduos, serviu para reafirmar seus antigos “lugares sociais”, o *não lugar*.

Evidencia-se, então, como o território da liberdade ancorada ao mito da democracia racial é pantanoso, há mais de 150 anos após a abolição, vivemos ainda um estágio de quase cidadania.

E afirmamos, inclusive, que a abolição foi circunstanciada, à medida que nos livramos das pesadas correntes de ferro fundido, mas continuamos presos a um imaginário social velho,

mas não caduco, assentado na velha ordem social e cristalizado pela ideologia racista. Sob este imaginário toda a população negra sempre será descendente das agruras da escravidão.

Ao escrevermos esta história incidimos sobre outro dos problemas enfrentados pela população afrodescendente, a superação do estigma da escravidão, o fardo do passado em cativo.

Consideramos importante dizer que quando estamos falando de história de famílias, estamos tratando, não de um objeto a ser estudado com receituário ao lado, não existe fórmula única. Cada família tem sua história e do pesquisador carece sensibilidade e flexibilidade para encontrar a receita, a fórmula apropriada para cada família.

Descobri uma lição sobre o tempo de pesquisa. O tempo não pode ser contado em meses, em anos. Ao invés de ponteiro, nesta caixa de relógio há dupla-hélice, sensível a vida da família que está sob nosso olhar. É um tempo que foge da monotonia e vive à variação dos parentes: chegadas, partidas, rompimentos, encontros, separações, doenças, nascimentos e mortes. Ao escrever estas considerações finais, meu sentimento é que precisava de um pouco mais de tempo com estas palavras, o tempo é finito e urge e nos passa a mensagem que pesquisa, tese é filho que nasce aos 07 meses.

Nesta escrita perpassaram pessoas, desejos, lágrimas e sorrisos. Quando falo da parcialidade na pesquisa, o meu rompimento com a ideia de neutralidade é profundo, e defende uma infiltração de vida por entre a escrita da tese.

A gente escreve a partir de documentos, fontes e provas, mas o que se inscreve é sonho, desejo profundo, e às vezes ilusão, de transformar o mundo. Tem computador, livros e apontamentos, mas os instrumentos fundamentais são a militância, guerrear todo dia e fazer da vida real o laboratório da pesquisa. Encontrar a fórmula de colorir o mundo, acentuando a beleza do diferente, e o que de igual o diferente têm.

Na intenção de concluir, entendi que o importante é não concluir, é não fechar. Se tivesse mais 04 anos, certamente vocês me encontrariam aqui, com mais algumas centenas de páginas, porque nossa família não tem capítulo final. E para ser fiel, esta tese tem que continuar, sem fim, se perpetuando, se reinventando, se espalhando pelo mundo, cumprindo o desejo do meu avô José Izidro, de peregrinar.

## REFERÊNCIAS

ABEBE, Chinua. **O Mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O Ser negro**: um estudo sobre a construção das subjetividades em afro-descendentes. Tese (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília – DF, 2007.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, culturas e confrontos**: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911. Natal: EDUFRN, 1998.

BAKOS, Margaret M.(Orgs.). **Escritas íntimas, tempos e lugares de memória**: a documentação pessoal como fonte para a história. Porto Alegre: Palier, 2008.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joazeiro celeste**: tempo e paisagem na devoção do Padre Cícero. São Paulo: Attar, 2007.

BARRETO, Rosivalda dos Santos. **Patrimônio cultural, infância e identidade no bairro do Bom Juá, Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2012.

BATISTA, Isildinha. **Significações do corpo negro**. 1995. 143f. Tese, (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. 1995.

BISPO, Silvana Santos. **Nós temos que falar sobre nós**: populações Negras e lugares de fala. 2012. Disponível em

<[http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337109303\\_ARQUIVO\\_HISTORIAORAL-ARTIGO.pdf](http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337109303_ARQUIVO_HISTORIAORAL-ARTIGO.pdf) acesso em 14 de Abril de 2015.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In. AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Situação social da população negra por estado**. Brasília: IPEA, 2014.

BRÍGIDO, João. **Ceará: homens e factos**. 1919.

BRITTO, Iêda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

BUKER, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2005.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 5 ed. Petrópolis: vozes, 2012.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In. PENSAVENTO, Sandra Jatahi (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 2001.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, ?

COOPER, Frederick. **Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades nos pós-emancipação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: a família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884)**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2008.



CUNHA Jr. Henrique; RAMOS, Maria Estela Rocha (Orgs.). **Espaço urbano e afrodescendência**: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

CUNHA JR., Henrique. Bairros negros, cidades negras e população negra. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO, XII CONLAB, 2015, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 2015. p. 01-18.

CUNHA JR., Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (org.) **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: MEC, 2005.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Bom Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.971

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na Casa de Candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE**. 2011 273f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza - CE, 2011.

ESPADA, Henrique. **Microstoria**: Mesclas, indícios e singularidades. Campinas: Unicamp, 1999. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-doutorado em História, Campinas – SP, 1999.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era.** v.2. São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992.

FUNES, Eurípedes Antonio. **Negros no Ceará.** In: SOUZA, Simone de (org.). Uma nova história do Ceará. UFC: Fortaleza, 2002.

GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará.** Batista Fontenele: Fortaleza, 1969 .

GOMES Ana Beatriz Sousa. **A Pedagogia do movimento negro em instituições de ensino em Teresina, Piauí:** as experiências do IFARADÁ e do Centro Afro-Cultural Coisa de Nêgo. 2007. 262f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

GRINBERG, Keila. **O Fiador dos brasileiros.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOORNAERT. Eduardo. **Fundamentos da fixação no espaço Cearense.** Fortaleza, FAFIFOR, 1999.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, Ivan Costa. **As Pedagogias do movimento negro no Rio de Janeiro e Santa Catarinaiana (1970-2000):** implicações teóricas e políticas para a educação brasileira. 2009. 318f. Tese(Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2009.

MACHADO, Maria helena Pereira Toledo. **O Plano e o pânico: os movimentos sociais na década da Abolição.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MALAGUTTI BATISTA, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história.** Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MARTINS, Paulo Henrique de Souza. **Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará: sobre Histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense.** 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas.** Revista TOPOI, v5, n.8, jan-jun, Rio de Janeiro: 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. **Por uma história do homem negro.** Petrópolis: Vozes, 1974.

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no Sertão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NEVES, Napoleão Tavares. **Cadernos do IPERC 1.** Juazeiro do Norte: Edições IPESC-URCA.

NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus: a construção do Espaço Sagrado de Juazeiro do Norte a partir das Narrativas Femininas (Ceará, 1889-1989).** (Mestrado em História) Curso de Pós-graduação em História. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

NUNES, Cícera. **O reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/03.** 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

NUNES, Cícera. **Os congos de milagres e africanidades na educação do Cariri cearense**. 2010. 148f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci**: verdadeira história de Juazeiro do Norte. Fortaleza - CE: Editora Henriqueta Galeno, 1974.

OTAVIANO, Kelma Luzia Nunes. **ORI INU: conhecimentos e práticas ancestrais afro-brasileiras na saúde mental**. 96f. 2013. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza (CE), 2013.

PASCHOALIN, Maria Aparecida. **Gramática**: teoria e exercícios. São Paulo: FTD, 2008.

PEREIRA, Cláudio Smalley Pereira. **Centro, centralidade e cidade média**: o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE. Presidente Prudente: s.n, 2014.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; PINTO, Regina Pahim (Orgs.). **Acesso aos direitos sociais**: infância, saúde, educação, trabalho. São Paulo: Contexto, 2010.

POLLACK, Michel. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RATTS, Alecsandro J. P.. **Os povos invisíveis**: territórios negros e indígenas no Ceará. As São Paulo: Cadernos CERU, 1997, v.9.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **Negros do trilho e as perspectivas educacionais**. 1995. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza,CE, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, João Lucas. Serra dos Pretos: trajetórias de famílias egressas do cativo no pós-abolição (Sul de Minas, 1855- 1950). **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n.50. Jul-Dec 2014.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó. **Os homens que faziam o tupinambé moer**. experiência e trabalho nos engenhos de rapadura no Cariri (1945-1980). Dissertação. (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

SALLES, Ricardo. **E o vale era escravo**: vassouras, Século XIX, Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANTOS, Ana Katia Alves. **Infância afrodescendente**: epistemologia Crítica do Ensino Fundamental. Salvador: EDUFBA, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Francisco Wellington Pará dos. **Formação teatral e o encantamento da ancestralidade africana – caminhos e encruzilhadas para uma formação assentada na cultura de matriz afrodescendente**: culto Egungun e Maracatu de Fortaleza. 2010. 225f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira (Orgs.). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SILVA, Fátima Aparecida. **A Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra a partir da ótica de um de seus fundadores: José Vicente de Lima – década de 1930**. 2008. 125f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2008.

SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade**: segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Monaliza Rios. **Maya Angelou e suas afroamericanidades**: o ritmo autobiográfico de *The Heart of Woman*. 148f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

SOUSA, Juliana de. **Memórias e histórias da população negra da cidade de Carapicuíba-SP**: uma abordagem para a educação escolar. 2010. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Fortaleza - CE, 2010.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do Quilombo do Cria-Ú em Macapá e sua Educação. 262f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2010.

ANEXOS<sup>207</sup>**Conversa registrada na tarde de 05 de agosto de 2013.**

Entrevistado – mas o interesse de estudar era pouco, a vergonha na cara era pouco. Eu fui foi muito pra escola, até que eu aprendi a conhecer o ABC. Até que eu conheci o ABC. Mas era pra eu ter estudado mais, mas num. Das minhas irmã, a Lurde, a Rosa, a Severina aprendeu nada, nada nada. Eu que me interessei pra ir pra escola, porque onde eu trabalhava na lavadora que eu trabalhava, assim passando na terceira casa é a escola, uma casa que dava aula.

Entrevistadora – anham

Entrevistado – ai eu ia estudar. A dona minha patroa, vai querer não, vai pra escola não? Eu vou eu vou. Ai eu ia. Até que aprendi mais ou menos, mas teve delas que num sabe nem o que é um ó.

eu lembro, eu lembro minha fia eu lembro que eu dormia três noite, três noite eu tenho que lembrar que graças a Deus não saiu da minha mente não, eu dormi na mata, na mata.

Entrevistadora – sozinha no pernambuco

Entrevistada – mais deus sim, só deus só pode ter sido nosso deus do pai que me livrou da cobra dos bichão, a ultima noite até que eu dormi deitada dibaixo na mata, cada pedaço de pau assim, na mata eu deitado no chão por cima das folhas e as muriçoca te come te come te come te come bebebeu deitada no chão, entra as mata.

Entrevistadora – porque? A senhora se perdeu?

Entrevistada – com medo de peia,

Entrevistadora – ela batia na senhora?

Entrevistada – mas meu deus do céu menino, por qualquer erro de criança fizesse, que eu fazia como criança a peia o cipó de fogo, lá tinha um cipó de mato chamado cipó de fogo, um mato que não se quebra, você peneia e não quebra ele, quiser um pedaço tem que cortar, era com esse cipó que ela me surrava.

Entrevistadora – meu deus

---

<sup>207</sup> As transcrições trazidas neste anexo não representa a totalidade de narrativas ouvidas ao longo da pesquisa. Eis os motivos: 1. Os narradores desta pesquisa são vários e eu mesma com minhas lembranças de infância e vivências da vida adulta. As situações de participação da pesquisa eram diversas. De meu pai, consegui poucos relatos, as limitações impostas pelo alcoolismo foram decisivas. Meu tio Fausto e primos participaram da pesquisa pela rede social virtual, e a dinâmica deste meio não permitia um registro preciso. 2. As conversas com tia Noêmia foram tantas e, às vezes, tão pessoais, outras vezes, tão públicas, pontuadas pelos transeuntes, parentes que participavam da conversa e saíam dela, numa dinâmica doméstica familiar, que seria inconveniente o uso do gravador em alguns momentos e exaustiva a transcrição de todos estes momentos gravados.

Entrevistada – ai três noites

Entrevistadora – qual era o nome dela?

Entrevistada – josefá, josefá mas também já morreu

Entrevistadora – era irmã?

Entrevistada – é irmã da minha mãe,

Entrevistadora – da vó?

Entrevistada – era, era irmã da minha mãe.

Entrevistada - ai minha filha qualquer erro que eu fizesse, um dia vou dizer um dos erros que tô lembrado aqui, eu, ela foi pra roça mais meu padim, marido dela, e disse:

- Noêmia ocê bota fogo, bota lenha no fogo, bota lenha no fogo pra quando eu chegar é pro feijão tá cozinhado

Entrevistadora – a senhora tinha três anos?

Entrevistada – três anos, três pra quatro sabe, três pra quatro anos. Ai eu papocava lenha no fogo, papocava lenha no fogo, tinha lenha do lado e lenha papocava lenha no fogo quando ela chegou a panela tava com tanta brasa de baixo que tava suspendendo a panela de tanta lenha que eu botei

Entrevistadora – anham

Entrevistada – ai, o meu deus, como é que foi? ocê botou lenha de mais nessa panela o feijão tá quase queimado, você vai levar umas lapada pra ocê aprender fazer as coisa. minha fia eu apanhava tanto que quando ela dizia ocê vai levar umas lapada eu já pegava o caminho e sai correndo pra dentro das matas.

Entrevistadora – e o seu padrinho não lhe salvava?

Entrevistada – não, não, ai mas dessa vez eu num apanhei não, apanhei não porque, mas eu num vou dar não porque ocê botou lenha no fogo, mas só que botou de mais. Ai não apanhei, ai outra vez, eu fui tinha chovido e eu tinha que pegar os prato, ai vinha almoçado, pegar os prato e lavado no rio, a casa como se fosse aqui pra trás e o rio como que fosse a calçada né? eu tinha que lavar os prato no rio, ir lavar no rio. Ai lavando os prato né? mas sem eu querer caiu uma colher dentro dagua.

Entrevistadora – e o rio levou

Entrevistada – o rio levou, a agua suja eu num tava nem vendo a colher se eu podia pegar, nada, eu via que a água tava baldeada suja, eu cheguei em casa e falei pra ela, madrinha caiu uma coelhar dentro do rio. Ocê você jogou a colher e a água levou a colher sem vergonha, pêra que ocê vai apanhar que é pra aprender fazer as coisa, e tome cipó de fogo e tome cipó de fogo, tome cipó de fogo. Outra vez, dava tanto que eu ficava queimada, ficava toda queimada



aqueles vinco preto, eu já sou preto e os vinco ficava mais preto ainda, a pele voando e o couro preto da pancada do cipó de fogo. E outra vez, a cabra, a cabra eu ia amarrar as cabra já tinha de 5 pra 6 ano já ai, eu ia amarrar as cabra tinha que amarrar três caba, longe, longe longe nera pertinho não.

Entrevistadora – amarrava pra quê , pra elas pastar ?

Entrevistada – elas comeri mato né, comeri mato pra elas pastar.

Entrevistadora – ah ham?

Entrevistadora – a senhora levava elas até lá e amarrava.

Entrevistada – amarrava.

Entrevistadora – mais uma eu amarrei num lugar que não tinha um pezinho de pau pa eu amarra num sabe, então peguei um moi de capim e amarrei, amarrei ai vim embora pra casa. Ai quando foi assim pelas 4 horas 4 e meia esse horário assim o sol já tava espalhado lá onde a gente morova, chegou um homi, dona uefá a cabra tá comendo a minha roça, comendo as mandioca. O quê? Ai foi já lá, meu padim tava em casa foi também, e eu também fui atrás. aí chegou lá meu padim puxou a caba de dentro da roça dele, tava comendo só as folha da mandioca, mas mesmo assim, tivesse comendo as batata, mas tava comendo as folha, mas mesmo assim foi preciso eu apanhar, né? Ai quando ela pegou a caba e puxou pra fora da roça do homi, no meio do caminho assim na beira do caminha que ia lá pra casa né, ai eu corri, ele puxou a cabra pra dentro da roça, eu tava meio perto pra ver a caba, ai eu corri, quando eu corri, ele correu atrás de mim e me pegou, ele correu e me pegou e me derrubou nu chão, derrubou no chão e saiu puxando assim puxando por uma perna por cima dos caco que tinha, tinha derrubado um engenho veio que tinha assim, tinha derrubado um engenho e tinha um bucado de caco de tijolo, caco de telha pedaço de pau tudo no chão, e quando me puxava tinha que passar por cima.

Entrevistadora - uhum

Entrevistada - ai meu padim pegou e em derrubou e puxou pegado numa perna como se fosse sei lá um cachorro, né, que as vezes pega na perna de um cachorro pra bater né, pois foi assim que meu padim fez comigo, e chegou em casa tome lapada, tome cipó de fogo, tome cipó de fogo, tome cipó de fogo e eu aiaiaiaiaiaia mas mesmo assim, tinha tinha que engoli. Quando foi no outro dia, dessa vez me pegou eu num corri, na vez que ela me pegou, que foi pra me pegar, essa vez, foi a primeira vez que eu apanhei, quando foi na terceira vez em diante eu já corri, quando ela dizia perâ ai, eu já corria por dentro das veredas que num era rua num era calçamento era vereda no meio do mato. Eu corri, quando eu me distanciava dela eu entrava no meio da mata. pois é mas dessa vez eu apanhei, mas de outras vez e ela que foi que me

pegou, pra me bater, por que foi meu deus, por que foi meu deus. Eu ia, eu amarrei a cabra rapidinho e entrei na casa da minha amiga, coleguinha criança, outra criança uma garotinha né e fiquei fiquei fiquei brincado e num vim pra casa npe, quando eu vim pra casa, já tava preocupada. Onde é que tu tava noemia? Tava ali na casa de, na casa de Teresinha. ocê vai apanhar que é pra ocê deixar de sair de casa pra ficar me dando cuidado, esse tempo todim podendo ter vindo embora pra casa pra ficar me dando cuidado ocê vai apanhar, quando ela disse ocê vai apanhar já tinha apanhada bastante de outras vezes, ai peguei a estrada e sair numa vereda e sair correndo, corri tanto menina, corri corri como daqui na Coelce, num sei se tu sabe onde é a coelce ...

Entrevistadora – não, sei não

Entrevistada – uns cinco quarteirão ai

Entrevistadora – anham

Entrevistada – eu corri, corri, corri e lá vai ela atrás de mim, aqui culá eu olhava pra trás lá ia ela correndo atrás de mim, ai quando eu ia, mas dessa vez eu tava querendo ir pra casa de minha vó.

Entrevistadora – más a senhora sabia onde era?

Entrevistada – sabia, sabia era longe também mas eu sabia, mas era longe mais longe do que daqui daqui pra 5 quarteirão, mais longe ainda. Mas eu corri e descí numa serrinha numa gruta de bananeira assim pro outro lado, ai eu sim, descendo, descendo ai quando cheguei no fim da gruta de bananeira que precisava dar uma volta assim pra poder entrar pra casa de minha vó, eu parei e olhei pra trás, lá em ela lá em cima no começo da serra. Lá vem ela correndo também no começo da serra e era longe a casa. Ai o que foi que eu fiz, essa tô contanto só a ultima vez, o que foi que eu fiz, eu entrei na mata, entrei na mata fiquei assim dentro do mato no começo, num era mata grossa não mas me escondi sim no mato, o mato ficava mais pra diante. Me escondi no mato pra ver se ela passar, passar vê se ela ia passar casa de minha vó.

Entrevistadora – anham

Entrevistada – ai eu me escondi fiquei em baixo de uma moitinha, ai ela passou no caminho pra casa da minha vó, ela ia pra casa da minha vó, ela pensa que eu fui pra lá. Entrei dentro da mata, entrei dentro da mata e subi, subi, subi, subi na ladeira, mata no lugar de ladeira terreno sabe, alto parede alta, terreno alto, ai eu subi, subi, subi Eita eu vou dormir aqui dentro do mato, num tinha medo de nada.

Entrevistadora – credo

Entrevistada – num tinha medo de nada, deus é um tão bom pai que nunca botou, num botou uma cobra pra passar na frente de mim pra eu chegar perto de mim, nosso poderoso pai viu. Só ele pra nos fazer tudo de bom mesmo né? Ai quando chegou lá adiante, num lá que horas da noite tudo escuro, ai eu vou ficar aqui em cima dessas folha, se deitei em cima das folha e fique e as muriçoca te come, te come, te come e eu tangendo, tangendo, tangendo e assim passei a noite. Ai quando chegou, era assim, pro dia amanhecer o dia ta clareando, ta clareando fora da mata já tava bem mais claro, mas dentro da mata ainda tava um pouco escuro não dava pra eu ver bem as coisas não. Mas daqui a pouco lá vem umas pisada por dentro das folhas seca sabe, assim por trás de mim, lá vem uma pisada como se fosse uma pessoa andando por cima das folhas seca, tcha tcha tcha, eu eita é a madinha, eu só tinha medo dela podia ser o bicho que fosse não me fazia medo. Eu só tinha medo, eita é madinha mas ai não me mexi do canto não, fiquei, fiquei ali no canto né. Ai minha filha o bicho arroteou por trás de mim e vinha assim por as minhas costas, eu deitada aqui e o bicho veio assim pelas minhas costas, eu com as costas pro lado dele, ele veio arroteou assim pela minha cabeça ai ficou assim cara com cara comigo, cara com cara, aquele bicho da carona uma carona, nera bichim cara pequena não, fucim pequeno não, fucinzão aquele fucinzão, sabe o que ele fez? Ele encostou a venta dele com a minha, acho pra ver se eu tava viva.

Entrevistadora – anham

Entrevistada – se eu tivesse morta ele um bucado pronto pra ele, mas quando ele encostou a venta na minha e sentiu que eu tava respirando, ai Nosso senhor, nosso poderoso pai somente ele pra fazer tudo de bom né? Ai quando ele sentiu que eu tava respirando, ele virou assim pra trás e ilhé ilhé e saiu correndo.

Entrevistadora – era o quê? Um cachorro um lobo um bicho selvagem?

Entrevistada – um lobo, um lobo, um bichão um lobo, nesse tempo tinha lobo nera?

Entrevistadora – meu deus do céu

Entrevistada – pois é, ai saiu correndo nera nem correndo não era pulando. cha cha

Entrevistadora – isso era em que lugar de Pernambuco?

Entrevistada – no interior de recife, que recife é Pernambuco num é alagoas que alagoas é Maceió. No interior de recife, né? Pernambuco.

Entrevistadora – anham

Entrevistada – ai minha filha o bixo saiu correndo, nera correndo não era pulando fla, fla, fla. Eu só sei que era os pulo dele, eu num fiquei nem com um tanto assim de medo. Aquele dia a carona dele né, que ainda tava um pouco escuro mas se aproximou muito a cara de mim, o fucim, ai deu pra ver aquela carona dele.



**Conversa registrada na tarde de 14 de agosto de 2013.**

Entrevistado – Até o dia clarear, ai procurei lá pela serra pelo alto, descer pra casa da minha vó que ficava lá do outro lado do alto né?

Entrevistadora – humhum

Entrevistado – eu seguir no alto da serra, e desci la por dentro, por lado da casa da minha vó. Sai de dentro da mata e entrei na roça dela, travessei andei na roça dela e travessei um rio que tinha, um brejinho nera rio grande não. Cheio de pedra né? Travessei peguei o caminho e fui pra casa dela. Noêmia que cê ta fazendo aqui noemia, Josefa veio aqui atrás de tu e tu num tava noemia, onde é que tu ficou noemia? Onde é que tu dormiu Noêmia? Na mata. Só Deus mesmo né, só deus mesmo pra livrar uma pessoa descendo.

Entrevistadora – e seu avó ainda era vivo? Tava em casa, foi lhe devolver?

Entrevistado – meu avó já tinha morrido, tava mais vivo não.

Entrevistadora – ai sua avó foi lhe devolver?

Entrevistado – mandou, minha vó mandou um neto dela que tinha em casa, outro neto que ela criava. Ir deixar na casa de minha mãe, na casa de minha mãe não, na casa da tia velha.

Entrevistadora – e ficou lá na casa de Tia Josefá? Ficou lá Até quando

Entrevistado – Voltei, eu fiquei lá até. Eu fiquei na casa dela até, meu avô num tinha morrido não, tinha não, impressão. Dizendo errado, meu avô num tinha morrido não, eu fiquei na casa dela até meu avô pegar o animal, num sei quantos dias, meu avô montou no animal dele e foi na casa de minha mãe. Longe pra caramba, longe longe longe, daqui na parangaba, mais longe ainda. Ai falou pra mãe, maria vai buscar noemia, vai buscar noemia que noemia tá sofrendo muito, noemia tá até dormindo nas mata noemia, maria. Vai buscar noemia que ela tá dormindo na mata que josefá judeia muito com ela, ela tá até dormindo na mata. Mande buscar ela, ai mãe mandou, duas irmã e um irmão meu, duas irmã e teu pai, que era um dos irmão.

Entrevistadora – o Meu avô?

Entrevistado – teu avô, teu pai não, o teu avô.

Entrevistadora – que era um dos meus irmão ir me buscar na casa dela. Ai eles foram, chegou lá ele muntaram na lukaia, um animal que mãe tinha.

Entrevistado – como era o nome do animal?

Entrevistadora – uma égua chamado lukaia.

Entrevistado – Lukaia

Entrevistado – era Lukaia, era um animal que mãe tinha, todo ano dava um poldo, todo ano paria um poldo. Ai mandou ele ir, ai foi ele e Anita, que não existe mais e a Lurdi me buscar. Ai quando chegaram lá, Noêmia, ou Noêmia. Eu disse – o que é? Isso eu tinha 7 pra 8 anos já. Quem é que tá me chamando, disse é eu é eu. Mãe mandou te buscar Noêmia, eu baixei a cabeça a madrinha josefá assim também, eu baixei a cabeça e no levanto com medo de dizer eu vou, com medo de dizer eu vou porque se as meninas num levar era outra surra.

Entrevistadora – anham

Entrevistado – eu num disse vou nem não vou, cabeça baixa assim, mas o coração dizendo “vai vai”, o coração pedindo que eu fosse. Ai, Como é? Tu num quer ir não? Tu num quer ir não? Eu Calada num dava nem a resposta, com medo da peia se ela num me levasse, a peia que eu ia pegar. Ai, calada cabeça baixa e o coração pedindo que eu fosse logo, se for vá arrumar sua roupa, a mala sua roupa pra gente ir embora que tá na hora de ir da gente ir, é muito longe pode chegar aqui muito tarde não. Madrinha dizendo: Maria mandou buscar ela foi? Foi mandou buscar ela, num quer mais viver sem ela não, num disse por que nem não, quer mais viver sem ela não mandou buscar. (Josefa) Ai tá bom se ela mandou buscar leve, e eu graças a Deus que escutei ela falar aquilo, graças a deus e ia matar meu coração, num dizia pra meninas graças a deus, nada nada não. Ai José montou na lukai e me botou na garupa e segura segura segura. Mas minha filha eu apanhei tanta, apanhei tanto meu deus do céu, por nadinha eu apanhava, eu me lembro que um dia eu num me lembro mais nem porque. Eu tive que passar por cima de uma ponte bem larga que passava perto da gente, rio bem largo. E uma ponte sobre o rio de um lado pra outra, ela disse que ia me dar umas lapadas, num sei mais porque foi, perai que ocê vai levar umas lapadas sua sem vergonha. Ai eu peguei, o beco quando ela foi se aproximar lá pra pegar o cipó de fogo, eu lah, sai correndo correndo correndo, passei por cima da ponte a ponte chegou a balançar assim, a ponte do rio cheio que tava numa época de chuva, o rio cheio a agua já tava escura, e a ponte chegava a balançar assim e eu passei em cima correndo, ai cheguei no outro lado do caminho na frente das outras casas, e eu corri corri corri alienando entrei dentro das mata, dormi outra vez dentro da mata. Ai quando foi no outro dia, o meu vizinho do outro lado, das casas do outro lado que ia pra roça dele, ai eu tava de coca na beira do caminho, descendo eu procurando atravessar a estrada pra ir pro rio lavar a boca, a boca margando sabe, a boca margando num sei o que, ai eu corri cocorando, eu andando assim ó de quatro pés, de coca, de coca andando assim pra poder chegar na beira do rio pra lavar a boca, a boca margando. Ai la vem o vizinho do outro lado do rio né, da outra estrada. Noêmia o que é que ocê tá fazendo aqui Noêmia? Num disse nada. Seu padrinho lhe procurando, tua madrinha lhe procurando, querendo saber se eu num

te vi, num te vi e tu tá é aqui na beira do rio Noêmia nessa distância de casa. E eu calada, ai ela passou pra roça dele peguei o que ele ia pegar na roça dele e passou pra casa de novo, ai disse ao meu padrinho onde é que tinha me visto né. Eu tinha ido pra beira do rio tinha lavado a boca, ai tinha voltado de novo lá pra dentro do mato, voltado de novo pra dentro do mato. Mas quando eu ia voltando pra dentro do mato de novo, ai lá vinha meu padrinho, meu deus do céu.

Entrevistadora – ai meu Deus.

Entrevistado – Noêmia, o que ocê tá fazendo aqui Noêmia, falou. Mas eu num dizia nada, bora pra casa, bora pra casa. Pegou no meu braço e me levantou, mas num sei por que eu tava com as pernas tão fraca que num podia andar direito.

Entrevistadora – num tinha comido.

Entrevistado – num podia andar direito, num podia andar direito. Ai ele pegou viu que eu não tava podendo andar direito e pegou no braço, pegou no braço e me levou pra casa. Bora comer sem se alimentar desde ontem, sem se alimentar, bora pra casa comer menina uma coisa dessa. É coisa que ocê faça, ai chegou em casa eu num tinha força nem pra abrir a boca pra botar as coisas né? Botar a colher era feita de leite, quando eu olhei botou farinha dentro. Olha come ai, se alimenta ai. Ai eu pegava na colher era um sacrificio pra botar na boca, levava na boca e a boca num queria abrir.

Entrevistadora – ai meu deus

Entrevistado – viu, mas ela pegou, deixa eu botar a comida na sua boca, sem vergoin. Pegou e botou as colherada de leite, de pirão de leite pra dentro de minha boca, e eu engoli engoli até que fui melhorando. Mas eu sofri sofri na mãe dessa madrinha, tia madrinha, ela nunca teve filho num pariu nenhum. Minha mãe teve que dá eu pra ela, foi pedir minha mãe teve que dá, pra me fazer sofrer desse jeito.

Entrevistadora – seu pai era vivo nessa época?

Entrevistado – era não tinha morrido, tinha morrido.

Entrevistadora – e essas terras que você viviam lá? Vocês venderam pra poder ir pro juazeiro?

Entrevistado – essas casas o que?

Entrevistadora – essas terras, que a vó vivia lá. Ela vendeu pra poder vim pro juazeiro? Ou não era dela?

Entrevistado – quando a gente vivia lá no Pernambuco, esse acontecimento comigo era numa outra parte do Pernambuco. Mas minha mãe tinha mudado daquela parte do Pernambuco, o estado é grande né?

Entrevistadora – é.

Entrevistado – ela deixou o estado que minha madrinha morava e veio morar noutra estado. Ai a gente veio morar pra, noutra estado. Ai a gente morava nesse lugar, mas minha mãe, esse terreno que minha mãe morava era, era alugado. Alugado, pagava minha mãe pagava sacaria pagava com num sei quantos saco de legume.

Entrevistadora – aham plantava pra ela e pro dono.

Entrevistado – plantava e colhia e dava uns saco pro dona da terra.

Entrevistadora – unhum, plantava o que tia?

Entrevistado – hum, plantava feijão, fava, milho, mandioco, angú, cuscuz, minho né? bucado de coisa. O que precisa plantar pra comer, minha mãe plantava. E a gente trabalhava na enxada, e tinha muito legume, tinha muito legume graças a Deus. E ainda dava uma sacada de legume pro dono da terra né? Ainda ficava, que a gente e o dono ainda tinha legume pra plantar pra nós.

Entrevistadora – as sementes?

Entrevistado – sementi, semente. Milho, feijão, favá, andu.

Entrevistadora – mas no juazeiro a senhora num plantaram não?

Entrevistado – não, quando a gente morava no juazeiro, no juazeiro eu tive que viver.

Entrevistadora – com calor? Quer ir lá pra sala?

Entrevistado – tá um calor danado, bora lá pra perto tem um ventim um café.

Entrevistadora – quero café não, quero só agua.

Entrevistado – pois é, ó meu deus do ceu. Graças a deus no juazeiro a gente vivia, mas nunca passamo fome não, trabalhava nas casa né? Trabalhamo nas casa tudo chácara grande sabe, oxi. (som de pássaros)

Entrevistadora – fecha essa também tia?

Entrevistado – não essa não não, que o vento não corre, não entra e fica calorenta.

Entrevistadora – e o ventilador que a senhora comprou tá funcionando?

Entrevistado – ventilador tá, tá o grandão ali num funciona não. Tá desmantelado o bicho vei, comprei mandei, parou de funcionar, mandei endireitar. Funcionou três dias num funcionou mais parou de novo. Pois é minha filha, sei que eu sofri muito foi nas mãos de minha tia madrinha. Sofri muito.

Entrevistadora – josefá

Entrevistado – Josefá, mas num era porque minha mãe num pudesse me criar não. Minha mãe tinha dez filho, mas graças a deus nunca passou fome nas mão dela.

Entrevistadora – plantava

Entrevistado – pois é.



Entrevistadora – todo mundo plantava na nossa família?

Entrevistado – tudo, todo mundo plantava.

Entrevistadora – sua avó também?

Entrevistado – minha avó também, também, também, todo mundo plantava, todo mundo plantou legume.

Entrevistadora – e mesmo assim gostaram de morar no juazeiro que num tinha dava plantar?

Entrevistado – a gente morava na rua, no juazeiro a gente morava na rua né?

Entrevistadora – num tinha sítio né?

Entrevistado – num tinha sítio, nem cidade, morava na rua. Quando a gente chegou lá no juazeiro levaram um cidadão lá e levou agente pra morar lá perto do Crato. Perto do Crato, más mãe minha levou também milho e feijão pra plantar lá onde a gente foi morar, mãe trouxe no caminhão que a gente veio no caminhão de romeiro né? Mãe trouxe a sacaria de feijão, fava, milho, farinha, trouxe, mas quando fumo morar lá perto do Crato minha mãe ficou plantando mode um cidadão lá, tinha um terreno lá perto do Crato, interior da cidade né? Ai levou mãe pra morar lá, entrou numa casa pra morar, ai tinha um baixiu assim, ai minha mãe.

Entrevistadora – no buriti é?

Entrevistado – não,

Entrevistadora – no buriti tem um baxiu assim.

Entrevistado – não, lá no interior da cidade do Crato né? Pois é num sei o nome do lugazim, num to lembrado o nome. Minha mãe plantou, plantava mais ai, plantava, nascia, num chovia.

Entrevistadora – morria

Entrevistado – de novo, plantava, nascia, morria. Que a chuva era pouquinha num tinha que desse. Ai minha mãe, quer saber de uma coisa minhas filhas? Nos vamo pra cidade de juazeiro, porque aqui num vai dá não, plantando roça aqui num vai dá não.

Entrevistadora – o padre Cícero era vivo? Não né?

Entrevistado – era não, era não. morando aqui num vai dá não, que eu vou botar o milho, o ligume todim debaixo da terra, nasci e se acaba. Nasce e morre, nasce e morre vamo pra cidade. Na cidade vai ter que ser diferente o trabalho, eu vou tecer na lavadeira e vocês vão ter que ser cozinheira nas casas, vocês vão ter que se empregar nas casas, e assim foi. Chegamo nos viemos na cidade, ai comecemos numa cazinha alugada, mas i ai, minha mãe começou a procurar roupa pra lavar. Precisa de lavadeira não senhora? A senhora num tá precisando de lavadeira? Quem precisava queria, quem não precisava não queria, mas de qualquer maneira começou de lavar roupa né. E eu e as minha irmã começou, comecemos

tudo nas casa, uma de cozinheira, outra de arrumadeira, outras de babá de criança e ai vivemos até muito tempo, até se casar.

Entrevistadora – e meu avó fazia o quê?

Entrevistado – o José?

Entrevistadora – o José Izidro.

Entrevistado – o José, o João era meus irmão e o José, João e o Manoel. Tudo procuraram emprego, tudo procuraram emprego. Faxineiro nas casa, empregado de jardim pra ficar aguando jardim, limpando, plantando, virando, mexendo né?

Entrevistadora – unhum

Entrevistado – outros era, o Manoel era pra? Num se o que motor, comotor fazer num cê o que, nem me lembro mais o que era. Motor, trabalhando no negócio lá que tinha que movimentar com o motor, num to mais lembrado o que era não. E o João tinha que trabalhar com o jumento, trafecando com carga, de jumento, montava no jumento.

Entrevistadora – colocava a carroça

Entrevistado – é, colocava a carroça e levava o que fosse preciso, levava num sei pra onde, num sei pra onde, pro Crato, num sei pra onde que fosse, e assim começou até.

Entrevistadora – nenhum de vocês foram pra escola?

Entrevistado – hum

Entrevistadora – Nenhum de vocês foram pra escola estudar?

Entrevistado – mas o interesse de estudar era pouco, a vergonha na cara era pouco. Eu fui foi muito pra escola, até que eu aprendi a conhecer o ABC. Até que eu conheci o ABC. Mas era pra eu ter estudado mais, mas num. Das minhas irmã, a Lurde, a Rosa, a Severina aprendeu nada, nada nada. Eu que me interessei pra ir pra escola, porque onde eu trabalhava na lavadoura que eu trabalhava, assim passando na terceira casa é a escola, uma casa que dava aula.

Entrevistadora – anham

Entrevistado – ai eu ia estudar. A dona minha patroa, vai querer não, vai pra escola não? Eu vou eu vou. Ai eu ia. Até que aprendi mais ou menos, mas teve delas que num sabe nem o que é um ó.

Entrevistadora – ah meu deus.

Entrevistada – mas também num aprendi muito bem não, que minha relaxidão era muito, né?

Eu num fazia conta da leitura. Mas num é? Menino que num leva peia tem que ser burro.

Entrevistadora – Estudar que é bom

Entrevistada – tem que ser burro, num estudava não.

Entrevistadora – mas Tia, más essa sua tia era ruim.

Entrevistada – era criatura, era ruim. Nunca pariu ninguém, num sabia a dor dum filho né?

Entrevistadora – ela ficou sozinho o resto da vida com o marido?

Entrevistada – num sabia a dor dum filho que nunca pariu.

Entrevistadora – ai nem ela cuidou de mais nenhuma criança?

Entrevistada – não, não, não, não. Só mais o marido mesmo. Ai o marido foi pra são Paulo, deixa eu te dizer como ela terminou, o marido levou pra são Paulo, levou ela pra são Paulo, o marido dela o padinho levou ela pra são Paulo, ai num sei lá, num sei contar bem não porque num sei, ele se separou dela e juntou-se com outra muié, juntou-se com outra muié. Ai uma conhecido nossa de juazeiro foi pra são Paulo também, ai encontrou-se com ela, ai encontrou-se com ela, madinha zefá, ai ficaram conversando, se entendendo, se conhecendo, a respeito de juazeiro, a respeito de são Paulo, e ela falou pra ela, falou pra ela que tinha uma irmã em juazi, maria zefá né, como é o nome de sua irmã que mora no juazeiro? Maria izidoro, eu conheço, eu conheço, muié eu conheço, ai essa que é separada de meu padim, ai resolveu ela de lá sem trabalhar, também num estudou num sabia de nada. Ai vivia lá vivendo num sei como, dá nem pra explicar como é, que num sei como é que ela vivia lá. Ai, ela disse se a senhora quiser, a pessoa que vei morar no juazeiro que foi pra lá, se a senhora quiser ir pra juazeiro eu levo a senhora, quando for pra lá eu levo a senhora. Ela disse eu quero, eu quero morar mais minha irmã, eu quero. Ai a minha mãe, muié foi e trouxe ela lá pra casa, mas minha mãe tinha raiva dela porque sabia, soube o que como ela me criou, minha mãe tinha mágoa dela.

Entrevistadora – é vocês já tudo crescido, mas ela não tinha esquecido.

Entrevistada – tinha mágoa dela, porque ela não esqueceu o que ela fazia comigo. Ai, ela morando lá em casa com minha mãe, minha mãe tinha outra irmã minha que morava com ela, uma irmã bem velha, bem mais velha do que eu, bem encosta na Lurde, que a Lurde é a primeira e as outra era a segunda, a Anita, ai a anita era a velha, mas era um pouco perturbada e gostava de brincar com boneca.

Entrevistadora – eu lembro, eu conheci a Anita que ela guardava um monte de boneca que ela encontrava.

Entrevistada – pois é, gostava de brincar de boneca. Ai a minha madinha achava que a Anita tava tirando, que essa madinha minha gostava de fazer coberta de retalho, sabe o que é coberta de retalho né?

Entrevistadora – sei

Entrevistada – gostava de coberta de retalho, ai entendeu de dizer que a Anita tava tirando os retalho dela pra fazer roupa pra boneca. Não nunca buli no seu retalho não, buliu que num tá aqui todos os retalho, num tá aqui, tinha mais retalho, agora só tem esse. Ai um dia mãe deu uma cabada de vassoura, que ela tava dizendo que anita tinha tirado o retalho dela, né? Minha mãe já tinha raiva por causa de mim né? E ai ela mudou pra perto de anita, e Anita eu num mexi no seu retalho de jeito nenhum. Mexeu, mexeu que num tá aqui todo meu retalho, num tá aqui tudo não, você tirou. Um dia mãe também entrou na confusão e ainda deu uma cabada de vassoura. Más num foi por causa disso que ela morreu não. Mas ela morreu na companhia de minha mãe.

Entrevistadora – olha quer dizer que ela não cuidou de você, e no final dos dias a sua mãe cuidou dela.

Entrevistada – vei de são Paulo pra minha mãe cuidar dela.

Entrevistadora – Tia agora é engraçado assim, como as pessoas iam pra são Paulo, ia pra alagoas, pra juazeiro pra todo lugar néra tia? Tinha coragem mesmo né?

Entrevistada – é

Entrevistadora – Mas hoje Tia a gente conhece os lugares por causa da televisão da internet, então você como é que você vai, o que você vai encontrar. Você vê no mapa o lugar que você pode ficar, e tudo mais. Más antigamente não tinham essas informações, as pessoas iam pra ver o que aconteciam. Né?

Entrevistada – é

Entrevistadora – a senhora mesmo quando foi pra são Paulo, alguém foi lhe buscar lá?

Entrevistada – não, quando fui pra são Paulo, passei um ano e meio más tinha muita saudade da minha mãe, tava com um ano e meio que não via minha mãe e eu tava com uma saudade, eu mandava carta pra ela, ela mandava, tornava e dizia como tava e tudo, mas minha saudade aumentava sabe, um ano e meio sem vê ela. Oh meu Deus, Até que eu falei pra dona Lina, Dona Lina eu acho que eu vou mim bora, vou pra juazeiro, vou pra juazeiro que tô morrendo de saudade de minha mãe. Ai ela disse Tá ta bom então vá, mas você volta né? Volto, vou só pra ver minha mãe, pois eu volto. Ai ela mandou meu patrão, marido dela me levar pra rodoviário e ele me botou dentro do ônibus. Ai você vai, quando for, nem me lembro o mês que vim, quando for daqui um dias vou lá, vou lá também, vou atrás de você. Ela também tinha parente em juazeiro né, disse eu vou lá, nesses dias daqui pro fim do mês eu vou lá também, quero ver a dália que nunca mais eu ví, dália era uma irmã dela, quero ver a Dalia que nunca mais eu vi, eu vou lá e trago você de volta. Você vem de volta? Eu digo vou. Ela gostava de mim de mais, porque era eu e o ponteiro de relógio pra trabalhar eu nem comia, eu

nem comia eu tava da grossura de uma vara, eu não tinha tempo de comer, eu não tinha tempo de comer.

Entrevistadora – trabalhando.

Entrevistada – eu era que fazia tudo dentro da casa dela, tudo tudo tudo, lavava roupa, fazia comida, engomava, limpava a casa, tudo, tudo eu. Pra tudo, tudo eu, fazia tudo. Quando era na hora de eu ir comer, eu tinha que deixar o prato lá e pegar a menina e ir deixar no colégio. Ai quando chegava do colégio, num era tão perto o colégio, eu chegava do colégio havia tanta coisa pra mim fazer que eu num ia deixar pra botar comida.